

ARTES VISUAIS

LEITURA DE IMAGENS E OBRAS DE ARTES
VISUAIS: EDUCAÇÃO E GÊNERO

MARIA DO CARMO BARROS ARAÚJO
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

João Pessoa - 2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES

Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM REDE NACIONAL
PROF-ARTES

Maria do Carmo Barros Araújo

LEITURA DE IMAGENS E OBRAS DE ARTES VISUAIS:
EDUCAÇÃO E GÊNERO

João Pessoa - PB

2023

MARIA DO CARMO BARROS ARAÚJO

LEITURA DE IMAGENS E OBRAS DE ARTES VISUAIS:
EDUCAÇÃO E GÊNERO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES) – UFPB, para Conclusão de Mestrado, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação em Artes. Área de concentração: Ensino de Artes. Linha de Pesquisa: Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes.

Orientador: Professor Dr. Arthur Marques de Almeida Neto.

João Pessoa - PB

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A6581 Araújo, Maria do Carmo Barros.

Leitura de imagens e obras de artes visuais :
educação e gênero / Maria do Carmo Barros Araújo. -
João Pessoa, 2023.
154 f. : il.

Orientação: Arthur Marques de Almeida Neto.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Educação. 2. Obras de artes visuais. 3. Gênero.
4. Feminismo. I. Almeida Neto, Arthur Marques de. II.
Título.

UFPB/BC

CDU 37(043)

MARIA DO CARMO BARROS ARAÚJO

LEITURA DE IMAGENS E OBRAS DE ARTES VISUAIS: EDUCAÇÃO E
GÊNERO

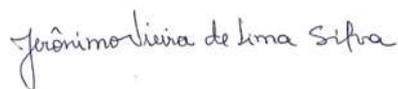
Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes
no Programa de Pós-Graduação em Artes em Rede Nacional PROF-ARTES da UFPB.

Defesa em 28 de fevereiro de 2023.

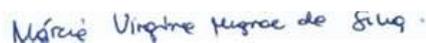
Banca Examinadora:



Professor Dr. Arthur Marques de Almeida Neto
Orientador - PROF-ARTES/UFPB



Professor Dr. Jerônimo Vieira de Lima Silva
Avaliador Interno - PROF-ARTES/URCA



Professora Dr^a Márcia Virgínia Mignac da Silva
Avaliador Externo – PPGDANÇA/UFBA

João Pessoa
2023

*Quero poder ocupar na sociedade um lugar igual
ao do meu companheiro. Igual ao nascer e no
morrer, havemos também de ser iguais no viver
[...].*

À voz feminina - Lisboa 1968

AGRADECIMENTOS

Um trabalho de dissertação de mestrado sempre é um trabalho coletivo, no qual existe muitas colaborações de pessoas, de forma mais íntima ou superficial. Ressalto que todas as colaborações são de grande importância, caso contrário, não seria um trabalho completo.

Sendo assim, agradeço todas as pessoas que contribuíram de maneira direta ou indireta para a realização desse trabalho e para o meu desenvolvimento e crescimento intelectual e crítico. Portanto gostaria de destacar algumas.

Ao professor doutor Arthur Marques de Almeida Neto, pela grande colaboração, competência, paciência e carinho para comigo em todos os momentos nessa trajetória, pelos ensinamentos e orientação de como conduzir essa pesquisa.

Ao Professor doutor Fernando Abath, pela sua disponibilidade e boa vontade de nos proporcionar ensinamentos tão relevantes durante as aulas do mestrado e após as aulas sempre que busquei para tirar dúvidas me ajudou com paciência e atenção.

As professoras doutoras Márcia Strazzacappa, Paula Coelho, Josélia Vieira e Roberta Ramos, aos professores doutores José Tonezzi, Victor Hugo de Oliveira, Guilherme Schulze e Marcelo Coutinho, pelas horas dedicadas às aulas do Mestrado e por todos os ensinamentos importantes.

A minha mãe Maria da Guia (in memoriam) e ao meu pai José Raimundo (in memoriam) presentes em minha vida nas lembranças e saudade, que me deram embasamentos tão sólidos e importantes para minha formação como pessoa do bem.

As minhas irmãs Elisabeth, Selma Cristina, Joelma e Ana Goreth (in memoriam) e aos meus irmãos, Adalberto, Adaelson, Adailton, Ailton e Paulo César, pelo apoio e compreensão da minha ausência em alguns momentos nas suas vidas onde não pude participar.

As minhas amigas e amigos do mestrado, pela importante troca de conhecimentos e que, tantas vezes, tiramos dúvidas nos ajudando nessa caminhada.

A direção da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Hugo Moura, pela colaboração dada para que eu pudesse desenvolver minha pesquisa na escola.

Em especial, agradeço às alunas e alunos que participaram da pesquisa com dedicação e entusiasmo, sem elas e eles não seria possível a realização da pesquisa.

A CAPES, pelo apoio financeiro para realização deste trabalho.

A Matheus Araújo Ramos, meu sobrinho, pelo incentivo na busca da realização desse mestrado, sua colaboração foi de grande importância para que eu chegasse até aqui.

E especialmente agradeço a Ana Clara e Beatriz, minhas filhas, pela colaboração e ajuda em muitas questões da tecnologia, nas quais elas têm maior domínio. Sem essa ajuda, tudo teria sido muito difícil. Também agradeço a compreensão de algumas horas que tive que me ausentar das suas vidas, mas que, ao longo dessa minha caminhada, elas têm me dado força, alegrias e grandes ensinamentos, fortalecendo minha esperança de seguir na busca de melhorar a cada dia, enfrentar desafios, para que, assim, possamos construir uma história, sempre buscando um mundo melhor e mais justo para todas as mulheres.

Agradeço também a todas as pessoas não citadas, mas que tiveram participação nessa minha trajetória, pessoas que me estimularam e me apoiaram a seguir nessa busca. Meu muito obrigada a todas e todos.

RESUMO

Discute-se o processo e aplicação de uma intervenção político-pedagógica na escola-campo, para promover a reflexão no trato com questões de gênero, a partir do trabalho desenvolvido nas aulas de Artes Visuais, com alunas e alunos dos 8º e 9º anos na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Hugo Moura, situada no bairro do Padre Zé na cidade de João Pessoa/PB. Parte-se da leitura das obras de artistas mulheres brasileiras, feministas, que nas suas criações artísticas, abordam as questões de gênero. Essa discussão é trazida para a sala de aula a partir da Abordagem Triangular sistematizada por Ana Mae Barbosa (1998), a qual direciona para a leitura de obras de arte visuais partindo da triangulação: conhecer, contextualizar e criar. Promove-se a reflexão das(os) discentes nas aulas de Artes sobre as questões de gênero, em especial, as desigualdades de gênero e as definições de papéis de gênero que geram preconceitos e violência, considerando, para além da triangulação, a exposição dos trabalhos produzidos pelos discentes em sala de aula em plataforma de mídia de rede social (Instagram), como culminância da metodologia de ensino. Contextualiza-se as discussões de gênero no Brasil, na educação e nas Artes Visuais. Relata-se as aulas e o processo dos trabalhos de criação artística, tanto para se refletir sobre a prática docente quanto para perceber o processo como intervenção político-pedagógica. Indiretamente, considera-se os discursos de gênero sobre os trabalhos expostos. Reflete-se sobre a expressividade dos trabalhos no trato das questões de gênero. Considera-se o ensino da arte como uma área do conhecimento potente para o trato das questões de gênero. A pesquisa participante, com abordagem de natureza qualitativa, propõe oportunizar e contribuir com a formação de sujeitos reflexivos e conscientes do seu papel no mundo: sujeitos que pensam, agem e transformam o mundo onde estão inseridos, assim como (re)afirma o papel da escola no enfrentamento das questões abordadas.

Palavras-chave: Educação, Leitura de imagens e obras de artes visuais, Gênero, Feminismo.

ABSTRACT

This research consists in discussing the process and the application of a political-pedagogical intervention that promotes reflections about gender discourses in school from drawings, paintings and art reinterpretations created by 7th and 8th grade students on visual arts classes at the Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Hugo Moura, located on Padre Zé in João Pessoa/PB. Using art works by Brazilian feminist women, that make their art a critic expression about gender inequality, this discussion is brought to the classroom by the Triangular Approach of Ana Mae Barbosa, which leads us to interpreting art through the triangulation: get to know, contextualize and create. Thus, we can instigate the students to think about gender inequality and discrimination, especially the prejudices and violence generated by gender roles, considering, in addition to the triangulation, the development and exposition of the students' art works, shared on digital media (Instagram), as a result of this teaching methodology. The gender discourses are contextualized in Brazil, in education and in Visual Arts. The classes and the process of artistic creation are reported to contemplate the teaching practice itself and to perceive the process as a political-pedagogical intervention. Concomitantly, we consider the gender discourses regarding the exposition and reflect about the produced works' expressiveness about gender inequality. Art is used as a learning tool to discuss gender issues. The intent of this qualitative research is to contribute with the growth of conscious and critical beings, able to acknowledge their roles in the world as active people who can think and transform what surrounds them, and emphasize the schools' crucial role in the confrontation of gender issues.

Keywords: Education, Art Works Interpretation, Gender, Feminism.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Imagem: Angel Boligan.....	51
FIGURA 02: Imagem: Lisa Donnelly.....	51
FIGURA 03: Imagem: Adriana M. Soto	51
FIGURA 04: Imagem: Plantu	51
FIGURA 05: Imagem: Cecile Bertrand	52
FIGURA 06: Imagem: Patrick Chappatte	52
FIGURA 07: Imagem: Cristina Sampaio	52
FIGURA 08: Imagem: Nicolas Vadot	52
FIGURA 09: Imagem: Rayma Suprany	52
FIGURA 10: O Torso/Ritmo	54
FIGURA 11: Luto Como Mulher	55
FIGURA 12a.: Bastidores	59
FIGURA 12b.: Bastidores	59
FIGURA 12c.: Bastidores	60
FIGURA 13: A Morte da Dona da Lua	60
FIGURA 14: Memorial da Democracia	61
FIGURA 15: Protesto sobre as vítimas de Transfobia	65
FIGURA 16: A Negra	66
FIGURA 17: Sou Presa Fácil	67
FIGURA 18: Medo	67
FIGURA 19: Desenho e pintura 1	73
FIGURA 20: Desenho e pintura 2	74
FIGURA 21: Desenho e pintura 3	74

FIGURAS 22a, 22b, 22c, 22d, 22e Desenho e pintura 4.....	75
FIGURA 23: Desenho e pintura 5.....	76
FIGURA 24: Desenho e pintura 6.....	76
FIGURA 25: Desenho e pintura 7.....	77
FIGURA 26: Desenho e pintura 8.....	78
FIGURA 27: Desenho e pintura 9.....	78
FIGURA 28: Desenho e pintura 10	79
FIGURA 29: Desenho e pintura 11.....	80
FIGURA 30: Desenho e pintura 12.....	80
FIGURA 31: Desenho e pintura 13.....	81
FIGURA 32: Desenho e pintura 14.....	81
FIGURA 33: Desenho e pintura 15.....	82
FIGURA 34: Desenho e pintura 16.....	82
FIGURA 35: Desenho e pintura 17.....	83
FIGURA 36: Desenho e pintura 18.....	84
FIGURAS 37a, 37b. Desenho e pintura 19.....	84
FIGURA 38: Desenho e pintura 20.....	85
FIGURA 39: Desenho e pintura 21.....	86
FIGURA 40: Desenho e pintura 22.....	86
FIGURAS 41a e 41b Desenho e pintura 23.....	87
FIGURA 42: Releitura de obra de arte 1.....	88
FIGURA 43: Releitura de obra de arte 2.....	88
FIGURA 44: Releitura de obra de arte 3.....	89
FIGURA 45: Releitura de obra de arte 4.....	89
FIGURA 46: Releitura de obra de arte 5.....	90
FIGURA 47: Releitura de obra de arte 6.....	91

FIGURA 48: Releitura de obra de arte 7.....	91
FIGURA 49: Releitura de obra de arte 8.....	92
FIGURA 50: Releitura de obra de arte 9.....	93
FIGURA 51: Releitura de obra de arte 10	94
FIGURA 52: Releitura de obra de arte 11.....	94
FIGURA 53: Releitura de obra de arte 12.....	95
FIGURA 54: Releitura de obra de arte 13.....	96
FIGURA 55: Releitura de obra de arte 14.....	97
FIGURA 56: Releitura de obra de arte 15.....	97

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. QUESTÕES DE GÊNERO NO BRASIL, UMA TRAJETÓRIA, IMPORTANTES CONQUISTAS	22
1.1. QUESTÕES DE GÊNERO NO ENSINO BRASILEIRO.....	30
1.1.1. Políticas Públicas de Educação no Brasil, PNE, LDB, PCN e Temas transversais.....	32
1.2. O GÊNERO NAS ARTES VISUAIS	36
2. (DESIGUALDADE DE) GÊNERO: UMA ABORDAGEM NO ENSINO DAS ARTES VISUAIS	41
2.1. A ABORDAGEM DE GÊNERO PELAS ARTES VISUAIS NA ESCOLA: UMA INTERVENÇÃO POLÍTICO-PEDAGÓGICA.....	49
2.2. DISCURSOS DE GÊNERO NA ESCOLA-CAMPO.....	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	104
APÊNDICE 01	109
APÊNDICE 02	114
APÊNDICE 03	118
APÊNDICE 04	126
APÊNDICE 05	131
APÊNDICE 06	135
APÊNDICE 07	142
APÊNDICE 08	145
APÊNDICE 09	149
ANEXO	150

INTRODUÇÃO

A questão de gênero na escola é uma realidade invisível e o silenciamento em torno do tema, além de reforçar as desigualdades, pode contribuir para a manutenção dos conflitos. Para a professora e pesquisadora Guacira Lopes Louro (2003)¹, a escola produz esse silenciamento, uma vez que a preocupação com a sexualidade não é apresentada de forma aberta. E, embora as questões de gênero estejam presentes em todos os dispositivos de escolarização, o silenciamento se mantém, talvez pelo fato de muitas/os professoras/es não se sentirem seguras/os ou preparadas/os para tratarem disso, ou ainda não atentaram para o fato da necessidade de inclusão do tema no currículo escolar e nas práticas pedagógicas, omitindo-se da discussão de um tema tão relevante.

Segundo Louro (2003, p. 80), afirmações como: “em nossa escola nós não precisamos nos preocupar com isso, nós não temos nenhum problema nessa área” ou “nós acreditamos que cabe à família tratar desses assuntos” indicam que existe uma ideia de que ao não se falar sobre o assunto, a escola não precisa se envolver e nem buscar enfrentamento de conflitos sobre questões de gênero.

Diante dessa realidade - e da minha experiência como professora licenciada em Artes Visuais, atuando no ensino das artes em ambiente formal de ensino há 18 anos, - percebo que há problemas na escola que espelham os problemas da nossa estrutura social, como a violência, a desigualdade econômica, a vulnerabilidade social, entre outras.

Por sua vez, a desigualdade de gênero está associada a todas essas questões. Por definição, a desigualdade de gênero pode ser compreendida como a desigualdade existente entre homens e mulheres, em vários aspectos como; a mulher receber salário inferior ao homem exercendo a mesma função, ou, a dificuldade que a mulher enfrenta para se inserir no campo da política, esportes e da ciência. No qual por muito tempo, o poder cisheteropatriarcal ainda considera a mulher inferior em relação ao homem. Em estratégia de opressão, algumas mulheres ainda estão/são, privadas do acesso à educação e de oportunidades de trabalho fora do âmbito doméstico.

¹LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes 2003.

Manifestada na escola, a desigualdade de gênero é tema que carece de atenção, na perspectiva de promover uma educação para a democracia (AUAD, 2018). Nesse intento, considero urgente o desenvolvimento de estudos, teorias e práticas educativas que, nesse sentido, problematizem a estrutura social e possibilitem a reconstrução e transformação do modelo de educação tradicional, com crenças e moral que ainda lidam com a desigualdade de gênero, materializadas em práticas machistas e até certa medida, misógina.

Então, esse trabalho surgiu da necessidade de desenvolver uma pesquisa voltada para as questões de gênero, enfocando o tema da mencionada desigualdade de gênero e papéis de gênero - na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Hugo Moura, localizada no bairro Padre Zé, na cidade de João Pessoa – Paraíba, onde atuo como professora do componente curricular Artes, desde o ano de 2012.

A prática de ensino de Artes na escola pública tem sido um desafio diário, principalmente para o ensino das artes visuais, que enfrenta diversas dificuldades, que vão desde a estrutura física à estrutura pedagógica. Em meio a essas barreiras, busco em embasamentos teóricos para a abertura de caminhos norteadores que possam facilitar o trabalho em sala de aula, dentre elas, cito como as principais os trabalhos de Barbosa (1998), Dewey (2010), Loponte (2005), Freire (1987), entre outras.

As práticas educacionais que desenvolvo em sala de aula tem como foco principal a/o aluna/o, criando um elo entre suas próprias vidas e todo o conteúdo artístico do plano de ensino, que passa pela história da arte, por discussões sociais, como as questões de gênero, e todas as formas de preconceitos, entre outros temas relevantes que acontecem na sociedade, trazendo esses temas à discussão para serem estudado e refletido a partir da criação, interpretação e contextualização da arte.

Com o passar dos anos e com a experiência, pude perceber metodologias de ensino mais viáveis para trabalhar em sala de aula. Dentre essas metodologias, a leitura de imagens direcionada a partir da abordagem triangular (BARBOSA, 1998), demonstrou ótimos resultados em relação a capacidade e interesse das/os alunas/os na participação das aulas, pois, vivemos num mundo cercados de imagens - (FREIRE, 1987). A leitura de imagem precede a leitura da palavra. Nesse sentido, presumi também um grande potencial para a inserção de discussões e problemáticas sociais a partir desta metodologia, tendo em vista o despertar, entre os discentes, de um pensamento crítico para o desenvolvimento de cidadãos autônomos (FREIRE, 1987). Assim, tenho como premissa que o papel da Arte na escola,

segundo os PCN (BRASIL, 1998), é propiciar o desenvolvimento do pensamento artístico, crítico e reflexivo que possa ampliar a sensibilidade e percepção da/o aluna/o em relação a produção artística e cultural, tanto na ação das suas realizações, quanto da apreciação e do conhecimento de obras de diferentes culturas.

Como se verifica em estudos realizados anteriormente, a exemplo dos trabalhos de Louro (2003), situações como LGBTfobia, misoginia, racismo, entre outras formas de violência são recorrentes nas escolas e na sociedade. Trazer para a sala de aula o tratamento das desigualdades que geram essas violências, que se manifestam de várias formas, pode gerar reflexões sobre o combate: é uma maneira de conscientizar e trazer à discussão as questões de gênero, tão “silenciadas” nas escolas.

Na perspectiva de discutir como os discursos de gênero se manifestam dentro das escolas e, sobretudo, como são abordados nas obras de arte, estimei o desenvolvimento de trabalhos de desenhos, pinturas e intervenção em obras de artes, a partir de leitura/interpretação de imagens, com as/os alunas/os nas aulas de artes visuais. Parti do conhecimento e apreciação de obras de artistas mulheres que tratam do tema gênero para que as alunas e os alunos criassem seus próprios trabalhos dialogando sobre o tema em questão. O resultado desses trabalhos gerou uma exposição na mídia social Instagram, sob o título: @generoeartenaescola. A partir da realização dos trabalhos e da exposição, discuto como as questões da desigualdade e papéis de gênero foram expressos.

A abordagem metodológica a partir da leitura de imagem se tornou o principal pilar de ensino na minha atuação docente. Portanto, interpretar obras de arte que abordem o tema em questão tem se revelado importante, para o direcionamento e o desenvolvimento de um pensamento crítico sobre as questões de gênero, e assim poder gerar discussões acerca dos problemas sociais.

A partir do exposto, a pergunta norteadora que faço na pesquisa é:

Será que o desenvolvimento de uma intervenção político-pedagógica a partir de leitura/interpretação de imagens e criação de desenhos e pinturas desenvolvidos pelas/os alunas/os nas aulas de artes visuais, sob a temática de papéis de gênero, pode auxiliar no combate ao preconceito e ajudar na forma de lidar com conflitos na escola?

Assim, a pesquisa proposta busca refletir sobre discursos de gênero a partir de trabalhos de artes visuais desenvolvidos pelas/os alunas/os na escola por meio da Abordagem

Triangular² sistematizada por Barbosa (1998), relacionando com obras de artes que tratam do tema em questão.

A Abordagem Triangular não é uma metodologia, conforme explicam vários artigos organizados no livro **Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais**. (BARBOSA; CUNHA, 2010). Como Barbosa (2010, p. 11) fala, “metodologia quem faz é o professor”. Apesar de ter sido muito distorcida por inúmeras interpretações erradas, é um direcionamento para desenvolver estudos de leitura de obras de arte.

A Abordagem Triangular não aponta o que fazer, ela direciona no campo do conhecimento e nos viabiliza possibilidades de aprender e ensinar arte, pois, a partir do conhecimento e contextualização de obras de artes as/os alunas/os se sentem mais inspiradas/os e criativas/os para desenvolver seus trabalhos artísticos. Portanto, a relação da criação e pesquisa em artes visuais com a apresentação (ver/apreciar), análise (contextualizar) e (re) criação, a partir das obras selecionadas, importa nesse trabalho, uma vez que as desigualdades de gênero se consolidaram em nossa sociedade, devido ao grande atraso em desenvolverem políticas educacionais voltadas para essas questões.

Nesse sentido, para um melhor entendimento do que se trata essa proposta, é necessário destacar o termo feminismo a partir do discurso de gênero, abordando sobre a importância desses movimentos para mudanças significativas e o quanto ainda temos que desenvolver estudos e aplicar em nossas escolas para que possamos gerar questionamentos e contribuir no processo de desconstrução de preconceitos e combate às desigualdades e as discriminações. As questões de gênero sempre estiveram, historicamente, atreladas às questões feministas. Na atualidade, as questões de gênero são ampliadas pelos discursos da militância da comunidade LGBTQIAPN+.

Desmistificar esse termo – feminismo é um ato político e social, uma atitude de reflexão sobre as questões preconceituosas que se construíram em torno dele. Discutir o termo nas salas de aulas - é de grande importância para compreender como as desigualdades foram construídas socialmente e como as lutas feministas vêm combatendo essas desigualdades. É

² A Abordagem Triangular, que em 1991 foi divulgada com o nome de Metodologia Triangular, no livro *A imagem do Ensino da Arte*, foi revisada e mudada para Abordagem Triangular em 1998 no livro *Tópicos utópicos*, só em 2009 foi atualizada diretamente no livro que a lançou uma 7ª edição. A Abordagem Triangular foi tomada como referência para orientar as propostas governamentais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998) para a área de arte.

na escola que podemos promover mudanças e transformações dentro de um processo educativo, uma vez que a escola faz parte da sociedade.

Para bell hooks (2013, p. 273)³, é importante promover uma educação transformadora, reflexiva e com respeito a diversidade, e “a sala de aula com todas as limitações continua sendo um ambiente de possibilidades”. É imprescindível uma educação voltada para a liberdade que desperte a reflexão sobre as desigualdades e invisibilidades das mulheres, principalmente as mulheres negras: uma educação com vistas a romper com as tradições e heranças culturais.

Compreender o papel da educação na sociedade e como ela pode ser relevante nas lutas contra as desigualdades é extremamente importante para a construção de um mundo mais justo e igualitário. Abordar temas que possam despertar reflexões em nossos educandos (crianças e adolescentes), para que se tornem adultos conscientes do seu papel no mundo, com respeito às diversidades e livres de preconceitos é nosso dever. Desse modo, se faz necessário estudos e pesquisas que analisem e desenvolvam métodos e práticas que, aplicados à realidade docente e em sala de aula, possam desenvolver as habilidades das/os alunas/os em compreender o mundo em que estão inseridos e sua capacidade de ação e mudança.

Tratar de questões tão complexas quanto às questões de gênero dentro da sala de aula não é tarefa fácil, ainda mais quando está atrelada a arte e ao fazer artístico. No entanto, trazer temas tão relevantes para discutir em sala de aula é o que nos torna conscientes da realidade do mundo em que vivemos. Fazer essa relação é o ponto de partida para elaborar trabalhos de arte que gerem discursos acerca dessa temática. Freire (1987), coloca que ensinar é um ato de formar cidadãos conscientes e reflexivos, a partir de uma pedagogia que luta pela humanização, pela afirmação da identidade como pessoas, pelas mudanças sociais a partir da construção coletiva, da comunicação e do diálogo, no qual nos faz compreender sobre a prática da liberdade como uma pedagogia de ação reflexiva e crítica.

As práticas educacionais da arte, associadas a temáticas presentes na educação, como gênero e suas interfaces sociais, são capazes de comunicar e expressar as diferenças, as individualidades e identidades sociais, ao mesmo tempo que podem revelar outras problemáticas, norteando a educação para uma abordagem mais construtiva e efetiva de

³Registrada como Gloria Jean Watkins, (1952-2021), escolheu o pseudônimo bell hooks, inspirado na bisavó materna, Bell Blair Hooks, homenagem ao legado das mulheres fortes, o nome em letras minúsculas é para priorizar seus escritos e não sua figura, hooks foi uma importante pensadora, escritora, professora, ativista negra norte-americana, escreveu mais de 30 livros com temas sobre gênero, raça, classe, espiritualidade e ensino.

acordo com cada realidade escolar. Então, nessa pesquisa, de caráter qualitativo, lanço mão da narrativa e da discussão das aulas que foram ministradas na escola-campo. Pressuponho que a compreensão do ensino-aprendizagem das Artes Visuais na escola, atravessando o tema Gênero, auxilia numa formação discente consciente do seu papel na sociedade: um ser humano crítico, reflexivo e livre de todas as formas de preconceitos.

Optei por usar no texto dissertativo duas construções de tempos verbais: a terceira pessoal do plural - nós - quando me refiro ao meu lugar de professora e como parte do coletivo de pessoas professoras e primeira pessoa do singular - eu – quando falo da minha experiência, singular, como sujeito que sou e me reconheço, embora um sujeito multifacetada, múltipla, que se identifica no mundo como mulher, professora, mãe, feminista, cidadã, entre outras tantas maneiras às quais sou interpelada no mundo.

Nesse sentido, busquei, nos capítulos que compõem esse trabalho, cumprir os seguintes objetivos: Contextualizar os estudos de gênero no Brasil, na Educação e nas Artes Visuais; Relatar o procedimento das aulas a partir do tema Gênero e aplicação da leitura de imagens e obras de artes e a abordagem triangular; Refletir sobre os discursos de gênero nas aulas de Artes Visuais, com o desenvolvimento e exposição dos trabalhos realizados pelas/os alunas/os.

Acredito que a partir do desenvolvimento de uma intervenção político-pedagógica - uma exposição virtual dos trabalhos realizados com essa temática, junto às turmas dos 8º e 9º anos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Hugo Moura, localizada na cidade de João Pessoa – Paraíba, pôde provocar discursos de combate ao preconceito de gênero na referida comunidade escolar, com a reflexão sobre papéis de gênero, estimulada no processo de intervenção político-pedagógica, compreendido a partir da aplicação da atividade artística/pedagógica nas aulas de artes até o momento da exposição pública virtual dos trabalhos realizados.

A atividade, organizada a partir da abordagem triangular (BARBOSA, 1998), consistiu em criar, contextualizar e ler criticamente obras de Artes Visuais. No caso, obras de arte de artistas mulheres, invisibilizadas artística e historicamente. Proponho que a linguagem das Artes Visuais, através do desenvolvimento da mencionada intervenção político-pedagógica, promoveu oportunidade privilegiada para reflexão junto ao alunado sobre os papéis de gênero construídos histórico-sócio-culturalmente e que, conseqüentemente, reforçam preconceitos

estruturais generificados na sociedade brasileira, em especial, nordestina, paraibana e pessoense.

Para efetivação das aulas de Artes, busquei embasamento em pesquisa bibliográfica que aborda o tema Gênero e sua relação transversal na escola, tal como preveem os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998), para que, a partir desse referencial, eu pudesse tratar as questões de papéis e desigualdades de gênero na escola. Dessa maneira, fizeram parte dos meus estudos referências como: Barbosa (1998), Louro (2003), hooks (2013), Escoura, Lins, Machado (2016), Loponte (2005), Soares (1994), Teles (1993), entre outras.

Após elaborar um planejamento do curso, a partir da Abordagem Triangular (BARBOSA, 1998), que é parâmetro para o ensino da arte no Brasil em ambientes de ensino formais e não-formais, iniciei os trabalhos junto as/os alunas/os. Expliquei como seria todo o processo das aulas, quais os objetivos e metodologia. Ainda que, o processo seria acompanhado de forma virtual, uma vez que as aulas seriam ministradas em modo remoto devido a atual situação da crise sanitária decorrente da Covid 19.

Vale salientar que na realização das aulas, já havia um decreto autorizando a volta às aulas de forma híbrida, pelo fato dos discentes e agentes escolares, em sua maioria, estarem vacinados com pelo menos duas doses da vacina anti-Covid. Entretanto, na escola não havia condições estruturais para que esse retorno fosse possível: entrou em processo de reforma para se adequar às exigências de funcionamento com segurança. Também expliquei que o projeto da pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética na Plataforma Brasil e que os pais ou responsáveis pelas/os alunas/os, participantes da pesquisa, teriam que assinar o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE (modelo em anexo, página 161). A partir de então, as/os alunas/os ficaram livres para participar ou não da pesquisa. Deixei evidente que a participação não seria obrigatória e que, caso as/os participantes quisessem desistir no decorrer do curso, não teriam nenhum prejuízo diante à Instituição, conforme consta no TALE as informações a esse respeito. Assim como a preservação de suas identidades por serem menores de idade.

À princípio, foram selecionadas dezenove alunas/os de duas turmas dos 8º e 9º anos, dez alunas e alunos do 9º ano e nove alunas e alunos do 8º ano. Com o passar dos dias, algumas/uns alunas/os foram desistindo, restando treze alunas/os, sendo: nove da turma do 9º ano e quatro da turma do 8º ano.

As aulas foram divididas em atividades síncronas pelo *Google Meet* e assíncronas pelo *Google Forms*. Elas incluíam leitura de textos de apoio e questionário, visualização de vídeos e imagens, leitura e interpretação de obras de artes, realização de desenhos e pinturas.

As aulas síncronas foram realizadas com a minha participação, com debates sobre o tema estudado, apresentação de slides, interpretação de imagens e orientação sobre os conteúdos estudados, de modo que o estudo ajudasse e facilitasse a compreensão para a realização das atividades propostas nas aulas assíncronas (leitura de texto, respostas de questionário e elaboração de desenhos). No final do curso, senti a necessidade de ministrar três aulas presenciais para instruir sobre algumas técnicas de pintura.

A partir da elaboração de um plano de atividades para as aulas síncronas e assíncronas com os temas mais pertinentes, obras de artes a serem estudadas e atividades que seriam desenvolvidas, objetivos a serem alcançados, conforme cronograma (capítulo 2, p. 44), iniciamos o curso em 15 de fevereiro de 2022 e finalizamos em 05 de abril de 2022.

Dividido em dois capítulos, o dissertativo se organiza da seguinte forma:

No capítulo um intitulado: QUESTÕES DE GÊNERO NO BRASIL, UMA TRAJETÓRIA, IMPORTANTES CONQUISTAS, desenvolvo um breve relato histórico sobre as questões de gênero e a importância do feminismo no Brasil, fazendo uma retrospectiva das lutas sociais das mulheres na busca por direitos igualitários. Embasada em referências como Teles (1993), Soares (1994), Louro (2003), hooks (2013), entre outras, contendo dois subitens; 1.1 - QUESTÕES DE GÊNERO NO ENSINO BRASILEIRO, com estudos sobre as políticas públicas de educação como os PNE, LDB, PCN e Temas transversais. Baseada na análise das professoras e pesquisadoras Vianna e Unbehau. 1.2 – O GÊNERO NAS ARTES VISUAIS, com reflexões sobre a invisibilidade das artistas mulheres e das professoras de artes e sobre a omissão da abordagem do tema gênero nas aulas de arte. Baseada nas referências: Barbosa (1998), Loponte (2005), Louro (2003), entre outras.

No capítulo dois, intitulado: (DESIGUALDADE DE) GÊNERO: UMA ABORDAGEM NO ENSINO DAS ARTES VISUAIS, relato o procedimento das aulas, expondo os temas que seriam estudados, a escolha das obras de artes, os objetivos a serem alcançados, a escolha dos participantes da pesquisa e todas as informações sobre o procedimento do curso, com apresentação do cronograma/plano de aulas, contendo dois subitens: 2.1- A ABORDAGEM DE GÊNERO PELAS ARTES VISUAIS NA ESCOLA: UMA INTERVENÇÃO POLÍTICO-PEDAGÓGICA, trato da narrativa das aulas do curso,

que foram ministradas em 10 (dez) aulas com duração de 45 minutos cada, nas quais abordo temas referentes às questões de gênero, como; Violências e desigualdades de gênero, violência contra a mulher, feminismo, preconceitos de gênero, Leitura de imagens, ditados populares sobre a imagem da mulher, entre outros temas relevantes referentes ao tema gênero, além de orientações e técnicas de desenhos e pinturas. Buscando referências importantes para que pudesse me embasar melhor e conduzir o curso com o máximo de informações e conhecimentos possível. No subitem, 2.2 - DISCURSOS DE GÊNERO NA ESCOLA-CAMPO, desenvolvo uma reflexão sobre os discursos de gênero expressos nos trabalhos realizados pelas/os alunas/os, expostos no Instagram sob o endereço de perfil: @gêneroeartenaescola.

Considero que, ainda, as questões de gênero são pouco abordadas nas escolas. Acredito que pensar e tratar sobre essa questão é pensar sobre a liberdade, o respeito às diversidades e a cidadania. É também pensar em um mundo mais humano e plural e entender que a/o outra/o, independente de como se reconhece no mundo, é alguém que merece respeito, igualdade de direitos sociais e políticos.

Em apêndices página 112, constam; os modelos dos exercícios das aulas assíncronas aplicadas pelo *Google forms* (textos e questionários), os slides que foram apresentados nas aulas síncronas pelo *Google Meet* e em anexo página 151, o modelo do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.

Essa pesquisa reverberou para a criação de outros produtos acadêmicos, a exemplo da minha participação no grupo de pesquisa ARCOPODER: Artes do Corpo, Políticas e Poderes, que desenvolve um projeto de extensão intitulado: “LGBTQIAP+: Diferentes na escola” (@diferentesnaescola – Instagram), compreendendo um curso de extensão sob o título: “Educação AntiLGBTfóbica”, direcionado a professoras e professores da rede pública de ensino e alunas/os dos cursos de Licenciaturas da UFPB. O curso promove um encontro mensal com palestras sobre as questões de gênero, em especial, as que tangenciam a comunidade LGBTQIAPN+, a fim de dar um embasamento e orientação de como lidar com questões de preconceitos sobre essa população nas escolas, pois grande parte das educadoras e educadores não se sentem preparadas/os para lidarem com essas questões. Além do curso, os membros do grupo de pesquisa se reúnem mensalmente para desenvolver estudos, troca de experiências e discussão sobre referências importantes. A participação no grupo foi relevante para a pesquisa, uma vez que ampliou meu conhecimento acerca das questões de gênero que

envolve também a população LGBTQIAPN+. Ainda, como pesquisadora do grupo, pude compartilhar o andamento da pesquisa para membros de outros grupos de pesquisa.

1. QUESTÕES DE GÊNERO NO BRASIL; UMA TRAJETÓRIA, IMPORTANTES CONQUISTAS

Os estudos que tratam das questões de gênero no Brasil desenvolveram-se junto aos diferentes momentos dos movimentos sociais feministas, impulsionados pela busca de romper com paradigmas sociais patriarcais. Esses movimentos sociais vão despertar reflexões acerca de políticas tradicionais, despontando para uma mudança expressiva nas mentalidades e despertando novas formas para compreensão do mundo.

Faço uma breve retrospectiva das lutas feministas no Brasil, para enfatizar como essa luta política trouxe importantes conquistas para as mulheres que foram privadas de vários direitos sociais e políticos, salientando como essas lutas por direitos igualitários despontou no desenvolvimento de importantes estudos, por parte da academia, em relação às questões das desigualdades de gênero.

As lutas das mulheres por equidade e respeito remonta há muitos séculos. Perseguidas como bruxas na Idade Média, passando pelos protestos e confrontos nas ruas até a conquista ao direito do voto, a história da humanidade acompanha as lutas feministas que ainda são travadas nos dias atuais, embora se note muitas conquistas a partir do século XIX.

No final do século XIX as mulheres deram seus primeiros passos efetivos na obtenção de direitos nas lutas contra as desigualdades de gênero, com o movimento sufragista⁴. No Brasil, o movimento iniciou com Bertha Lutz ⁵ (1894-1976), que liderou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, (FBPF),⁶ fundado em 1922, ela se aliou ao movimento feminista internacional, com o propósito de colher orientações para reivindicar direitos

⁴ O movimento Sufragista surgiu no século XIX, em vários países, é um movimento pela busca da participação ativa das mulheres na política e no direito de votar e ser votada. Representou a primeira onda do feminismo, luta histórica pela igualdade de gênero e direito à participação política. <https://mundoeducacao.uol.com.br/politica/sufragio-feminino.htm> acesso em 13 de junho de 2022.

⁵Bertha Maria Júlia Lutz, nasceu em São Paulo/SP no dia 02 de agosto de 1894, zoóloga, ativista das causas feministas no Brasil. Defensora dos direitos à formação científica das mulheres, em 1936 assumiu o mandato de Deputada da Câmara Federal, sempre na busca pela emancipação da mulher. Em 1919, prestou concurso público para o Museu Nacional, onde trabalhou por quarenta e seis anos construindo uma reputação internacional como cientista. Fundou a associação feminista intitulada Liga Pela Emancipação Intelectual da Mulher e dedicou-se, intensamente, às ciências e ao movimento feminista.

Disponível em: SOUZA, Maria Izabel Siciliano; ABDALA-MENDES, Maria Ferreira. A formação científica e profissional das mulheres no Brasil: A contribuição de Bertha Lutz: História da Ciência e Ensino, v. 18 (especial), p. 22-46, abr. / jun. 2018. (Acesso em junho de 2022).

⁶Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, (FBPF), fundada em 1922 por Bertha Lutz, com o objetivo de lutar em prol dos direitos das mulheres, direitos políticos e civis, participação no mercado de trabalho, acesso à educação, busca por equidade, entre outros. A FBPF, contribuiu para a conquista do voto feminino, garantido na Constituição de 1934. <https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/>acesso em 12 de junho de 2022.

políticos para as mulheres. Sua luta esteve sempre ligada à ciência e a busca pela emancipação da mulher. Nessa mesma época, representou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, participou do Congresso Brasileiro de Ensino Secundário e Superior, defendeu a entrada de mulheres no Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, pioneira na área de Educação em Museus, tema pouco abordado na época. Foi eleita Deputada Federal e atuou em 1936 e 1937, passou a atuar diretamente na câmara contra o desamparo da educação, da maternidade e da infância.

Entre os anos de 1927 e 1928, a campanha pelo sufrágio feminino trouxe à tona o projeto nº 102/1919, conhecido como projeto Chermont⁷ por ter sido apresentado pelo senador do Pará Justo Chermont, no qual havia sido abandonado mesmo tendo tido um parecer favorável na época, Lutz junta-se a um grupo de feministas, e usou seus contatos no mundo político, com o intuito de se aproximar dos senadores que fossem favoráveis ao projeto, um dos partidários do voto feminino era Juvenal Lamartine de Faria, senador pelo estado do Rio Grande do Norte, que retornou ao seu estado para concorrer ao governo.

No ano seguinte várias mulheres do Rio Grande do Norte foram habilitadas a votar, mas seus votos não foram reconhecidos pelo senado. Celina Guimarães Viana, da cidade de Mossoró/RN, entrou na justiça para solicitar validação do seu voto, alegando que seus direitos se apoiavam no código eleitoral do Rio Grande do Norte de 1926, no qual se lê que a mulher devia ser maior de idade, alfabetizada e sem pendências jurídicas. Com o então apoio de Lamartine, o juiz deu parecer favorável. Foi então a primeira brasileira a conseguir o direito ao voto.

Em 1929, na cidade de Lages/RN, Alzira Soriano, também apoiada por Lamartine, foi eleita a primeira mulher prefeita da cidade: a primeira conquista de uma mulher em cargo político no Brasil. O direito ao voto no Brasil foi conquistado em 1932 no governo de Getúlio Vargas. Tendo Bertha Lutz como principal responsável pela conquista do voto feminino no Brasil. Porém, se voltarmos ao tempo vamos nos deparar com uma das mais marcantes e atuantes feminista brasileira: Dionísia Gonçalves Pinto, pseudônimo Nísia Floresta⁸(1810-1885), nascida no Rio Grande do Norte, na cidade que hoje leva o seu nome,

⁷ Projeto nº 102/1919 – aprovado em primeira discussão em 1921, volta a ser discutido em 1927. (SOUZA; ABDALA-MENDES, 2018).

⁸Nísia Floresta, escreveu mais de quinze títulos, entre artigos, ensaios, poemas e crônicas, em português, francês, e italiano, seu primeiro livro, publicado em 1832, em Recife/PE. Intitulado: Direitos das mulheres e injustiças dos homens, deu a Nísia o título de precursora do feminismo no Brasil e talvez da América Latina, o livro fala do direito das mulheres à instrução e ao trabalho, faz uma exigência de que as mulheres sejam consideradas seres inteligentes e merecedoras de respeito. Ver mais sobre Nísia Floresta no livro: **Nísia Floresta: Uma mulher à**

em sua homenagem, Nísia foi a exceção dentre as mulheres analfabetas, submissas e anônimas da sua época. Lutou e resistiu contra a imposição de submissão masculina, que proibia às mulheres o direito a uma educação igualitária entre homens e mulheres e direitos de cidadania, como votar e ser votada. Portanto, Nísia com sua ousadia e coragem foi a precursora da luta pelo direito ao voto feminino no Brasil.

O feminismo é um movimento que começou a partir do século XIX e, atualmente, é movimento social, político e filósofo, que tem por finalidade propor direitos iguais entre os gêneros, através do empoderamento feminino, sem a existência de padrões patriarcais ou impostos pela sociedade. Segundo Teles (1993) o movimento feminista é um movimento político que questiona as relações de poder, a opressão e a exploração de grupos de pessoas sobre outras, opondo-se ao poder patriarcal, numa ideologia de transformação social, econômica e política.

O movimento feminista no Brasil ganhou força a partir dos anos setenta, porém todas as lutas e conquistas anteriores, foram importantes para impulsionar as lutas por outros direitos necessários aos anseios das mulheres e das minorias que eram privadas de muitos direitos.

Conforme Soares (1994, p. 13):

[...] o movimento de mulheres nos anos setenta trouxe uma nova versão da mulher brasileira, que vão às ruas na defesa de seus direitos e necessidades e que realiza enormes manifestações de denúncia de suas desigualdades', um momento em que as mulheres brasileiras se mobilizavam contra o custo de vida, lutavam por creches e buscavam uma maior abertura política.

Embora as mulheres já tenham iniciado suas lutas políticas com o movimento sufragista, e das greves de operárias por melhores salários e condições de trabalho, segundo Teles (1993), é a partir da década de 1970 que esse movimento assume novas práticas sociais.

No início dos anos 1980, com o final da difícil fase da ditadura militar, iniciada em 1964, já havia formação de quase uma centena de grupos de movimentos feministas espalhados pelos principais centros urbanos do Brasil que se mobilizavam em busca de melhorar as condições das mulheres. Nesse período, surgem novas formas de atuação e inserção das mulheres na sociedade.

A questão da desigualdade de gênero se torna foco dos debates acadêmicos. Nos anos 1990, e com ênfase maior aos últimos vinte anos, os estudos de gênero no Brasil têm um crescimento mais significativo em qualidade e quantidade. Começa, então, uma preocupação na academia para que desenvolvam estudos e métodos de pesquisas em prol de ações para corrigir as desigualdades entre homens e mulheres.

As ciências humanas e sociais produzem trabalhos com temas voltados à análise do papel exercido pelas mulheres em diferentes sociedades. São desenvolvidos muitos trabalhos teóricos e pesquisas empíricas nas ciências sociais, voltadas para as questões das desigualdades de gênero e o debate é ainda relevante na sociedade brasileira contemporânea.

Institucionalizando os movimentos sociais e os movimentos feministas, alguns se organizam sob forma de ONGs (Organizações Não Governamentais), com reivindicações específicas que se desenvolvem onde há omissão por parte do Estado em atender diversas questões, como alguns exemplos:

Cunhã Coletivo Feminino – Localizada em João Pessoa/PB, fundada em 1990, seu objetivo é promover a igualdade de gênero embasada nos direitos humanos, no feminismo, na justiça social e na democracia. Atua com estratégias de comunicação e educação política feminista para a intervenção em políticas públicas voltadas para as mulheres. Em 2017 desenvolveu pesquisa ⁹dentro do eixo de Enfrentamento à Violência Contra a Mulher, coordenado por Anadilza Paiva, nas cidades de João Pessoa, Cabedelo, Santa Rita, Campina Grande e Alagoa Grande, as participantes da pesquisa passaram por processo de formação sobre violência contra as mulheres, cofinanciado pela UFPB e União Europeia.

Casa Menina Mulher – Localizada em Recife/PE no Bairro de Boa Vista – Fundada em 1994, presta apoio humanitário a crianças, adolescentes e jovens do sexo feminino que vivem em situação de rua, seu trabalho educativo está focado em ações que valorizem a cultura popular favorecendo o fortalecimento do núcleo familiar, qualificação profissional e exercício da cidadania.

Casa Transformar – Localizada na periferia de Fortaleza/CE, fundada pela funkeira trans Nicole (Nik Hot) e seu companheiro o cabeleireiro Davy Lima, atende mulheres trans em situação de vulnerabilidade econômica e exclusão familiar, segundo Nik, a Casa foi se formando a partir de quando ela começou a acolher as amigas trans que as famílias não

⁹Para saber mais sobre a pesquisa ver site: <https://www.horyou.com/org/cunha-coletivo-feminista> Acesso em 14/06/2022.

aceitavam, um dos principais motivos das pessoas procurarem a casa é a rejeição da família. O intuito da casa é acolher, cuidar do psicológico, tentando dar o máximo de afeto e carinho para essas pessoas que não receberam dos pais, diz ela. A Casa ajuda na formação para a vida, que vai de atividades domésticas, apoio profissional psicológico, aulas de dança e estudos. Mantida exclusivamente por doações e por eventos que a casa organiza. Até 2020, só havia recebido uma visita da prefeitura que doou algumas cestas básicas, falaram as moradoras. O objetivo da Casa Transformar é ajudar na construção de um futuro melhor para a comunidade LGBTQIAPN+, com formação universitária, emprego e dignidade. “Quero travesti sendo professora, médica, eu quero que a gente saia dessa bolha que a sociedade botou a gente dentro e fechou”, diz Nik.

Casa Das Anas – Situada na cidade de Santos/SP – Abriga mulheres com ou sem filhos em situação de rua. Tem como objetivo ofertar serviços de acolhimento a mulheres em situação de abandono ou sem referência familiar e moradia convencional. Oferecendo proteção social e apoio para o fortalecimento de vínculos, da autoestima e reconstrução de projetos de vida.

Apesar do empenho de muitas organizações atuarem na busca por melhorias para as mulheres, ainda há muito a se buscar para que exista, de fato, igualdade justa para as mulheres e principalmente para as pessoas LGBTQIAPN+.

Embora grandes conquistas tenham sido alcançadas desde o século XIX, com relação à participação ativa das mulheres no mercado de trabalho, ainda há muito a ser conquistado. Estudos apontam que as relações sociais ainda são muito marcadas por relação de gêneros. Existe, no mercado de trabalho, grandes desigualdades salariais entre homens e mulheres que exercem a mesma função, constatando-se em pesquisas que as mulheres recebem dois terços dos salários em relação aos homens em muitos setores da economia. E quando se trata das mulheres trans a situação fica ainda mais complicada e delicada, pois o preconceito em torno dessa população é muito acirrado.

A academia continua ativa e atuante no processo de contribuição para novas perspectivas. Grupos de trabalhos, em várias instituições do país, abordam temas relacionados às questões de gênero em vários campos de conhecimento. Como exemplo, alguns mais destacados são:

Comitê de Políticas de Prevenção e Enfrentamento à Violência contra as Mulheres, UFPB (CoMu). Surgiu em 2017, organizada por mulheres no primeiro Seminário Mulheres e

Universidade, aprovada pelo Conselho Universitário (CONSUNI) em 2018, através da resolução nº 26/2018, atua de forma integrada em três setores; O Setor de Acolhimento e Orientação, com assistência à mulher por meio da escuta ativa, humana e sigilosa. O Setor de Enfrentamento monitora as denúncias de violências contra as mulheres e O Setor de Prevenção que promove ações de prevenções por meio de diálogos, seminários, com uma preocupação voltada à políticas de combates à violência contra as mulheres universitárias, principalmente mulheres pobres, negras, indígenas, e trans. Atualmente, o CoMu trabalha com três projetos de extensão: 1 - CoMu – Comunicação como estratégia de prevenção à violência contra as mulheres da UFPB; 2 - Acolhimento e Orientação: a contribuição do CoMu para as ações de enfrentamento à violência contra as mulheres; 3 - CoMu: Articulação de estratégias de enfrentamento e intervenção frente à violência contra às mulheres e ações de promoção de política institucional de gênero nas universidades.

Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP); que, através de publicações de anais, tem como objetivos, contribuir com pesquisas científicas, incentivar o treinamento de pesquisadores sobre estudos populacionais, e fomentar, por meio de uma perspectiva demográfica, sociológica e antropológica, a visibilidade sobre as questões relacionadas a mulher e trabalho, divisão sexual de trabalho, a pobreza, entre outras.

Núcleo de Estudos de População da Universidade Estadual de Campinas (NEPO/UNICAMP); criado pela portaria GR-28, maio de 1982, consolidou-se com a Deliberação de Conselho Universitário (CONSU) em 27 de novembro de 1991. Com os objetivos de: Implementar e desenvolver pesquisas nas áreas temáticas de importância em população, cujos resultados possam servir de forma direta e indireta como subsídios à atuação de órgãos públicos, seja na esfera federal, estadual ou municipal, e de movimentos sociais. Tem como missão desenvolver o conhecimento, capacidade de produção de conhecimento e divulgação na área de Estudos de População, numa perspectiva multidisciplinar.

Núcleo de Estudos da Mulher e do Gênero da Universidade de São Paulo (NEMGE/USP); fundada em 1985 por um grupo de pesquisadoras da Universidade de São Paulo, buscava-se aprofundar por meio de pesquisa empírica e estudos teóricos, as articulações entre gênero, etnia e classe social, seus principais objetivos são: Estudar a problemática da condição feminina, com ênfase na realidade brasileira; Investir nas políticas públicas dando assessoria aos poderes governamentais, para coibir a violência e instaurar a igualdade de oportunidades para a mulher; Propiciar a docentes, estudantes e pesquisadoras a

oportunidade de realizar investigações sobre relações sociais e de gênero; Realizar cursos, eventos científicos, intercâmbio técnico-científico e cultural com entidades nacionais e estrangeiras; Prestar colaboração didática e científica à coletividade em geral; Divulgar os resultados de trabalhos e pesquisas sobre a mulher e a questão das relações de gênero. As investigações são desenvolvidas por meio de linhas de pesquisas no qual as duas principais são: 1 - Gênero: economia, educação, trabalho, saúde, família, geografia, meio ambiente, políticas públicas, etnia, relações jurídicas, sexualidade; Mulher: 2 - Violência, comunicação, holocausto, imigração. Para o desenvolvimento dos projetos o NEMGE conta com apoio financeiro da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo); CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e da USP.

Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre a Mulher da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NIEM/UFRGS), em Porto Alegre. Fundado em 1984, vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, conta com a participação de professoras/es, pesquisadoras/es, funcionárias/os, alunas/os. Procurando articular os segmentos feminino e masculino junto ao meio acadêmico fazendo um elo entre a Universidade e a comunidade do Rio Grande do Sul. Fomenta o ensino e a pesquisa sobre a Questão da Mulher e as Relações de Gênero através de realizações de programas e eventos junto aos meios científicos e feministas locais, nacionais e internacionais. Contribuindo para a formação de uma consciência crítica sobre as desigualdades de gênero e sobre a importância do papel da mulher na sociedade, por meio de realizações de estudos e pesquisas interdisciplinares; elaboração de projetos de pesquisas sobre a mulher e as relações de gênero; consultoria; desenvolvimento de estudos sobre a mulher nas áreas de comportamento político; desenvolvimento de ensino sobre gênero. Também vinculado ao NIEM está o Grupo de Pesquisa sobre Gênero, Feminismo, Cultura Política e Políticas Públicas, na linha de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Ciências Políticas da UFRGS. Principais linhas de pesquisa: relações de gênero, cidadania, políticas públicas, socialização, cultura política, empoderamento, comportamento político, capital social, promoção dos direitos humanos das mulheres.

Todos esses aportes são de grande contribuição para fomentar e desenvolver pesquisas voltadas para as questões de gênero e são medidas necessárias para combater as desigualdades e os preconceitos.

Os movimentos sociais de mulheres – e feministas, - abrangem, na atualidade, questões diversas. São movimentos sociais atuantes, identificam e questionam paradigmas

sociais vigentes e formas de opressões, abordando questões amplas, como; meio ambiente, qualidade de vida, cultura patriarcal, desigualdade de gênero entre outras. (TELES, 1993).

Para Teles (1993, p. 12), o movimento de mulheres são grupos de pessoas que reivindicam melhores condições de trabalho e de vida. Enquanto o movimento feminista são mulheres que buscam combater as injustiças e desigualdades, a que foram submetidas, buscando encontrar meios para se tornarem “*protagonista de sua vida e história*”. Segundo hooks (2021, p. 13), “feminismo é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão”. Ela explica que o feminismo não tem a ver com movimento “anti-homem”, mas que é uma luta por igualdade de direitos e combate ao predomínio patriarcal. Os estudos feministas foram importantes para trazer à tona as formas de silenciamento, submissão e opressão sofridas pelas mulheres em sociedades opressoras.

De acordo com Louro (1997), o grande objetivo dos estudos feministas foi tornar visível as lutas das mulheres por direitos iguais, que por um longo período da história, foram ocultadas.

A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito — inclusive como sujeito da Ciência. (LOURO, 1997, p.17).

Ainda segundo Louro (2014, p. 41), os estudos feministas estiveram sempre preocupados com a relação de poder. O silenciamento das mulheres, submetidas à opressão e submissão, trouxeram a discussão à visibilidade, que não se resume a uma situação em debate entre o homem dominador contra a mulher dominada: não se trata de uma fórmula fixa e linear que vai dar conta da complexidade dos problemas.

As diferenças atribuídas e enaltecidas entre homens e mulheres se referem a um caráter de domínio biológico. Para Louro (2014, p. 41), essa é como se fosse uma forma de imposição social de conformidade do *status quo* da situação de gênero. Porém, as diferenças podem ter vários significados dependendo do contexto - social, político, cultural. No que diz respeito ao feminismo, não é apenas uma dicotomia homem *versus* mulher, existem mulheres em diferentes situações, mulheres negras, lésbicas, bissexual, trans - como também homens - que não estão dentro dos padrões heterossexuais. Louro (2014) aponta que a concepção polarizada sobre os gêneros esconde a diversidade que existe em cada polo.

1.1. QUESTÕES DE GÊNERO NO ENSINO BRASILEIRO

Historicamente, a partir do final da década de 1980, o Brasil passou por muitas mudanças sociais e políticas, principalmente, considerando as questões de gênero, havendo também mudanças nas políticas de educação, aparentemente, como consequências das contribuições dos estudos e pesquisas iniciadas na academia e que, talvez, já tenha sido originada pelas lutas sociais. Porém, a abordagem sobre o tema dentro das escolas brasileiras ainda tem muito a se desenvolver, uma vez que as escolas ainda carregam muitos tabus em relação à discussão do tema.

Segundo Louro (2003), na escola encontramos sutis “armadilhas ideológicas”, a exemplo de alguns livros didáticos que, muitas vezes, apresentam ilustrações de famílias compostos por casais heteronormativos com definidos papéis de gêneros, como, por exemplo: mães cuidando da casa, dos filhos ou cozinhando; pais, de pasta na mão, saindo para trabalhar fora de casa, ou meninas brincando de casinha, cozinhando, “cuidando” de bonecas, enquanto meninos brincam com carrinhos ou jogos e bolas.

Os livros didáticos e paradidáticos têm sido objeto de várias investigações que neles examinam as representações dos gêneros, dos grupos étnicos, das classes sociais. Muitas dessas análises têm apontado para a concepção de dois mundos distintos (um mundo público masculino e um mundo doméstico feminino), ou para a indicação de atividades "características" de homens e atividades de mulheres. Também têm observado a representação da família típica constituída de um pai e uma mãe e, usualmente, dois filhos, um menino e uma menina. (LOURO, 2003, p. 70)

Para Louro (2003), é preciso estarmos atentas/os ao que ensinamos e, principalmente, ao modo como ensinamos, questionando as teorias que orientam o trabalho da/o professor/a, nas palavras dela:

São, pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizadas que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiança. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como "natural". Afinal, é "natural" que meninos e meninas se separem na escola, para os trabalhos de grupos e para as filas? É preciso aceitar que "naturalmente" a escolha dos brinquedos seja diferenciada segundo o sexo? Como explicar, então, que muitas vezes eles e elas se misturem" para brincar ou trabalhar? É de esperar que os desempenhos nas diferentes disciplinas revelem as diferenças de interesse e aptidão "características" de cada gênero? Sendo assim, teríamos que avaliar esses alunos e alunas através de critérios diferentes? Como professoras de séries iniciais, precisamos aceitar que os meninos são "naturalmente" mais agitados e curiosos do que as meninas? E quando ocorre uma situação oposta à esperada, ou seja, quando encontramos meninos que se dedicam a atividades mais

tranquilas e meninas que preferem jogos mais agressivos, devemos nos "preocupar", pois isso é indicador de que esses/as alunos/as estão apresentando "desvios" de comportamento? (LOURO, 2003, p. 63).

Para a autora, é necessário que questionemos o modo como ensinamos e que sentidos nossas/os alunas/os dão ao que aprendem. Ela também chama a atenção para nossa “linguagem” e percepção sobre as questões do sexismo, racismo, etnocentrismo que a linguagem carrega e institui.

A linguagem institui e demarca os lugares dos gêneros não apenas pelo ocultamento do feminino, e sim, também, pelas diferenciadas adjetivações que são atribuídas aos sujeitos, pelo uso (ou não) do diminutivo, pela escolha dos verbos, pelas associações e pelas analogias feitas entre determinadas qualidades, atributos ou comportamentos e os gêneros (do mesmo modo como utiliza esses mecanismos em relação às raças, etnias, classes, sexualidades etc.). Além disso, tão ou mais importante do que escutar o que é dito sobre os sujeitos, parece ser perceber o não-dito, aquilo que é silenciado — os sujeitos que não são, seja porque não podem ser associados aos atributos desejados, seja porque não podem existir por não poderem ser nomeados. Provavelmente nada é mais exemplar disso do que o ocultamento ou a negação dos/as homossexuais — e da homossexualidade — pela escola. Ao não se falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda "eliminá-los/as", ou, pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas "normais" os/as conheçam e possam desejá-los/as. (LOURO, 2003, p. 67).

Pesquisas demonstram que as políticas educacionais deixam uma grande lacuna no trato desse tema, embora seja tratado como um dos “temas transversais” dentro dos chamados Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), criados em 1998. O documento direciona professoras e professores nas metodologias de ensino básico. Aparentemente, esse tema é pouco tratado na escola e, talvez seja evitado, uma vez que as/os docentes não têm, inclusive, a (in) formação necessária para lidarem com situações que o atravessam. No próximo tópico (1.1.1.), tratarei mais sobre esses parâmetros e os temas transversais, em especial, o tema “Orientação Sexual”.

Segundo Rosemberg (2001) ainda é de muita escassez a produção de conhecimento voltada para as questões da redução de desigualdade de gênero dentro do sistema de educação brasileira. Ainda são poucas as investigações que abordam o impacto da discriminação de gênero nas políticas públicas educacionais. E mesmo havendo empenho, ainda que timidamente, por parte da academia para introduzir o tema gênero nos cursos de licenciaturas, de acordo com a minha experiência na escola, percebo que existe grande dificuldade por parte das/dos professoras/es de levar a discussão do tema para dentro das escolas.

1.1.1. Políticas Públicas de Educação no Brasil, PNE, LDB, PCN e Temas Transversais

Em 1997, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) para o ensino fundamental foram publicados logo após a aprovação da nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional),¹⁰ constituindo referência nacional para o ensino fundamental. Essas orientações, em consonância com a LDB, conferem maior flexibilidade ao trato dos componentes curriculares, com a finalidade de “compreender o fenômeno educacional e apontar diretrizes de atuação” (BRASIL, 1998, p.37), configurando uma nova referência e, portanto, não se impondo como uma diretriz obrigatória, mas com a preocupação voltada para o respeito às necessidades humanas.

Os PCN (BRASIL, 1998) tratam de uma proposta de conteúdos que deve orientar a estrutura curricular de todo o sistema educacional do país, sua função é dar subsídio para a elaboração e/ou a revisão curricular dos estados e municípios, contextualizando com cada realidade social, para que possa atender a proposta curricular das instituições escolares. Porém, é necessário que toda a equipe pedagógica se envolva no processo com a finalidade de conectar o diálogo existente nas orientações com as práticas que já estão sendo desenvolvidas nas instituições.

Os PCN constam de quatorze volumes que correspondem a:

- Primeiro volume: Introdução aos parâmetros;
- Oito volumes, dedicados às áreas específicas;
- Cinco volumes que tratam dos Temas Transversais para o Ensino Fundamental, divididos da seguinte maneira: 10.1 – Apresentação; 10.2 - Pluralidade cultural; 10.3 - Meio Ambiente; 10.4 - Saúde e 10.5 - Orientação Sexual.

As professoras Cláudia Pereira Vianna, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, e Sandra Unbehaum, do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas (2004)¹¹, fizeram uma pesquisa sobre as políticas educacionais e como as questões de gêneros são abordadas dentro das políticas públicas de educação no Brasil.

¹⁰LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional). Lei número 9.394/1996: estabelece diretrizes e bases da educação nacional. Secretaria de Editoração e Publicações Coordenação de Edições Técnicas – Brasília: Senado Federal, edição atualizada até março/2017.

¹¹VIANNA, Cláudia Pereira; UNBEHAUM, Sandra. **O gênero nas Políticas Públicas de Educação no Brasil: 1988-2002**. Caderno de Pesquisa, v.34, n.121, p.77-104, jan. / abr. 2004.

Essa análise foi feita na perspectiva teórica de gênero, visando apontar possíveis decorrências do marco normativo no acirramento e na minimização das desigualdades de gênero na educação pública brasileira. Detiveram-se apenas a análise dos temas transversais dos PCN, pelo fato de apenas nestes volumes se encontrarem as temáticas relacionadas às questões de gênero.

Elas também chamam a atenção para as formas como as questões de gênero são tratadas na Constituição Federal, na LDB e no PNE (Plano Nacional de Educação)¹², nos quais assume três características distintas:

A primeira refere-se à linguagem utilizada: Chama a atenção para a linguagem utilizada em todo documento, que é tratada apenas no masculino para se referir aos indivíduos de ambos os sexos.

Em **Diferentes, não desiguais** (2016)¹³ Escoura, Lins e Machado tratam sobre as questões da linguagem: ao citarmos pessoas em textos, não devemos nos referir ao masculino como linguagem universal para abranger a masculino e feminino.

Sugerir que o uso de expressões e palavras no masculino seria sinônimo do que é neutro e/ou universal nos impede de olhar a existência das mulheres. Se usarmos uma palavra no masculino como sinônimo de genérico, como “o aluno”, não saberemos se por trás da palavra pretende-se também englobar as meninas. Se for este o caso, elas ficam invisíveis e se não for, elas ficam excluídas, (ESCOURA; LINS; MACHADO, 2016, p.12).

A linguagem no masculino em textos nos termos genéricos, foi uma expressão cultural da linguagem de um determinado momento histórico da nossa sociedade, porém, em um texto que trata de questões de gênero, essa utilização nunca é neutra, pois o uso dessa linguagem não pode ser aceito como algo comum da própria linguagem. Usar o masculino para se referir tanto para o sexo masculino quanto para o feminino, pode dar margem para ocultar as desigualdades de gênero, ressaltam Escoura, Lins e Machado (2016). A ausência da distinção de gênero na linguagem que fundamenta as políticas educacionais pode justificar

¹²O PNE (Plano Nacional de Educação), sancionado em 2014, pela Lei 13.005, artigo.214 da Constituição Federal. Estabelece diretrizes e metas para a educação no Brasil, tem como objetivo principal melhorar a educação brasileira, baseada em 20 metas que devem ser atingidas em 10 anos. <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf> Acesso em 15/06/2022.

Observe que Vianna e Unbehaum, se basearam no PNE 10.172/2001, que era o que estava em vigor na época da pesquisa.

¹³LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola**. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

formas de conduta que não privilegiam mudanças das relações de gênero no debate educacional, perpetuando sua invisibilidade.

A segunda, chama atenção para a questão dos direitos, na qual o gênero pode estar subentendido de modo velado, pois, segundo Vianna e Unbehaum, o sexo masculino está no centro do discurso e se, por lei, de acordo com a Constituição Federal (BRASIL, 1988)¹⁴, art. 3º inciso IV, distingue-se alguma menção relativa às diferenças entre os sexos, na defesa “do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e qualquer outras formas de discriminação”, então, não devemos aceitar que um texto direcionado as pessoas de ambos os sexos, esteja escrito apenas no masculino, invisibilizando as pessoas do sexo feminino.

Como terceira característica, fica obscura a intenção sobre a abordagem do tema gênero dentro do PNE (BRASIL, 2001), uma vez que deveria enfatizar, logo na apresentação geral do documento, para que ficasse entendido que o tema seria tratado em alguns tópicos, mesmo que sutilmente. Sendo assim, não aparecendo na apresentação, não chama atenção para o tema que será abordado. Vianna e Unbehaum (2004) também percebem que as questões de gênero não são encontradas nos objetivos gerais, nem tão pouco no tópico que trata da educação infantil, pois, segundo elas, estudos mostram que, nessa fase, é de fundamental importância para a socialização que as diferenças entre sexo e gênero sejam trabalhadas por educadoras e educadores.

Então, seguindo com a pesquisa, nos tópicos específicos do PNE, as autoras percebem que a questão gênero, que foi ocultada inicialmente, aparece dentre os trinta itens que constam nos Objetivos e Metas para o Ensino Fundamental, aprovados pelo MEC. A escolha dos livros didáticos deve constar “adequada abordagem das questões de gênero e etnia e a eliminação de textos discriminatórios ou que reproduzam estereótipos acerca do papel da mulher, do negro e do índio” (p. 23). Para elas, é de grande significação dentre as práticas de adoção de livros didáticos a inclusão do tema.

Nos documentos dos PCN as questões de gênero aparecem de forma a reconhecer como referências fundamentais para constituir a identidade de crianças e jovens. Ao analisar todos os blocos dos conteúdos, pouco se nota sobre as questões de gênero, com exceção do tópico dedicado à Orientação Sexual, onde o tema é explorado. O conteúdo desses volumes se

¹⁴BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

dá por meio de três eixos norteadores: “Corpo matriz da sexualidade”, “Relações de Gêneros” e “Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS” (BRASIL, 1998).

A partir do eixo “Corpo matriz da sexualidade” (BRASIL, 1998), a abordagem deve ir além de estudos relativos a anatomia e a biologia, pois o corpo

[...]é concebido como um todo integrado de sistemas interligados e que inclui emoções, sentimentos, sensações de prazer e desprazer, assim como as transformações nele ocorridas ao longo do tempo. Há que considerar, portanto, os fatores culturais que intervêm na construção da percepção do corpo, esse todo que inclui as dimensões biológica, psicológica e social - (BRASIL - PCN, vol.10.1, 1998, p.317).

O/a professor/a deve estar atento sobre essas questões, estimulando o respeito e combatendo qualquer tipo de discriminação.

No tema “Relações de Gêneros”, a preocupação está voltada ao combate das relações autoritárias patriarcais, perpetuadas em nossa sociedade, levando a uma desigualdade de gênero que privilegia o homem, na medida em que a sociedade não dá oportunidades iguais. A educação deve estar voltada para uma educação que promova transformações e combate às desigualdades. “A flexibilização dos padrões visa a permitir a expressão de potencialidades existentes em cada ser humano e que são dificultadas pelos estereótipos de gênero” (BRASIL - PCN, vol.10.1, 1998, p. - 322). Deve-se buscar desprendimento de padrões preestabelecidos, respeitando as singularidades de cada indivíduo.

No que diz respeito ao eixo “Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS” (BRASIL, 1998), o enfoque está em demonstrar as formas de transmissão e alertar para medidas de prevenção, desvinculando de tabus e preconceitos de que a doença está associada a sexualidade. Para Vianna e Unbehaum (2004, p.100), “ao associar a sexualidade com a saúde favorece-se, mesmo não desejando, uma abordagem restrita à prevenção e à doença”.

Os PCN (BRASIL, 1998), mesmo com certas mudanças que são necessárias para os dias atuais, promoveram um avanço significativo na perspectiva do tema Gênero, porém, necessita ainda de uma abordagem mais ampla, ou seja, que perpassa por todas as áreas do conhecimento e não se restrinja apenas à Orientação Sexual.

Vianna e Unbehaum (2004, p. 101) apontam para duas considerações: as questões de gênero ficam subsumidas ao discurso geral sobre direitos e valores e, a segunda, a falta da inserção ao tema Gênero dentro do Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2001), pois no contexto histórico em que foi elaborado, os temas relacionados às desigualdades de gênero já

estavam no centro do debate. Ressaltam que - ultrapassar esses limites do tratamento dado pela legislação, planos e programas federais às relações de gênero no âmbito da política pública de educação implica ressaltar os avanços dos últimos documentos propostos. Portanto, é necessário que haja um questionamento sobre o PNE (BRASIL, 2001) e os PCN (BRASIL, 1998), na perspectiva de refletir sobre o modo como são abordados nesses documentos os estereótipos de gêneros.

1.2. O GÊNERO NAS ARTES VISUAIS

Trazer a discussão do tema Gênero para dentro das escolas, mais precisamente para dentro das aulas de Artes Visuais, não é tarefa fácil. Porém é desafiador ao passo em que podemos encontrar caminhos norteadores para nos engajar nesse desafio.

A História da Arte foi concebida e até os dias atuais dá foco na arte eurocêntrica, silenciando outras histórias, como a história da arte feminina, o que vai afetar também o ensino da arte e, conseqüentemente, a inserção de temas relevantes como Gênero.

A invisibilidade das mulheres também aconteceu no campo das Artes. Segundo Barbosa (2010), as mulheres artistas foram apagadas da história da arte no Brasil do séc. XIX ao início do séc. XX, a exemplo da artista Abigail de Andrade¹⁵, de quem, atualmente, só se conhece três obras. Apesar de ter representado o Brasil na Exposição Universal de Paris de 1889, foi quase que totalmente apagada da história da arte, mesmo tendo sido uma artista que teve relevância de representatividade na história da arte para o Brasil. Isso reflete o ambiente machista que envolve as artistas brasileiras até o final do século XIX.

Somente a partir da década de 1920, com a Semana de Arte Moderna, em 1922, na qual comungavam ideias anticolonialistas, que permitiam refletir sobre a igualdade de gênero, raça e códigos culturais, é que artistas mulheres tiveram um pouco de visibilidade. Com a participação das artistas Anita Malfatti e Tarsila do Amaral (BARBOSA, 2010), essas artistas confrontaram os padrões rígidos da arte acadêmica do início do século XX, fizeram a

¹⁵ Abigail de Andrade (Vassouras, Rio de Janeiro 1864 – Paris, França 1890) estudou desenho no Liceu de Artes e Ofício do Rio de Janeiro, em 1882, um ano após o decreto que permite a frequência feminina na escola. Pinta cenas do cotidiano carioca, paisagens retratos, autorretratos e naturezas-mortas, além de realizar desenhos. Participou da mostra do Liceu de Artes e Ofícios em 1882. É a primeira mulher a conquistar uma medalha de ouro de 1º grau na 26ª Exposição Geral de Belas Artes, da Academia Imperial de Belas Artes (Aiba), em 1884. <https://www.guiadasartes.com.br/abigail-de-andrade/principais-obras>, acesso em 30/10/2021.

diferença com seu estilo artístico, e conseguiram, ao custo de críticas depreciativas, abordar temas mais focados nas questões sociais brasileira.

Mesmo que no período da Arte Moderna tenha havido uma pequena mudança na produção artística brasileira com a participação dessas artistas, essa mudança só vai acontecer com maior ênfase na arte contemporânea, quando começa a ser inserido na produção artística, temas relacionados às questões da diversidade e de gênero. No entanto, no campo da Educação a inserção do tema demora muito a ser inserida nas discussões das políticas públicas, e conseqüentemente nas escolas, ainda é muito escasso professoras e professores trazerem para as aulas de artes obras que abordam o tema gênero para serem refletidas e discutidas nas aulas.

Ao fazer um levantamento sobre arte-educação pós-colonialista no Brasil, Barbosa (1998), aborda que a crítica feminista deve estar inserida nas leituras de obras de artes. No entanto, só iremos encontrar maior representatividade do tema gênero na produção da arte contemporânea, onde se destacam muitas artistas voltadas para as questões feministas e de gênero. Porém, Loponte (2005) afirma que somente incluir mulheres artistas nas aulas de artes, não faz disso um ato político quanto ao trato das questões de gênero: é necessário que as obras e as artistas estejam engajadas nas questões feministas. (Tratarei exemplos de artistas engajadas na questão – Gênero, no capítulo 2, onde desenvolvo durante as aulas, leituras das obras de algumas importantes artistas).

Segundo Belidson Dias¹⁶ (2008), quando se busca desenvolver práticas educacionais voltadas para a diversidade e pluralidade, vamos encontrar mais destaque na arte contemporânea, onde há maior representatividade sobre as questões de gênero e sexualidade:

A arte contemporânea dos anos 70 em diante, nos países desenvolvidos, consolidou-se como um dos pilares do pós-modernismo artístico. Houve, a partir dessa época, um deslocamento nas representações artísticas das questões de classe que valorizavam o estilo expressivo e pessoal do artista, para novas categorias; dentre elas, a de gênero e sexualidade. Isso fez com que boa parte da arte contemporânea passasse a privilegiar em seu discurso, aqueles que se encontravam, até então, sem representatividade na história da arte. (DIAS, 2008, p.277).

Loponte (2005), menciona também a rarefação da abordagem do tema gênero nos cursos de graduação em Artes Visuais. O outro agravante é que a maioria das escolas

¹⁶ Doutor em Arte-Educação pela University of British Columbia, Canadá. Professor Assistente da Universidade de Brasília-DF. – **Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais** /Ana Mae Barbosa (org.) – 2ª edição – São Paulo: Cortez, 2008.

trabalham com professoras que não são formadas na área de artes, e, no entanto, assumem a responsabilidade de ministrar aulas de artes, fazendo com que a disciplina seja vista como um apêndice para outras disciplinas consideradas mais importantes.

Segundo a autora, apesar das professoras de artes serem a maioria mulheres, principalmente no ensino básico, elas parecem invisíveis, profissionalmente. Portanto, faz-se necessário um estudo sobre essa invisibilidade que, para ela, por muito tempo ficou voltada para um olhar “masculino, branco, europeu e heteronormativa” (LOPONTE, 2005, p. 246).

Segundo Dias (2008), a partir da Abordagem Triangular proposta por Barbosa (1998), a arte teve seu reconhecimento como disciplina do conhecimento em oposição a arte vista como auto expressão. No entanto, para que as mudanças necessárias aconteçam é preciso que “a cultura visual seja concebida e estudada como instrumento para promover a aceitação da diferença, o reconhecimento da alteridade em suas manifestações de gênero, sexualidade, raça e classe” (DIAS, 2008, p. 284).

Louro (1997) nos instiga a pensar as questões de gênero, como, por exemplo, a desigualdade sexual e preconceitos sociais que estereotipam os sujeitos, definindo socialmente papéis de gênero, que se inserem na prática educacional e nas construções teóricas. A formação das desigualdades de gênero e a luta contra as discriminações que existem nesse campo são desveladas pela autora, que explica que

O que fica evidente, sem dúvida, é que a escola é atravessada pelos gêneros; é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino. (LOURO, 1997, p. 89).

É de fundamental importância trazer para sala de aula estudos e debates voltados para o entendimento de como se perpetuaram as desigualdades de gênero e refletir sobre como essas desigualdades são também instituídas nas escolas. A escola separa, institui o lugar que cada pessoa deve ter.

A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas. (LOURO, 1997, p. 57).

As questões de gênero, sem dúvida, não se esgotam: sempre haverá muito a se discutir e pesquisar sobre o tema. Professoras/es devem estar em constante processo de reflexão sobre sua atuação, sempre se aprimorando das mais diversas formas, buscando transformar seus saberes e aprendizados em práticas e atuações. Os estudos sobre ensino de artes, associado ao

tema gênero, sob olhares de várias perspectivas teóricas e visuais, instiga-nos a pensar sobre muitas discussões nesse campo.

Segundo hooks (2013), a escola é um espaço de grande atuação e transformação do cidadão, assim como o ato de ensinar é uma das práticas mais transformadoras da humanidade. Nessa perspectiva, podemos fazer da sala de aula e, particularmente, das aulas de artes visuais, um espaço de discussão, ação e transformação. Para ela (2013, p. 273), é de grande importância que a educação seja construída a partir de uma percepção crítica sobre a realidade social, onde possa promover ações transformadoras e fazer da sala de aula um espaço democrático. Ela chama atenção para a importância da ampliação das discussões entre professoras/es e alunas/os nas transformações das estruturas.

Trabalhar com obras de artes contextualizando e valorizando a diversidade e suas linguagens, é perceber que podemos tratar de temas necessários e urgentes, e que, apesar de todos os desafios, podemos encontrar meios de cruzar o universo das artes, a educação e o tema gênero, levando-nos a um posicionamento construtivo e transformador.

Quando falo em “obras de arte” me refiro aos trabalhos de artistas engajadas nas questões sociais, que, a partir das suas criações artísticas tratam de situações que incomodam e que possam levantar questionamentos e reflexões a respeito, provocando desejo de mudança. Busco compreender como a arte pode enveredar por caminhos, muitas vezes, ainda não explorados. A leitura/interpretação de uma obra de arte e de uma imagem (BARBOSA, 1998) pode nos dizer muito e por meio dela, podemos discutir temas diversos com as/os discentes.

Dentro dessa perspectiva, a partir dos estudos para essa pesquisa, dentre as disciplinas cursadas no mestrado, para um melhor entendimento sobre o tema gênero, foi de grande contribuição, principalmente, a disciplina optativa intitulada: Performance e Gênero: Discursos sobre o Corpo e a Imagem, ministrada no semestre 2021.1 pelo professor Dr. Arthur Marques de Almeida Neto. Na disciplina, pude aprofundar os estudos nas questões de Gênero, acessando outros teóricos que tratam da questão e, perceber a importância de se discutir esse tema em sala de aula. Também trouxe reflexões acerca das práticas docentes: fez-me pensar sobre o posicionamento diante de conflitos gerados por questões de gêneros. A troca de experiência que aconteceu nessas aulas, bem como o levantamento de referências sobre o tema da violência de gênero, em especial, o feminicídio, foram muito enriquecedores para meus estudos.

Busco, diariamente, transformar minhas práticas pedagógicas. Nesse sentido, propus uma intervenção no espaço escolar, que articulasse as questões de gênero, em especial, a violência de gênero, para a reflexão tanto do corpo discente - diretamente envolvido na atividade de intervenção pedagógica, uma exposição virtual – quanto o corpo docente, na ação de uma pedagogia engajada nas questões sociais.

Certamente, a lista de impasses – entraves - em torno da intersecção entre Artes visuais, Gênero e Educação é ampla, existe uma lacuna no trato do tema nas formações docentes assim como nos cursos de Licenciaturas que devem ser avaliadas, tendo em vista a necessidade de abordar o tema nas aulas. Dentre todas essas demandas, devemos nos posicionar como agentes de transformação: há desafios na escola que não devem nos paralisar, mas nos impulsionar a agir na busca do enfrentamento das desigualdades em respeito às diferenças.

No próximo capítulo tratarei da narrativa das aulas desenvolvidas, como o tema foi abordado em cada aula a partir da leitura/interpretação e contextualização de imagens e de obras de artes.

2. (DESIGUALDADE DE) GÊNERO: UMA ABORDAGEM NO ENSINO DAS ARTES VISUAIS

No presente capítulo, busco relatar o procedimento das aulas a partir do estudo do tema Gênero e aplicação da leitura de imagens e abordagem triangular, refletir sobre os discursos de gênero nas aulas de Artes Visuais, com o desenvolvimento e exposição dos trabalhos realizados pelas/os alunas/os.

A partir das leituras de obras de arte e discussões sobre as questões de gênero inspirados nas imagens das obras das artistas Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Rosana Paulino, Panmela Castro e Mag Magrela, entre outras imagens e textos importantes que trouxe para as aulas que pudesse servir de base para reforçar as discussões, com o objetivo de listar os discursos de gênero intrínseco ou explícito nas obras de artes e nas imagens e elaborar desenhos, pinturas (utilizando as técnicas de lápis de cor e caneta hidrocor sobre papel sulfite e tinta guache sobre cartolina) e releitura, com intervenção na imagem (usando o aplicativo *Picsart* disponível para Android e iOS), as/os alunas/os desenvolveram seus trabalhos.

O resultado dos trabalhos gerou uma exposição disponível no Instagram com o título: @gêneroeartenaescola. A reflexão de como o discurso de gênero foi apreendido, abordado e desenvolvido a partir de cada expressão artística realizada pelas/os alunas/os, encontra-se no subitem 2.2 deste capítulo.

Devido a situação da Covid 19, as aulas foram ministradas de forma remota, síncronas e assíncronas, com exceção das aulas de pintura que houve a necessidade de realizarmos três aulas presenciais para que ficasse melhor entendido algumas técnicas de pinturas, nessas aulas foram tomadas todas as medidas de segurança necessárias, distanciamento, uso de máscaras e higienização das mãos e dos locais usados pelas alunas/os, uma vez que a crise sanitária, ainda não acabou, apenas diminuíram os casos de covid por conta da vacinação que a maioria tomou.

Mesmo que em algumas escolas da rede municipal de João Pessoa as aulas já tenham voltando para as suas atividades de forma híbrida, na escola-campo Hugo Moura, até o fim do período de aplicação das aulas para a pesquisa, esse retorno não foi possível, pelo fato de a escola ter passado por uma inspeção dos órgãos sanitários no qual se constatou várias irregularidades tornando impossível um retorno naquele momento delicado. Para evitar

colocar pessoas em risco e podermos prosseguir com a pesquisa, continuamos com aulas remotas.

Segui o cronograma abaixo. Iniciei a aplicação das aulas em 15 de fevereiro de 2022 e finalizei em 05 de abril de 2022.

CRONOGRAMA/PLANO DAS AULAS:

AULAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ATIVIDADES
01 15/02/2022	- Compreender a arte como bem social e caminho de construção de conhecimento. -Entender o processo das atividades no decorrer da pesquisa.	Apresentação da proposta da pesquisa. Escolha das/os alunas/os, participantes da pesquisa.	Atividade síncrona: <i>Google Meet</i> , debates sobre a pesquisa, tema, qual o objetivo, como ocorrerão as atividades. Atividade assíncrona: <i>Google Forms</i> , ler o texto sobre a proposta da pesquisa.
02 22/02/2022	- Compreender como se instituiu as desigualdades de gênero na sociedade e como essas desigualdades reverberam na vida das mulheres. - Analisar como as desigualdades de gênero estão expressas nas imagens.	Desigualdade de Gênero Questões de gênero, definição, explicação, etc., questões de desigualdades em tarefas domésticas, em empregos, questões de desigualdades salariais entre homens e mulheres que exercem mesma função.	Atividade síncrona: <i>Google Meet</i> , debate sobre o tema: Desigualdade de gênero. Apresentação e reflexões sobre imagens de cartuns extraídos do livro “Abram espaço para as mulheres” coletânea das cartunistas: Angel Boligan, Lisa Donnelly, Adriana Mosquera Soto, Plantu, Cecile Bertrand, Patrick Chappatte,

	- Elaborar desenhos a partir dos estudos sobre o tema.		<p>Cristina Sampaio, Nicolas Vadot, e Rayma Suprani, entre outras, que chamam a atenção para mulheres privadas de direitos.</p> <p>Atividade assíncrona: <i>Google forms.</i></p> <p>Ler o texto sobre desigualdade de gênero e responder o questionário, elaborar um desenho sobre o tema estudado.</p>
03 24/02/2022	<p>- Entender o discurso de gênero com foco nos estudos feministas.</p> <p>-Analisar a importância dos movimentos feministas.</p>	<p>O Feminismo</p> <p>O feminismo no Brasil e no mundo.</p> <p>Como e quando iniciaram os movimentos feministas no Brasil.</p> <p>Os movimentos feministas, seus objetivos e suas conquistas.</p>	<p>Atividade síncrona: <i>Google Meet</i>, debate sobre o tema feminismo, o que significa, suas lutas e conquistas.</p> <p>Comentar sobre as respostas dos questionários.</p> <p>Apresentação e leitura das obras de artes: O Torso de Anita Malfatti e Luto como mulher de Panmela Castro.</p>

			<p>Atividade assíncrona:</p> <p><i>Google forms</i>, ler o texto sobre o feminismo para que possa entender melhor o tema e responder questionário.</p> <p>Elaborar um desenho sobre o tema estudado.</p>
04 08/03/2022	<p>- Refletir sobre obras e expressões artísticas que tratam de problemas da sociedade.</p> <p>- Analisar os tipos de violência contra a mulher.</p> <p>- Elaborar desenhos, pinturas e releitura de obras de arte a partir dos estudos sobre violência contra a mulher.</p>	<p>Violência contra a mulher:</p> <p>Violência doméstica (física e psicológica)</p> <p>Violência de assédio (sexual e moral)</p> <p>Feminicídio</p> <p>Lei Maria da Penha</p>	<p>Atividade síncrona:</p> <p><i>Google Meet</i>, debates sobre tipos de violências de gênero. Explicação e exemplos. Comentários sobre os tipos de violências contra a mulher, feminicídio.</p> <p>Apresentação e leitura das obras de artes: Bastidores de Rosana Paulino, A Morte da dona da lua de Mag Magrela, Memorial da democracia, e Luto como mulher Panmela Castro</p> <p>Atividade assíncrona:</p> <p><i>Google forms</i>, ler o texto sobre violência de</p>

			gênero, responder questionário. Elaborar desenho sobre algum tipo de violência contra a mulher.
05 10/03/2022	- Apontar os tipos de preconceitos. - Discutir sobre as questões do respeito às diferenças.	Tipos de preconceitos: Misoginia Sexismo LGBTfobia Transfobia	Atividade síncrona: <i>Google Meet</i> , comentários sobre preconceitos, com apresentação de slides sobre os tipos de preconceitos, dar exemplos e ouvir das/os alunas/os as opiniões sobre esses preconceitos. Apresentação das obras de arte A Negra de Tarsila do Amaral. Sou presa fácil e Medo de Mag Magrela. Atividade assíncrona: <i>Google forms</i> . Texto sobre tipos de preconceitos com imagens e questionário. Elaborar desenhos sobre o tema estudado na aula. Fazer uma intervenção na imagem com

			aplicativo <i>Picsart</i> – disponível para dispositivos com sistema operacional Android e iOS.
06 15/03/2022	<p>- Identificar as mensagens intrínsecas e explícitas nas obras de artes e nas imagens.</p> <p>-Analisar criticamente as mensagens contidas nas imagens.</p> <p>-Entender o propósito de fazer releitura e como e quais as maneiras de se fazer releitura de obras de arte.</p>	<p>Leitura e releitura de imagens de obras de arte.</p> <p>Interferência na Imagem.</p>	<p>Atividade síncrona:</p> <p><i>Google Meet</i>, apresentação de slide com imagens das obras de arte: O Torso de Anita Malfatti, A Negra de Tarsila do Amaral, Bastidores de Rosana Paulino, Sou Presa Fácil, A Morte da Dona da Lua e Medo de Mag Magrela e Luto como Mulher de Panmela Castro.</p> <p>Fazer uma leitura dessas imagens, contextualizando-a e trazendo a discussão sobre questões relacionadas ao tema violência de gênero.</p> <p>Atividade assíncrona: <i>Google forms</i>. Ler o texto, responder o questionário, escolher</p>

			uma das obras apresentadas na aula e fazer uma releitura por meio da intervenção na imagem com aplicativo <i>Picsart</i> , – disponível para Android e iOS.
07 17/03/2022	- Identificar e refletir sobre os ditados populares.	Ditados populares sobre a imagem da mulher. (Ditados que depreciam a imagem da mulher).	Atividade síncrona: <i>Google Meet</i> , apresentar os ditados populares que existem sobre a imagem da mulher, comentários sobre esses ditados, trocar ideias se as/os alunas/alunos conhecem outros ditados e o que acham dessa tradição. Atividade assíncrona: <i>Google forms</i> . Elaborar desenhos sobre os ditados populares. Criar ditados positivos sobre a mulher.
08 22/03/2022	- Compreender a formação de cores a partir da mistura de tintas.	Desenvolvimento de desenhos e pinturas sobre o tema, usando como metodologia as técnicas das linguagens	Atividade presencial: revisão dos elementos da linguagem visual, explicação sobre cores e o processo de formação

	- Elaborar trabalhos de desenhos e pinturas a partir do tema estudado.	visuais estudadas nas aulas durante toda formação do ensino fundamental I e II.	de cores a partir da mistura de tintas. Explicação sobre técnicas de pinturas. Atividade assíncrona: <i>Google forms</i> , texto e questionário sobre desenho e pintura.
09 29/03/2022	- Distinguir as diferenças entre as tonalidades das cores e a sensação que elas causam.	Pinturas – técnicas e estilos	Aula presencial Concluir trabalhos de pinturas.
10 05/04/2022	-Escolher os trabalhos para a exposição usando como critério de escolha os trabalhos que atingiram as propostas de estudo. - Refletir sobre o aprendizado nas aulas durante a pesquisa.	Separar o material para exposição e criação do <i>Instagram</i> .	Aula presencial para escolha do material para montar a exposição. Fotografar e organizar o material escolhido para a exposição. Criar perfil no <i>Instagram</i> e organizar a exposição. Diálogo sobre o curso.

2.1. A ABORDAGEM DE GÊNERO PELAS ARTES VISUAIS NA ESCOLA: UMA INTERVENÇÃO POLÍTICO/PEDAGÓGICA

Na primeira aula, realizada no dia 15 de fevereiro de 2022, apresentei a proposta sobre a pesquisa, com as informações necessárias para que todas/os as/os alunas/os que quisessem participar se sentissem seguras/os. Expliquei sobre o programa do mestrado, e que elas/es se sentissem livres para decidirem se queriam participar ou não sem nenhum prejuízo no curso dos estudos na instituição e que também se, ao longo do processo alguma/um aluna/o por algum motivo quisesse desistir não haveria problema. Expliquei como seriam as aulas e as atividades que teriam que elaborar.

Ao apresentar como seria todo processo, as/os alunas e alunos que se interessaram foram dando seus nomes, elaborei a relação das/os participantes. A partir de então, criamos um grupo no *WhatsApp* para facilitar a comunicação durante o processo.

Expliquei também que as aulas seriam ministradas da seguinte forma: síncrona pelo *Google Meet*, e assíncrona pelo *Google Forms*, onde seriam destinadas atividades com texto questionários e desenvolvimento de desenhos.

Como o tema da pesquisa foi fundamentado nas questões de gênero, iniciei a aula fazendo uma pergunta básica. Perguntei se entendiam o que é violência de gênero. Algumas/uns responderam de forma coerente, outras/os, ficaram em dúvida. Expliquei sobre a necessidade de trabalharmos esse tema, uma vez que a violência de gênero, na maioria das vezes, começa dentro dos lares e que essa violência atinge todas as pessoas. Concluída a primeira aula de forma interativa, porém, percebi muitas dúvidas e questionamentos que fomos resolvendo ao longo do curso.

Na segunda aula, realizada no dia 22 de fevereiro de 2022, o tema discutido foi Desigualdade de gênero. Antes de falar sobre o tema, expliquei o conceito de gênero, que, para a sociedade tradicional, é descrito na classificação de feminino e masculino.

Sendo que, para Simone de Beauvoir (1970), o corpo é uma situação histórica, ou seja, uma construção social. Segundo Judith Butler (2003), o gênero diz respeito a forma como as relações sociais enquadram em padrões o comportamento esperado de cada sexo. Para Guacira Lopes Louro (2003), as identidades de gêneros são construídas historicamente e estão sempre se transformando: não há um momento fixo.

Não é possível fixar um momento — seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade — que possa ser tomado como aquele em que a identidade

sexual e/ou a identidade de gênero seja "assentada" ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação. (LOURO, 2003, p. 27).

Apesar de muitos estudos e teorias sobre o conceito de gênero, a desigualdade entre homens e mulheres continua a existir: é o reflexo do comportamento patriarcal, e da construção social que se normatizou ao longo da história. Ainda falta muito para que haja igualdade entre homens e mulheres.

Desigualdade de Gênero:

A desigualdade de gênero é um problema gerado desde o entendimento de que o homem detinha o poder de mandar e decidir sobre a família. Esse poder continua a trazer consequências para as mulheres que foram – e ainda são, considerando determinados contextos sociais e religiosos – excluídas da participação efetiva em espaços públicos, do trabalho fora do âmbito doméstico e da possibilidade de desenvolvimento intelectual, como mostram vários estudos. Além de estarem submetidas ao poder dos homens, pais, irmãos e maridos, isso trouxe consequências como um grave problema de desigualdade de gênero, que precisa de soluções urgentes.

Durante muito tempo, a mulher foi privada de ter acesso à educação formal, de trabalhar fora de casa e de ter autonomia sobre si e sobre o seu corpo. Isso ainda acontece em algumas sociedades, muitas vezes, por imposições religiosas ou morais, ou até mesmo as duas coisas. Na sociedade brasileira, por exemplo, a lei ainda não permite que a mulher decida sobre o aborto de um feto não desejado. A luta por igualdade entre homem e mulher ainda não acabou: ainda é preciso muito esforço nesse sentido.

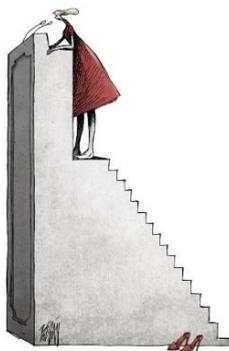
Para melhor entendimento do tema, apresentei um slide (apêndice 1, página 109) com cartuns das artistas cartunistas Angel Boligan, Lisa Donnelly, Adriana Mosquera Soto, Plantu, Cecile Bertrand, Patrick Chappatte, Cristina Sampaio, Nicolas Vadot, Rayma Suprani, (Figuras 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, páginas 54,55, 56), divulgado em 2017 pela ONU Mulheres ¹⁷

¹⁷ Criada em 2010 a ONU Mulheres (em inglês: UN Women, em francês: ONU Femmes) é uma entidade das **Nações Unidas**, destina-se a promover o empoderamento de mulheres e igualdade de gênero. No Brasil, a ONU Mulheres conta com um escritório-país localizado em Brasília. Disponível em:

<http://www.onumulheres.org.br/> Acesso em 21 fev.2022.

e a fundação “Desenhando pela paz¹⁸”, os cartuns foram criados por artistas de vários países para criticar as desigualdades de gênero, lançados no livro “Abram espaço para as mulheres”.¹⁹

Figura 1 – Imagem: Angel Boligan



Sem Título. Angel Boligan – Cuba
Divulgado - 2017

Figura 2 – Imagem: Lisa Donnelly



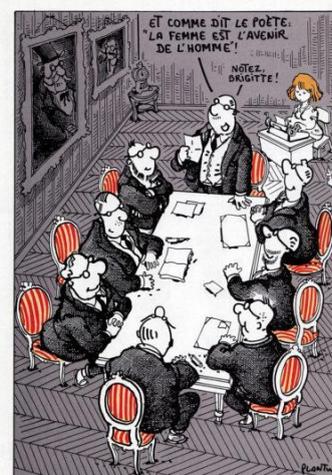
Sem Título. Lisa Donnelly – Norte americana - Divulgado em 2017

Figura 3 – Imagem: Adriana M. Soto



Sem Título. Adriana Mosquera Soto – Colômbia
Divulgado em 2017

Figura 4 – Imagem: Plantu



Sem Título. Plantu - França
Divulgado em 2017

¹⁸A “Desenhando pela paz” é uma organização sem fins lucrativos, composta por uma rede de 162 cartunistas de 59 países. Pesquisa em ONU Mulheres - Brasil, 06 mar. 2018. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/>Acesso em 21 fev. 2022.

¹⁹ A verba das vendas do livro é revertida em recursos para a fundação, que protege artistas ameaçadas por questionar o *status quo* onde vivem. Pesquisa em ONU Mulheres - Brasil, 06.03.2018, <http://www.onumulheres.org.br/acesso> em 21/02/2022.

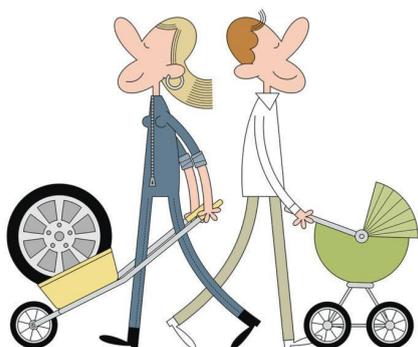
Figura 5 – Imagem: Cecile Bertrand



Sem Título. Cecile Bertrand – Belga

Divulgada em 2017

Figura 7 – Cristina Sampaio



Sem Título. Cristina Sampaio – Portugal

Divulgada em 2017

Figura 6 – Patrick Chappatte



Sem Título. Patrick Chappatte –

Paquistão Divulgada em 2017

Figura 8 – Nicolas Vadot



Sem Título. Nicolas Vadot – França

Divulgada em 2017

Figura 9 – Rayma Suprany



Sem Título. Rayma Suprani – Venezuela. Divulgada em 2017

A partir dessa apresentação e da interpretação das imagens, foi levantado debate sobre o que as imagens mostram, como cada artista pode falar através do cartum sobre a

desigualdade de gênero e trazer para debate reflexões sobre essas questões; como é manifestada a desigualdade na família, nas relações de trabalho, na política e na sociedade em geral.

Após discutir o tema, apresentar as imagens e fazermos leituras sobre os cartuns apresentados, as/os alunas/os iriam ler um texto, disponível no *Google Forms*, responder um questionário (Apêndice 1, p. 112), para que pudessem apreender melhor o assunto estudado e, a partir de então, elaborar desenhos, os quais seriam selecionados para serem mostrados na exposição do *Instagram*.

Na terceira aula, realizada no dia 24 de fevereiro de 2022, discutimos sobre o feminismo, colocando em questão o que significa o movimento feminista, quais suas lutas e conquistas. Para melhor apresentação do tema, baseei-me em estudos que ajudaram no entendimento do processo histórico dos movimentos feministas.

Os estudos feministas segundo, Teles (1993), é um movimento político e social que questiona as relações de poder, da forma como foram construídas numa perspectiva opressora às mulheres: por muitos anos, em nossa sociedade as mulheres foram submetidas a um sistema conservador, patriarcal e heteronormativa – isso ainda ocorre em determinados contextos sociais.

Os grupos feministas vêm numa luta constante para desconstruir paradigmas impostos por uma sociedade onde muitos direitos ainda são negados às mulheres.

Após explicação e discussão do tema, apresentei um slide com um mapa do tempo, (Apêndice 2, p. 114), mostrando as conquistas feministas desde o início das lutas pela igualdade até os dias atuais, sempre levantando debates e abrindo espaço para as/os alunas/os interagirem. Após esse momento, falei sobre a artista plástica Anita Malfatti, da sua importância para a arte moderna brasileira e de como sofreu preconceitos no início da década de 1920, uma época em que não havia mudanças significativas em relação ao preconceito contra as mulheres, principalmente com as mulheres artistas. Também apresentei a artista grafiteira e ativista Panmela Castro²⁰, apresentando as obras de arte *O Torso* de Anita Malfatti

²⁰Panmela Castro, (Rio de Janeiro/RJ, 1981), nome artístico Anarkia Boladona, é conhecida internacionalmente como a rainha do Grafite brasileiro, também é Performer com importantes performances sempre voltada as questões de violência contra a mulher, formada em pintura pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro e mestre em processos artísticos contemporâneos, sua arte tem influência da pichação, abordagem autobiográfica relacionada a questões sobre o corpo feminino em diálogo com a paisagem urbana e a alteridade e crítica cultural feminista. <https://nutricaovisual.art.br/historia/artistas-em-pesquisa/grafite/panmela-castro>. Acesso em 27 mar. 2022.

e Luto como mulher de Panmela Castro, (Figuras 10 e 11, p. 54 e 55), fazendo uma leitura das obras enfatizando os pontos relevantes nas duas imagens e relacionando com o tema.

Nas aulas assíncronas as/os alunas/os ficaram incumbidas/os de lerem o texto e responderem o questionário por meio do *Google Forms* (Apêndice 2, p. 119) e também criarem os desenhos e me enviar pelo *WhatsApp* para que eu pudesse fazer as devidas orientações.

Figura 10 – O Torso/Ritmo



MALFATTI, Anita Catarina, O Torso/Ritmo, 1915/16,

pastel e carvão – 61 Cm por 46,6 cm

– Museu de Arte Moderna/SP. Disponível em:

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1373/torso-ritmo>. Acesso em 24 fev.2022.

Anita Malfatti é considerada pioneira na arte moderna brasileira. Em 1917, depois de longa temporada estudando fora do país, voltou ao Brasil. Anita promoveu uma segunda exposição em 13 de dezembro de 1917, na esperança de que sua arte fosse compreendida pelo público mais amplo. Suas pinturas causaram tanto polêmica, quanto admiração. Sua obra foi duramente criticada pela ala conservadora da elite cultural de São Paulo. Nessa época, uma artista mulher no Brasil não estava autorizada a pintar um torso de uma pessoa nua.

A mais dura crítica veio do escritor e crítico Monteiro Lobato que, em 20 de dezembro de 1917, dedicou um artigo ao assunto no jornal O Estado de São Paulo, com o título de “A propósito da exposição Malfatti”. Lobato considerou as obras da artista “distorções de mau gosto”.

Barbosa (2016), sobre a crítica de Lobato, comenta:

Penso que ele e seus contemporâneos, embora concentrasse sua crítica no estilo modernista de Malfatti, estavam certamente escandalizados pela liberdade daquela jovem em representar nus masculinos com gestos femininos, uma representação de sexualidade ambígua. (BARBOSA, 2016, p. 235).

Para Barbosa, o que mais incomodou Lobato, que motivou a crítica agressiva, machista e destrutiva contra a arte de Malfatti, não foi o estilo artístico, e sim a sexualidade que a obra expressava.

Figura 11 – Luto Como Mulher



CASTRO, Panmela – 2016. Luto como Mulher. Grafite protesto Vila Mulher I, 600 cm por 450 cm. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa558382/panmela-castro>. Acesso: 23 fev. 2022.

Panmela criou o “Grafiteiras Pela Lei Maria da Penha” no ano de 2008. Esse projeto utilizou o grafite e a cultura urbana para combater a violência contra as mulheres.

Através deste projeto, realiza junto com outras grafiteiras uma campanha para educar as mulheres desfavorecidas sobre a aprovada Lei Maria da Penha²¹, uma importante lei sobre a violência doméstica da constituição brasileira. Para promover os direitos das mulheres, Anarkia aventurou-se em favelas do Rio de Janeiro dialogando com mulheres e meninas que agora estão informadas dos seus direitos, e produzindo murais com mensagens sobre os direitos das mulheres e a lei.

²¹ A Lei 11.340/2006, Lei Maria da Penha é um instrumento legislativo publicado em 7 de agosto de 2006, que tem como objetivo principal criar mecanismos para coibir e prevenir a violência de gênero em âmbito doméstico e familiar contra a mulher. O nome da lei é uma homenagem à biofarmacêutica Maria da Penha Maia Fernandes que em 1983, enquanto dormia, recebeu um tiro do então marido, Marco Antônio Heredia Viveiros, ficando paraplégica. Ganhou notoriedade ao apresentar o seu caso à Comissão Interamericana dos Direitos Humanos da OEA (Organização dos Estados Americanos), a Lei Maria da Penha é considerada um avanço, pois reconhece como crime a violência intrafamiliar e doméstica, tipifica as situações de violência determinando a aplicação de pena de prisão ao agressor e garante o encaminhamento da vítima e seus dependentes a serviços de proteção e assistência social. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br>. Acesso em 06 mar.2022.

Junto com o grupo que se formou durante o projeto, Anarkia fundou a NAMI rede feminista de artistas urbanas que pensa e discute a situação da mulher na sociedade, realiza projetos sociais e usa a arte como um instrumento de transformação cultural. Suas integrantes acreditam que podem tornar o mundo um lugar melhor, usando a arte do grafite para uma mudança social positiva.

Em 2015, com apoio da Fundação Ford²², desenvolveu o programa #AfroGrafiteiras²³, que formou um grupo de 30 artistas nas temáticas da arte urbana, comunicação, raça e gênero.

Na quarta aula, realizada no dia 08 de março de 2022, dia propositalmente escolhido, o Dia Internacional da Mulher, para debater um tema tão relevante a violência contra a mulher que, infelizmente, continua a acontecer assustadoramente.

Sabemos que a violência contra a mulher é um fato recorrente em nossa sociedade. Segundo pesquisas recente, 86% das mulheres brasileiras perceberam um aumento na violência cometida contra pessoas do sexo feminino durante o ano de 2021, dados da pesquisa de opinião “*Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher — 2021*”, realizada pelo Instituto DataSenado, em parceria com o Observatório da Mulher contra a Violência²⁴. Desde 2005, a cada dois anos, é realizada a pesquisa. Na edição de 2021 foi revelado um acréscimo de 4%, na percepção das mulheres sobre a violência em relação a 2020. O estudo ouviu 3 mil pessoas entre 14 de outubro e 05 de novembro.

O Brasil é um país muito machista, é o que afirma 71% das pessoas entrevistadas. Segundo a pesquisa, 68% das brasileiras conhecem uma ou mais mulheres vítimas de violência doméstica ou familiar, enquanto 27% declaram já ter sofrido algum tipo de agressão por um homem. Conforme a pesquisa, 18% das mulheres agredidas por homens convivem com o agressor. Para 75% das entrevistadas, o medo leva a mulher a não denunciar. O estudo

²² A Fundação Ford é uma entidade sediada na cidade de Nova Iorque, Estados Unidos. Segundo seus instituidores, foi criada para financiar programas de promoção da democracia, redução do racismo e da pobreza. Disponível em: <https://www.redenami.com/afrografiteiras>. Acesso em 06 mar.2022.

²³ O #AfroGrafiteiras é um projeto de formação em arte urbana focado na expressão e promoção do protagonismo de mulheres afro-brasileiras, em atividade desde 2015. Neste projeto são oferecidas ferramentas para que mulheres negras possam expressar através da arte assuntos cruciais em suas vidas e seus pensamentos para a sociedade, em contraponto à maneira como vêm sendo representadas pelos meios tradicionais. Disponível em: <https://www.redenami.com/afrografiteiras>. Acesso em 06 mar. 2022.

²⁴ Observatório da Mulher contra a violência, criado em março de 2016, por meio da resolução do senado nº 7, com a finalidade de reunir e sistematizar as estatísticas oficiais sobre a violência contra a mulher, analisar e produzir relatórios a partir de dados oficiais e públicos. Contribui para o fim da violência contra a mulher, constituindo-se como uma plataforma de referência nacional e internacional em dados, pesquisa, análise e intercâmbio entre as principais instituições atuantes na temática de violência contra as mulheres. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/omy>. Acesso em 15 jul. 2022.

demonstra, que 79% das mulheres agredidas pelos maridos terminam a relação enquanto que as vítimas agredidas por namorados atingem 100% do término da relação.

Segundo Leila Barros, Procuradora da Mulher no Senado, a violência contra a mulher acontece dentro dos lares, nas ruas, no trabalho e também no ambiente virtual. Foi criada e aprovada pela Comissão de Direitos Humanos (CDH), o projeto de Lei (PL) 116/2020²⁵ que criminaliza a violência contra a mulher praticada nos meios eletrônicos.

A pesquisa foi apresentada e também mostrou um painel interativo que pode ser acessado pelas pessoas que queiram entender os dados da violência doméstica no Brasil. “Nós acreditamos que os resultados da pesquisa podem ajudar bastante nas políticas públicas voltadas ao combate da violência contra a mulher”, afirmou o coordenador²⁶ do DataSenado.

Segundo Maria Teresa Firmino²⁷, coordenadora do Observatório da Mulher contra a violência no Senado Federal, o trabalho realizado é essencial para buscar medidas de combate à violência contra mulher. Ela afirma que os números da pesquisa ganharam outra forma quando ela passou a ouvir relatos de mulheres vítimas da violência doméstica.

Durante a pandemia, constatou-se um aumento nos casos de violência doméstica. Segundo a atriz, empresária e ativista no combate à violência contra a mulher, Luíza Brunet, que participou da reunião de lançamento da pesquisa, que também foi vítima de violência do seu ex-marido, afirma que, em viagens pelo Brasil, recebe muitos relatos de mulheres sobre terem que ficar em casa com seus maridos, que são seus agressores. Com o isolamento social e o alto índice de desemprego e de alcoolismo, tudo isso contribuiu para o aumento da violência.

Luíza Brunet também recordou a sua experiência como vítima de violência doméstica e apontou alguns avanços para as mulheres nos últimos anos.

Eu vivenciei dentro de casa, fui vítima de violência sexual aos 12 anos de idade; fui vítima de violência moral e sexual quando comecei a trabalhar como modelo; fui vítima de violência física e psicológica, que agora já é considerada

²⁵ O Projeto de Lei 116/2020 altera a Lei 11.340/2006 (Lei Maria da Penha), para incluir a forma de violência eletrônica contra a mulher. Onde inclui meios eletrônicos como ambientes nos quais podem ser praticadas condutas que representem violências psicológica, sexual, patrimonial ou moral contra a mulher. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/140519> Acesso em 13 jul. 2022.

²⁶ Afirmação do Coordenador do DataSenado, Marcos Ruben de Oliveira. Fonte: Agência Senado disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/12/09/>. Acesso em 13 jul. 2022.

²⁷ Fonte: Agência Senado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/12/09/>. Acesso em 13 jul. 2022.

crime, graças a Deus. Acho que a gente vem ganhando muito espaço. Quanto mais a gente fala, mais a sociedade entende o quanto é importante se envolver com essa pauta²⁸.

Durante a aula síncrona, pelo *Google Meet*, apresentei os resultados da pesquisa, mostrando números e abrindo espaço para comentários sobre a importância de haver um dia especial para homenagear as mulheres, porém, alertando para que esse dia seja também um dia de reflexão sobre a posição da mulher na sociedade e entender todos os desafios e lutas das mulheres para terem seus direitos respeitados. Também apontei para a reflexão sobre todas as injustiças que as mulheres sofreram e ainda sofrem, pelo simples fato de serem mulheres. Falei também sobre os tipos de violências, físicas e psicológicas, e que essas violências são frutos da construção de uma sociedade machista enraizada na maioria das pessoas que ainda trazem consigo o reflexo de uma criação patriarcal que insiste em permanecer.

Após o debate apresentei uns slides com imagens de campanhas publicitárias em combate à violência contra a mulher - (Apêndice 3, p. 118), sempre levantando questionamentos.

Apresentei as obras de artes **Bastidores** (1997) de Rosana Paulino²⁹ (Figuras 12a, 12b, 12c, p. 59 e 60) e **A Morte da dona da lua** (2015) de Mag Magrela³⁰ (Figura 13, p. 60), **Memorial da Democracia** (2008) (Figura 14, p. 61), e **Luto Como Mulher** (2016) (Figura 11, p. 55), de Panmela Castro. Fizemos uma leitura dessas obras, mostrando onde a obra apontava as questões da violência. Na obra de Rosana Paulino, onde ela aplicou fotos de mulheres em tecido presos a bastidores e costurou em forma de zigue zague na boca, na

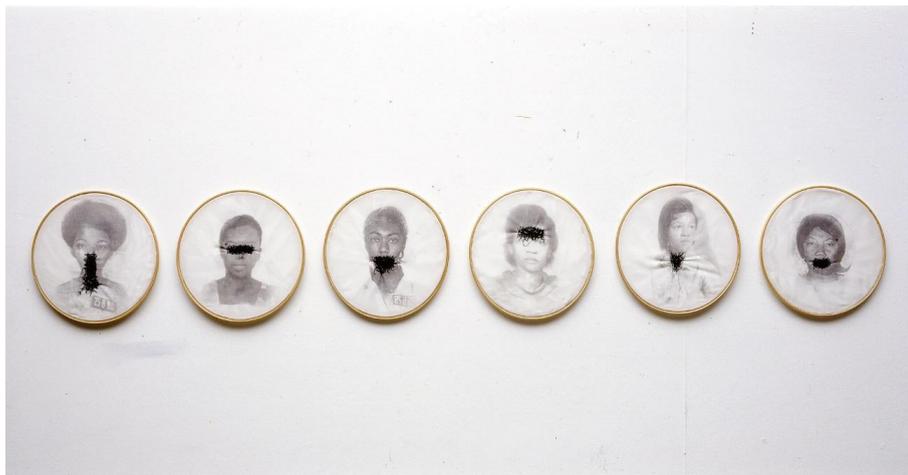
²⁸ Luiza Brunet, (1962). Atriz, modelo, empresária e ativista. Embaixadora do movimento #Agoravocêsabe, que dá voz às vítimas de violência sexual na infância e adolescência. Participou da pesquisa do DataSenado 2021. Fonte: Agência Senado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/12/09>. Acesso em 13 jul. 2022.

²⁹ **Rosana Paulino** (São Paulo, 1967) artista visual brasileira, educadora e curadora. Doutora em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e especialista em gravura pelo London Print Studio. O foco principal das suas obras são as questões sociais, étnicas e de gênero, que dizem respeito à mulher negra na sociedade brasileira. Nesse sentido, sua produção busca questionar os estereótipos de beleza e comportamento que historicamente estão associados às mulheres negras e mestiças. Chamam a atenção também para a violência dirigida à população negra, intermediando uma reflexão crítica sobre a contemporaneidade e a vida da própria artista. <https://revistacontinente.com.br/edicoes/234/rosana-paulino>. Acesso em 08 mar. 2022.

³⁰ Carolyn Barbara Maciel (São Paulo/SP, 1985). Nome artístico Mag Magrela. É autodidata, desenhista, grafiteira, pintora, escultora e cantora. Começou a pintar nas ruas de São Paulo no final de 2007, junto com grupos de amigos. Destaca-se por seu trabalho com o graffiti, caracterizado por figuras femininas que expressam melancolia e morbidez. As imagens, inicialmente produzidas em São Paulo, têm como suportes muros e paredes de cidades brasileiras e estrangeiras. As ruas serviram de base para os desenhos inicialmente feitos no papel. <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa254724/mag-magrela> Acesso em: 08 mar. 2022.

garganta, olhos, indiquei que isso quer mostrar a forma de silenciar a dor que muitas mulheres passam e que, muitas vezes, não têm coragem de falar ou são forçadas a ficarem em silêncio. A obra de Mag Magrela, mostra, por meio do grafite, uma mulher com toda sua dor, o morrer de um sonho romântico. Nas obras de Panmela Castro, nota-se a luta das mulheres pelos seus direitos.

Figura 12 a – Bastidores



Rosana Paulino – Bastidores – 1997 – aplicação de fotos e bordados sobre tecidos e bastidores. Disponível em: <http://enciclopédia.itaucultural.org.br/pessoa216153/rosanapaulino>. Acesso em: 08 mar. 2022.

Figura 12 b – Bastidores



Rosana Paulino – Bastidores – 1997 - aplicação de fotos e bordados sobre tecidos em bastidores. Disponível em: <http://enciclopédia.itaucultural.org.br/pessoa216153/rosanapaulino>. Acesso em: 08 mar. 2022.

Figura 12 c – Bastidores



Rosana Paulino – Bastidores – 1997 – aplicação de fotos e bordados sobre tecidos em bastidores.

Disponível em: <http://enciclopédia.itaucultural.org.br/pessoa216153/rosanapaulino>. Acesso em: 08 mar. 2022.

A obra de Rosana Paulino apresenta uma crítica a representação da mulher negra no Brasil, carregada de simbologia, utilizando como suporte bastidores, material usado para aplicação do bordado, ao mesmo tempo critica a posição da mulher negra no imaginário brasileiro, que por muitos anos foi marginalizada em consequência da escravidão. Por meio das linhas costurando bocas, olhos e garganta, ela mostra nas imagens a violência sofrida por mulheres negras ao longo da história.

Ao transitar entre imagens da crueldade da escravidão africana no Brasil e a experiência contemporânea de opressão, Rosana mostra em sua obra que as práticas de controle continuam atuais, como por exemplo, a violência doméstica.

Figura 13 – A Morte da dona da lua



Mag Magrela – A Morte da Dona da Lua – 2015, Grafite, Lapa – São Paulo/SP.

Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa254724/mag-magrela>

Acesso em: 08 mar. 2022.

As pinturas de Mag Magrela são inspiradas nas mulheres e sua relação com o feminino, busca reflexões sobre a pluralidade de corpos, cores e expressões. O sagrado feminino, a melancolia, a fé e a espiritualidade são presenças marcantes em seu trabalho. Ao

assumir sua paixão pelo grafite, passou a se reconhecer nesse universo, encontrando sua própria identidade. Nos corpos retorcidos das figuras das mulheres que denotam desconforto e as manobras que os corpos fazem para caber no universo do grafite, universo majoritariamente masculino, ou nas “caixinhas”, impostas socialmente.

Figura 14 – Memorial da Democracia



Panmela Castro – Memorial da Democracia - 2008, pintura mural em grafite – Rio de Janeiro/RJ.
Disponível em:

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa558382/panmela-castro>. Acesso em: 08 mar. 2022.

A criação da obra de Panmela no Rio de Janeiro é uma referência à Lei Maria da Penha. Faz parte do projeto que usa a arte como instrumento de transformação cultural, enfatizando o poder feminino, usa a arte de rua e o grafite para conscientizar mulheres sobre a Lei com o intuito de debater a situação da mulher na sociedade. Sua arte é reconhecida internacionalmente, lhe valendo diversos prêmios, entre eles o *Vital Voices Global Leadership Awards*³¹, na categoria de direitos humanos, em 2010.

³¹ O Vital Voices Global Leadership Awards é uma organização não governamental (ONG) que identifica e capacita mulheres líderes e empreendedoras sociais emergentes do mundo todo. Tem como missão dar visibilidade e investir em mulheres extraordinárias e transformar suas vidas gerando recursos para que prosperem em suas comunidades. Disponível em <https://connectamericas.com/pt/service>. Acesso em 15 jul. 2022.

Em 2012, a revista norte-americana “Newsweek³²” a incluiria entre as “150 mulheres que abalaram o mundo”.

Na aula assíncrona pelo *Google Forms*, as/os alunas e alunos iriam fazer atividade (Apêndice 3, p. 122) e elaborar desenhos sobre o tema estudado (para exposição no *Instagram*).

Na quinta aula, realizada no dia 10 de março de 2022, falamos sobre preconceitos de gênero, abrindo espaço para as/os alunas/os falarem sobre preconceitos, o que elas/eles entendem e suas opiniões a respeito. Apresentei um slide sobre o tema (Apêndice 4, p. 126), para melhor direcionar a discussão.

Preconceito, segundo o dicionário é sinônimo de: discriminação, intolerância, hostilidade, implicância, perseguição, desconfiança, rejeição, repúdio, aversão, exclusão, superstição, credence, credulidade.

Juízo de valor preconcebido sobre algo ou alguém, se pauta em uma opinião construída sem fundamento, conhecimento ou reflexão.

Repudiar por meio de discriminação sobre pessoas que tenham pensamentos ou ideais diferentes do seu. Demonstrar intolerância sobre formas de ser da outra pessoa, julgando sem nenhuma razão.

Preconceito de gênero pode ser entendido como sexismo, em muitos casos usados como sinônimo do machismo; é privilegiar um sexo ou gênero ou orientação sexual, em detrimento ao outro. É uma prática que coloca a mulher em uma situação de inferioridade. Entrou na nossa cultura de uma forma que magoa, ofende e diminui a autoestima das mulheres, colocando a mulher numa situação de exclusão, onde muitas funções sociais e do trabalho são/eram destinadas aos homens, legando a mulher apenas os cuidados com a casa, os filhos, e prendas domésticas.

³² Newsweek - revista de notícias, publicada semanalmente na cidade de Nova Iorque, distribuída internacionalmente. Atualmente é a segunda maior revista do país. Desde 2013, tornou-se disponível exclusivamente em formato digital. Site oficial da revista disponível em: <https://www.newsweek.com/> Acesso em 15 jul. 2022.

Também há o preconceito voltado à população LGBTQIAPN+: as lésbicas, bissexuais, trans e travestis, queers, intersexuais, assexuais, pansexuais, pessoas não binárias e outras formas de sexualidade e identidade de gênero.

Dados do Sistema Único de Saúde (SUS) revelam que, entre 2015 e 2017, uma pessoa LGBTQIAPN+ foi agredida por hora no Brasil.

Desde 1989, alguns tipos de preconceito são considerados crime no Brasil. É o que diz a Lei n.º 7.716, conhecida popularmente como "lei do racismo".

TIPOS DE PRECONCEITOS:

SEXISMO

Sexismo é uma atitude discriminatória sobre alguém ou grupo de pessoas, reduzindo apenas ao gênero ou orientação sexual, determinando que certas funções são direcionadas a homens e outras a mulheres. Um dos casos mais comuns de sexismo é estipular que a cor rosa está relacionada ao gênero feminino, e o azul ao gênero masculino. Essa atitude é bem comum quando a mulher vai ter uma/um filha/o, no momento da escolha do enxoval do bebê. Mulheres e homens podem ter atitudes sexistas³³.

MISOGINIA

É a repulsa, desprezo ou ódio contra as mulheres. O desprezo ou ódio dirigido às mulheres está diretamente relacionado com a violência que é praticada contra a mulher. E coloca a mulher em situação inferior ao homem³⁴.

HOMOFOBIA

Homofobia significa aversão irreprimível, repugnância, medo, ódio ou preconceito que algumas pessoas ou grupos nutrem contra os homossexuais, lésbicas, bissexuais e transexuais.

A homofobia pode ter causas culturais e religiosas e algumas etnias ou religiões assumem mais tendências homofóbicas.

Ainda hoje, alguns países aplicam a pena de morte como condenação para quem é homossexual, como Irã, Afeganistão e Arábia Saudita.

³³PERCÍLIA, Eliene. “**Por uma educação não-sexista**”; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao/por-uma-educacao-naosexista.htm>. Acesso em 16 jul. 2022.

³⁴NETTO, Leticia Rodrigues Ferreira, Misoginia. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociologia/misoginia/> acesso em 16 de mar. 2022.

No Brasil, qualquer ato homofóbico é considerado crime. Em maio de 2011, o Supremo Tribunal Federal reconheceu a legalidade da união estável entre pessoas do mesmo sexo. A decisão foi um grande passo acerca dos direitos dos homossexuais, além de trazer discussões sobre a questão da homofobia, apesar de todas essas conquistas de direitos, a homossexualidade ainda enfrenta muitos preconceitos. Casos de homofobias incluem violência e até mesmo assassinatos³⁵.

Para indicar as fobias motivadas pelas/contra as diversas identidades de gênero e sexualidades, preferimos usar o termo LGBTfobia.

TRANSFOBIA

É o preconceito contra as pessoas que se identificam como transgêneros. O termo trans é utilizado para caracterizar indivíduos transexuais e transgêneros, enquanto “fobia” significa “aversão a algo ou a alguém.” Então, a definição de transfobia se refere ao preconceito contra esse grupo, assim como toda forma de discriminação e intolerância. Nesse conceito, estão incluídos comportamentos que incitam práticas de violência física, verbal, psicológica ou moral contra essas pessoas. Tais atos são também veiculados virtualmente, gerando implicações que envolvem as redes sociais e a saúde mental³⁶.

Em todo o país, 124 pessoas trans foram mortas em 2019. Esses dados demonstram a necessidade de implementar novas políticas públicas de combate à violência contra essas minorias. É preciso fomentar campanhas e movimentos que incentivem a conscientização e que acabem, de uma vez por todas, com a transfobia no país.

De acordo com dados divulgados por instituições que defendem a causa LGBTQIAPN+, o Brasil é um dos países com maior registro de casos de violência contra essa população. Até o mês de julho de 2020, houve um aumento de 39% no número de assassinatos de indivíduos transgêneros em relação ao ano anterior, 89 mortes foram confirmadas³⁷.

³⁵ FERRARI, Juliana Spinelli. “O que é homofobia?” Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/psicologia/homofobia.htm>. Acesso em 16 mar. 2022.

³⁶NETO, Leticia Rodrigues Ferreira. Transfobia. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociologia/transfobia/> Acesso em 16 mar. 2022.

³⁷ Dossiê Assassinatos e Violências Contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2020. Bruna G. Benevides e Sayonara Naider Bonfim Nogueira. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf>. Acesso 16 mar. 2022

Segundo pesquisa publicada em 29/01/2022, pelo jornalista Jonas Valente - repórter da Agência Brasil-Brasília³⁸, em 2021, foram registrados 140 assassinatos de pessoas trans no Brasil. Deste total, 135 travestis e mulheres e cinco homens trans e pessoas transmasculinas.

Os dados estão no Dossiê Assassinatos e Violências Contra Travestis e Transexuais Brasileiras de 2021³⁹. O estudo foi realizado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) com apoio de universidades como a Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Federal de São Paulo (Unifesp) e Federal de Minas Gerais (UFMG).

A pesquisa informa que, pelo 13º ano consecutivo, o Brasil foi o país onde mais pessoas trans foram assassinadas.

Após a explicação, baseada em dados dessas pesquisas, abrimos debates sobre os tipos de preconceitos. Apresentei uma imagem de uma manifestação feita na praia de Copacabana no Rio/RJ, no dia 29 de janeiro de 2017. No dia 29 de janeiro, desde 2004, é comemorado o Dia Nacional da Visibilidade Trans⁴⁰. A foto, (fig. 15), consta de 144 cruzeiras pretas fincadas na areia, cada cruz representando uma pessoa trans morta no ano de 2016, por causa do preconceito.

Figura 15 – Protesto pelas vítimas de transfobia



³⁸ Agência Brasil, fornece dados em tempo real, sem ônus e sem fins lucrativos. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022> Acesso em 16 jul. 2022

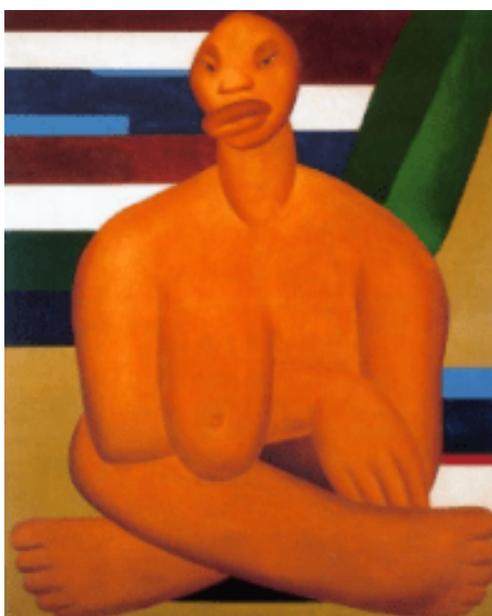
³⁹Dossiê Assassinatos e Violências Contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2021. Bruna G. Benevides. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf> . Acesso em 16 mar. 2022.

⁴⁰Em 29 de janeiro de 2004, um grupo de ativistas transgenero foi ao Congresso Nacional, para se manifestar em favor da campanha Travesti e Respeito, num ato político de afirmação da diversidade de identidade no país. A campanha é um marco na luta pelo reconhecimento e pela igualdade de direitos das pessoas trans no Brasil. Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-01/brasil>. Acesso: 11 mar. 2022.

Manifestação na praia de Copacabana no Rio/RJ – em protesto a 144 mortes no Brasil vítimas de transfobia em 2016 – Tomaz Silva – agência Brasil

Em seguida, apresentei as obras de arte **A Negra** (1923) (Figura 16, p. 66) de Tarsila do Amaral, **Sou Presa Fácil** (2011) (Figura 17, p. 67) e **Medo** (2012) (Figura 18, p. 67) de Mag Magrela, para que, a partir da reflexão de tudo que foi estudado a respeito do tema e da observação e leitura das obras, as/os alunas/alunos se sentissem inspirados a desenvolver seus desenhos.

Figura 16 – A Negra



Tarsila do Amaral - A Negra, 1923, Óleo sobre tela, 100 x 81,3 cm. Acervo: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo/SP.

A obra iconográfica de Tarsila do Amaral, *A Negra* (1923), retrata as mulheres negras escravizadas no Brasil, fruto da sua imaginação e lembranças de infância, elaborada a partir de histórias que ela ouvia das negras da fazenda onde morava. Retratou a mulher negra daquela época, uma figura oprimida que internalizou seus traumas para viver à serviço dos patrões, os braços fortes e seios fartos simbolizando as amas de leite, “mãe preta”, como eram chamadas na época em que as negras escravizadas amamentavam os filhos e filhas das patroas. A passividade da imagem denota uma condição social de estar à serviço do branco, com o sorriso que camuflava sua história de sobrevivente como afrodescendente no lar doméstico brasileiro do final do século XIX e que se estendeu até o início do século XX, mesmo com a escravidão tendo acabado.

Figura 17 – Sou Presa Fácil



Mag. Magrela – Sou Presa Fácil – 2011, Grafite, Lapa, São Paulo/SP.

Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa254724/mag-magrela>

Acesso em: 08 mar. 2022

Figura 18 - Medo



Mag. Magrela – Medo, 2012, Grafite, Praça da Árvore, São Paulo/SP.

Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa254724/mag-magrela>

Acesso em: 08 mar. 2022

Difícil é não se emocionar com as pinturas feitas em grafite da artista Mag Magrela. Nas suas figuras femininas, ela fala sobre resistência, dores, sofrimentos, os incômodos de se viver em sociedade, das barreiras que existem e dos sentimentos incrustados na alma, transformando a realidade em sonho, numa mistura de dor e fantasia.

Na imagem da obra **Sou presa fácil** (figura 17), ela passa a fragilidade do “ser mulher” na sociedade, numa figura presa à sua vulnerabilidade, numa demonstração da dor do que é ser aprisionada. Na imagem **Medo** (Figura 18), também demonstra esse ser

aprisionado: o medo é o que resta, tendo que tirar forças para resistir. Esse aprisionamento é bem recorrente em suas imagens.

Na aula assíncrona, as alunas e alunos ficaram responsáveis por realizarem a leitura do texto, responderem o questionário, (Apêndice 4, p. 127) e fazerem desenhos sobre o que foi estudado e discutido.

Na sexta aula, realizada no dia 15 de março de 2022, abordei o tema Leitura e Releitura de imagens de obras de arte. Na aula síncrona por meio de *Google Meet*, expliquei os passos necessários para se fazer uma leitura de imagem, do que a obra fala, o que podemos ler numa imagem, qual a mensagem intrínseca que está na obra, em que contexto histórico a obra foi criada. Apesar de termos feito leituras de imagens nas aulas anteriores, nessa aula a ênfase seria para a Leitura e Releitura de imagens, destacando a importância de se discutir um tema a partir desse tipo de abordagem. Apresentei alguns exemplos de releituras por meio de intervenções em obras de artes (Apêndice 5, p. 131).

Para efetivação dessa aula, baseei-me na “Abordagem Triangular”. Estabeleço um direcionamento de como conduzir a leitura de uma obra de arte:

Compreender/ler - efetuar uma leitura de forma a entender o que a obra intenciona mostrar.

Contextualizar - relacionar os significados entre diferentes contextos da arte, reflexões sobre o trabalho e como está contextualizado e relacionados com acontecimentos no tempo da obra, ou seja, quando a obra foi criada e atualmente.

Criar/produzir - executar de maneira particular e única a produção de um trabalho artístico, relacionando com materiais, técnicas e estado afetivo e reflexivo sobre a criação.

Segundo Barbosa (1998, p. 40).

Leitura de obra de arte é questionamento, é busca, é descoberta, é o despertar da capacidade crítica[...]. A educação cultural que se pretende com a Abordagem Triangular é uma educação crítica do conhecimento construído pelo próprio aluno, com a mediação do próprio professor, acerca do mundo visual e não uma “educação bancária”.

Trouxemos para leitura das imagens, obras de arte já estudadas nas aulas anteriores, **O Torso** (1915 – 1916) (Figura 10, p. 54) de Anita Malfatti, **Luto como Mulher** (2016) (Figura 11, p. 55) de Panmela Castro, **Bastidores** (1997) (Figuras 12a, 12b e 12c, p. 59 e 60) de Rosana Paulino, **A Morte da Dona da Lua** (2015) (Figura 13, p. 60) Mag Magrela,

Memorial da Democracia (2008) (Figura 14, p. 61) de Panmela Castro, **A Negra** (1923) (Figura 16, p. 66) de Tarsila do Amaral, **Sou Presa Fácil** (2011) (Figura 17, p. 67) e **Medo** (2012) (Figura 18, p. 67) de Mag Magrela.

Na aula assíncrona, as/os alunas/os teriam que fazer a atividade do *Google Forms* (Apêndice 5, p. 135) e escolher uma das obras para fazer uma releitura por meio de uma intervenção na imagem, usando aplicativo *Picsart*, disponível para dispositivos com sistema operacional Android e iOS. O resultado desses trabalhos está exposto no *Instagram* sob o endereço/título @gêneroeartenaescola e também no subitem 2.2 deste trabalho.

A intervenção é aqui compreendida como a atividade proposta e desenvolvida nas aulas de Artes Visuais: o trato com o tema gênero nas aulas e a releitura de imagens/obras como o acréscimo de elementos em uma obra de arte já existente. Metodologicamente, a proposta fez com que as/os discentes intervissem em uma obra/imagem com algum recurso viável. Nesse caso, possui um sentido semelhante à apropriação, contribuição, manipulação e pode ser feita por meio de colagem, pintura, recortes, montagens, fotografias, desenhos e aplicativo do celular, que foi o método escolhido por ser um meio mais acessível, contemporâneo, empolgante e próximo da realidade das alunas e alunos, pois todas/os demonstraram um ótimo domínio desse recurso.

Expliquei também o que significa uma releitura de obras de arte com a preocupação de que as/os alunas/os não confundissem com uma simples cópia. Barbosa (2009), na sétima edição do livro **A imagem no ensino da arte**, substitui a palavra releitura por interpretação visual, gráfica, estética, imagética, cultural, material e virtual.

A releitura de obras de artes também proporciona um acesso abrangente a várias obras, amplia o repertório e faz com que a aluna e o aluno, por intermédio da professora, tenham acesso a obras de momentos diferentes da história, estimula a criação a partir da apreciação e interpretação fazendo conexões com o que cada artista quer dizer em cada obra. O olhar é dado pela arte, mas não para copiar uma obra e sim para que se inspire nela.

Portanto, para se fazer uma Releitura, se cria uma nova obra inspirada em uma já existente, enquanto na Releitura através da Intervenção, acrescentam-se novos elementos na obra, contanto que, em ambas, não se fuja da obra original.

Na sétima aula, realizada no dia 17 de março de 2022, o tema abordado foi: Ditados populares sobre a imagem da mulher.

Os ditados populares fazem parte da nossa cultura e da cultura de muitos países, são frases consideradas sábias, pois transmitem conhecimento para que as pessoas mais novas tenham um entendimento sobre comportamentos e acontecimentos do passado. São transmitidos de geração em geração, e, em muitos casos, não se sabe a origem dos ditados populares. São falados pela população em geral, independentemente de idade ou classe social. Porém, em algumas situações, os ditados ultrapassam os limites e se apresentam de forma ofensiva, o que não cabe mais na sociedade atual. É o caso dos ditados que depreciam a imagem das mulheres: muitos deles se apresentam de forma machista e sexista, transmitidos como “piadas engraçadas” depreciando a imagem da mulher e colocando-a em situação de inferioridade em relação ao homem, algo que foi normalizado na sociedade devido a construção social machista.

Fizemos uma reflexão sobre alguns ditados populares que existem sobre a imagem da mulher. Por exemplo:

“Mulher no volante é um perigo constante”

“Mulher tem pé pequeno para ficar mais perto da pia”

“Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”

“Mulher só serve para dirigir fogão”.

Apresentei um slide com imagens de alguns desses ditados populares (Apêndice 6, p. 135), alertando para o cuidado de não se admitir mais esses tipos de frases preconceituosas e machistas. Vivemos numa sociedade em constante transformação e o respeito deve acompanhar essas transformações.

Em seguida, apresentei outras imagens com frases positivas sobre as mulheres (Apêndice 6, p. 135), para que as/os alunas/os saíssem da aula animadas/os e estimuladas/os a criarem desenhos sobre esse tema.

Na atividade assíncrona, as/os alunas/os foram orientadas/os a lerem o texto, responderem um questionário (Apêndice 6, p. 138) e elaborarem desenhos sobre o tema estudado.

No dia 22 de março de 2022, a oitava aula realizada foi sobre desenho e pintura, foi necessário a realização de uma aula presencial. Teríamos que revisar algumas técnicas de pinturas e manuseio de tintas, como a mistura de tintas para formação de cores a partir das cores primárias, as cores como elemento da linguagem visual, etc. Então, foi preciso solicitar

uma autorização à direção da escola para realizar essa aula presencial, uma vez que a escola se encontrava um caos devido a reforma. Tudo ocorreu de forma positiva: escolhemos uma sala em que pudéssemos desenvolver a aula e, tomamos os cuidados necessários de biossegurança por causa da situação de crise sanitária.

Fiz uma breve revisão sobre os elementos da linguagem visual, que segundo Dondis (1997), são: o ponto, a linha, a forma, o plano, a textura, e a cor. Trabalhamos as técnicas de desenhos e pinturas. A revisão foi importante para o entendimento e realização dessa atividade.

A cor é um elemento importante nas aulas de artes. Quando se fala em pintura é o primeiro elemento que as alunas e alunos pensam, principalmente quando se trata de adolescentes. Segundo Maria Helena Wagner Rossi (2009), quando a criança é ainda pequena, o critério da cor é o que primeiro aparece, o primeiro julgamento que a criança geralmente faz é em relação à cor.

Para uma criança uma imagem é boa se tiver sua cor preferida. Sendo o aspecto do meio de expressão mais facilmente relacionado à expressividade, a cor é usada como critério de julgamento desde a educação infantil. (...). É assim que as crianças pequenas compreendem a cor e a usam como critério de julgamento. Uma imagem é boa, se tiver cores que lhe agradam. Não importa a função de uma determinada cor numa imagem. (ROSSI, 2009, p. 72).

Porém, para Rossi (2009), na adolescência a cor passa a ter um outro sentido, deixa de ser considerada como simples elemento: eles percebem, então, que uma alteração da cor numa imagem pode alterar o sentido da obra, embora para alguns ainda permaneça o mesmo critério, ou seja, de gostar ou não de uma obra devido a cor que lhe agrada ou não.

A cor também pode fazer referência ao que está associado às convenções sociais, ou seja, a criança aprende que o preto simboliza luto, transmite o sentimento de tristeza ou a cor vermelha, que é uma cor quente, pode estar associada a alegria, agitação ou raiva.

Depois de comentar sobre os aspectos e importância da cor na pintura, as/os alunas/os escolheram um desenho feito nas aulas anteriores e, a partir do desenho escolhido, desenvolveram a pintura usando tinta guache sobre cartolina. Nessa aula não foi possível concluir as pinturas, tendo ficado acordado que teríamos outra aula presencial para que concluíssemos.

Atividade assíncrona: texto e exercício sobre pinturas e desenhos no *Google forms* (Apêndice 7, p. 146).

Na nona aula, dia 29 de março de 2022, também em modo presencial, como já havíamos combinado para conclusão das pinturas iniciadas na aula anterior, retornamos à escola para a conclusão dessas atividades.

As aulas presenciais foram importantes, pois além de proporcionar uma proximidade melhor com todas e todos, pudemos discutir algumas pendências, ou falarmos de algumas dúvidas ou dificuldades que algumas/uns alunas/os sentiram durante o processo. Também tiveram a oportunidade de trocar ideias, dar opiniões e observar os trabalhos das/os colegas. Segundo Piaget (1978), a interação é importante para o processo cognitivo. Mesmo sabendo da importância das aulas virtuais nesse atual momento, nada se compara a realização de uma aula ao vivo, onde todas e todos podem interagir de forma mais íntima e sem as limitações que o ensino remoto apresenta. Encerramos essa aula e já combinamos que a próxima também seria presencial.

A décima aula, realizada no dia 05 de abril de 2022, também presencial, foi a última aula realizada para a pesquisa. Houve um momento para as alunas e alunos falarem e refletirem sobre o processo. Essas falas foram gravadas no celular, algumas delas transcrevi (Apêndice 9, p. 149). Foram expostos comentários sobre o processo no decorrer das aulas, os pontos positivos, o aprendizado a partir dessas aulas, etc. As alunas e alunos tiveram oportunidade de expor suas dificuldades e o que aprenderam sobre essa experiência, inclusive, puderam falar sobre a experiência das aulas remotas. Algumas falaram ter gostado desse modo de ensino, que foi uma “alternativa de mais uma maneira de estudar”, outras/os alegaram dificuldades em acessar a internet. Mesmo com alguns obstáculos o resultado foi positivo: todas e todos demonstraram satisfação e disseram que foi uma experiência importante para o aprendizado. A maioria falou que tiveram grandes aprendizados em relação às questões do tema gênero e que todos os debates das aulas foram importantes.

Depois dessa conversa informal, fomos selecionar o material, que foi fotografado, exposto no *Instagram* e relacionado a seguir no subitem 2.2.

A exposição dos trabalhos realizados encontra-se no Instagram sob o nome do usuário @generoeartenaescola, todas e todos poderão acessar, curtir e comentar a respeito.

2.2. DISCURSOS DE GÊNERO NA ESCOLA-CAMPO

Ao refletir sobre os discursos de gênero expressos nos trabalhos desenvolvidos pelas/os alunas/os, expostos no Instagram e relacionados a seguir, pude verificar que a proposta de trazer a discussão sobre as questões de desigualdades e papéis de gênero foi de grande importância, uma vez que as expressões tratadas nos referidos trabalhos, demonstram grande sensibilidade no trato do tema. A partir de cada processo criativo, pude perceber que o resultado foi excelente. O propósito de refletir sobre o tema, demonstrar essa reflexão a partir da criação artística, foi expresso em cada trabalho realizado com muita propriedade e sensibilidade. A seguir faço um relato sobre cada trabalho, não me prendendo apenas ao uso ou domínio da técnica utilizada, mas sobretudo, a sensibilidade e expressividade que cada uma/um pôde demonstrar em seus trabalhos. Usarei nomes fictícios para me referir as/os estudantes, a fim de garantir-lhes suas privacidades.

Figura 19 – Desenho e pintura



Técnica mista – Violência contra a mulher – Aluna: Anita

Na pintura acima, a aluna fala de uma violência que acontece frequentemente, o estupro, que em alguns casos ficam impunes, por muitas razões; quando vão denunciar muitas vezes não são levadas a sério, exigem-se provas que às vezes a mulher não consegue adquirir, enfraquecendo a coragem de denunciar. Em outros casos sentem vergonha de se expor, principalmente quando envolve pessoas “poderosas” ou da família. Quando ela alerta para esse tema na pintura, está alertando para algo sério, real e urgente. Segundo pesquisa do 14º Anuário Brasileiro de Segurança Pública/2020, a cada 8 minutos uma mulher foi estuprada no Brasil, na qual 57,9% das vítimas tinham no máximo 13 anos.

Figura 20 – Desenho e pintura



Tinta guache sobre cartolina - Violência psicológica contra a mulher – Aluna: Carolina

Nessa pintura, a aluna faz alusão a violências psicológicas, que em muitas situações, por não deixarem marcas físicas, não são levadas a sério, porém, estudos revelam que a violência psicológica deixa “feridas profundas na alma” e na tentativa de cura, em grande parte, a probabilidade de se obter êxito é muito pequena. Um trauma dessa magnitude pode acompanhar a vítima por toda a vida e em muitos casos é irreversível.

Figura 21 – Desenho e pintura



Lápis de cor e caneta hidrocor sobre papel sulfite - Violência contra a mulher – Aluna: Ana

Na pintura acima a aluna buscou representar um tema importantíssimo, a sororidade, quando escreve a frase, “você não está sozinha”. Demonstra uma empatia que as mulheres têm em situações de vulnerabilidade, a força para o enfrentamento que podemos alcançar a partir da união, e faz um apelo para que se denuncie qualquer tipo de violência contra a mulher.

Figuras 22 a, 22 b, 22 c, 22 d, 22 e – Trechos de letras de músicas



Caneta hidrocor sobre papel sulfite - violência contra a mulher – Aluna: Glória

Inspirada em trechos das músicas dos Rappers GR6 Explode, (Figuras 22 a, 22 b, 22 c) e Kell Smith, (Figuras 22 d, 22 e), essa aluna passa o recado e adverte sobre as diversas violências que muitas mulheres sofrem, que vão desde assédios até o feminicídio, fazendo um apelo ao respeito, ao modo de ser e se vestir, assim como a ideia de “meter a colher”. Como diz a música, a tradição e esse ditado popular perpetuam que a vida doméstica seria algo isolado do público e social, onde, no matrimônio ou numa relação, o homem controla e a mulher é submissa a essa autoridade e quem está fora não deve interferir. Esse ditado

escancara uma normalização do isolamento de mulheres que enfrentam violências conjugais e se veem, além de agredidas, sem a possibilidade de contar com uma rede de proteção e apoio. A música aponta que a interferência de um terceiro que percebe a situação pode ajudar a salvar mulheres das situações de risco em que se encontram com seus parceiros.

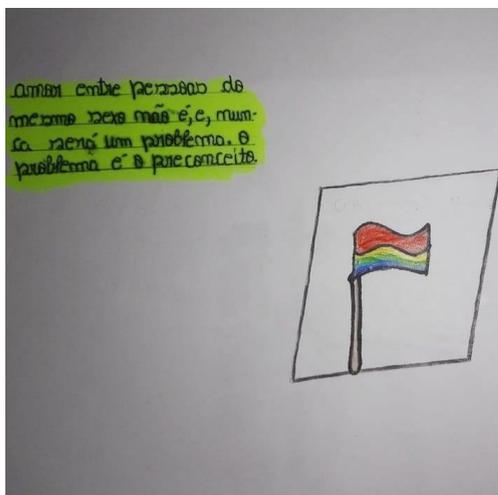
Figura 23 – Desenho e pintura



Lápis de cor sobre papel sulfite. Orgulho LGBTQIA+ - Aluno: Abdias

O desenho acima trata do tema orgulho LGBTQIAPN+, como foi discutido nas aulas. A luta para se combater preconceitos contra a comunidade e as grandes conquistas por direitos justos e igualitários são frutos das grandes mobilizações dessa população, pois, nas diferenças, todos merecem respeito e direitos iguais perante a Lei.

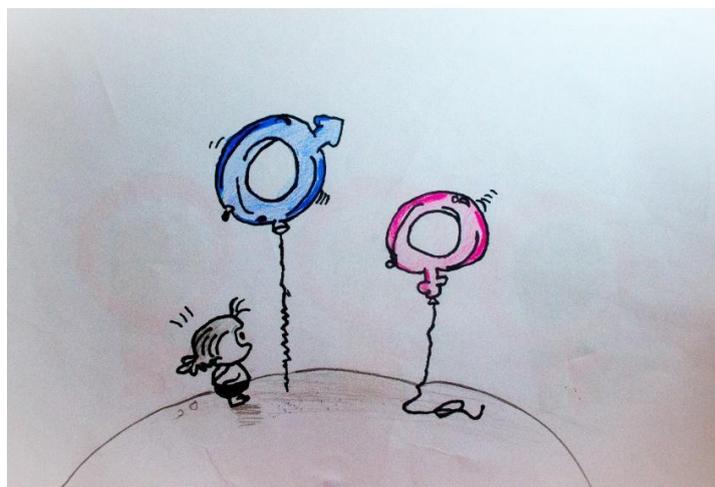
Figura 24 – Desenho e pintura



Lápis de cor sobre papel sulfite. Orgulho LGBTQIAPN+ - Aluna: Abigail

Nesse desenho a aluna fala do amor entre pessoas do mesmo sexo, que em muitos casos ainda é visto com estranhamento. Durante muito tempo, esse preconceito, a homofobia, foi imposto principalmente por questões religiosas e acatado pela sociedade em geral, que via como “normal” apenas o amor entre homem e mulher. Isso perdura e, até os dias atuais, muitos ainda vêem a união de pessoas que não estejam dentro dos padrões heteronormativos como errado, reproduzindo preconceitos e cometendo agressões.

Figura 25 – Desenho e pintura



Lápis de cor sobre papel sulfite – Desigualdade de gênero. Aluna: Judite

Nesse desenho, a aluna apresenta uma figura infantil em momento de questionamento, inspirada no desenho da Mafalda, diante dos símbolos masculino e feminino, onde o símbolo masculino está numa posição mais alta em relação ao feminino, para mostrar como a sociedade sempre o colocou.

Também fazendo uma alusão as cores rosa para o feminino e azul para o masculino, cores que foram impostas socialmente e que muitas pessoas ainda aceitam naturalmente como regra, como podemos ver com nascimentos de bebês, roupas e espaços geralmente direcionados a crianças e diferenciados por tais cores, os agora tão famosos “chás de revelação” de gênero.

Figura 26 – Desenho e pintura



Tinta guache sobre cartolina - Violência contra a mulher – Aluna: Glória

Na pintura do rosto de uma mulher com a boca rabiscada, como se estivesse costurada, alusão ao trabalho “Bastidores” de Rosana Paulino, a aluna fala sobre o silenciamento que muitas vezes acontece diante da violência contra a mulher, e apela para que as pessoas não fiquem caladas, que denunciem, que ajudem; pois, muitas mulheres que estão sendo agredidas, em muitos casos, não conseguem denunciar seu agressor, seja por sofrerem ameaças, por estarem em situação de vulnerabilidade financeira, por se sentirem desamparadas, ou quaisquer outras condições.

Figura 27 – Desenho e pintura



Tinta guache sobre cartolina - Desigualdade de gênero – Aluna: Judite

Num jogo de desequilíbrio de uma situação, simbolizado metaforicamente por uma árvore, a aluna demonstra aqui o empenho que a mulher e o homem fazem para “colher o fruto”. Mostra como o homem consegue alcançar seus objetivos com facilidade, uma vez que é oferecido a ele mais oportunidades, simbolizado pelo desenho de outro homem o ajudando no alcance das suas conquistas, enquanto a mulher é representada sozinha, com dificuldade para alcançar o fruto. Essa dificuldade que a mulher tem que enfrentar acontece em muitas situações, quando a mulher tem que se desdobrar para conseguir chegar em algum lugar que, por muito tempo, foi determinado que seria apenas para os homens, a exemplo de espaços na política, no esporte, na ciência, no mercado de trabalho, entre outros.

Figura 28– Desenho e pintura



Lápis de cor sobre cartolina - Desigualdade de gênero – Aluna: Maria

A aluna demonstra no desenho acima, a desigualdade salarial que ainda acontece entre homens e mulheres, pois, segundo pesquisas, muitas mulheres ainda recebem salários inferiores aos homens exercendo a mesma função. A dificuldade de a mulher alcançar um salário igual ao do homem, uma situação ainda tão comum no país e no mundo, foi demonstrada na imagem pelos símbolos do dinheiro mais próximo da figura masculina e mais distante da figura feminina.

Figura 29 – Desenho e pintura



Tinta guache sobre cartolina – Violência contra a mulher – Aluna: Ângela

Na pintura acima, a aluna fala da violência contra a mulher, com o alerta de não se calar, chama a atenção para se denunciar quando presenciar qualquer tipo de violência, demonstrando o sofrimento representado pela lágrima, numa pintura simples e tocante, que chama a atenção pelas cores usadas. Com um fundo amarelo, desenhos e letras pretas, destacando a lágrima pela cor vermelha.

Figura 30 – Desenho e pintura



Tinta guache sobre cartolina - Igualdade de gênero – Aluna: Abigail

Nessa pintura, a aluna se refere à igualdade de gênero, numa simbiose de cores, (rosa e azul) e símbolos (masculino e feminino), talvez querendo mostrar a unificação sobre a

posição do homem e da mulher na sociedade, que não são divididas, que são iguais, ou pelo menos que deveria ser.

Figura 31 – Desenho e pintura



Lápis de cor sobre papel sulfite. Orgulho LGBTQIA+ - Aluno: Michel

Nesse desenho feito a partir das cores do movimento LGBTQIAPN+, o aluno fez uma representação abstrata e harmônica, numa composição feita a partir das cores e linhas diversas, se referindo ao direito de igualdade dentro da diversidade, onde há espaço para todas as diferenças, tudo se mistura harmonicamente dentro desse espaço, assim como deve ser nos lugares e na vida.

Figura 32 – Desenho e pintura



Tinta guache sobre cartolina - Feminismo – Aluna: Tássia

Nessa pintura, a aluna fala de uma força que existe em todas as mulheres, a força de lutar pelos seus direitos. Mesmo quando se encontram em situação de vulnerabilidade, essa

força está nas mulheres, ainda que escondida e camuflada, e tem potencial de aflorar. As flores pintadas sobre o símbolo feminino representam o desabrochar dessa força.

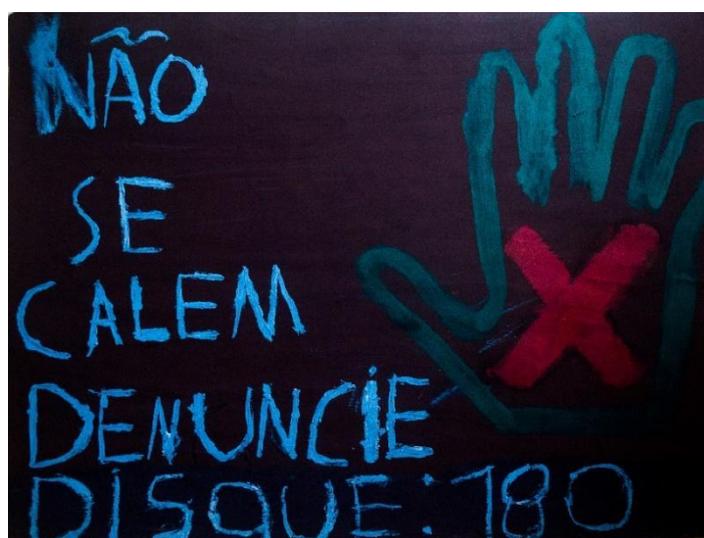
Figura 33 – desenho e pintura



Lápis de cor sobre papel sulfite - Violência contra a mulher – Aluno: Michel

A pintura acima nos mostra as marcas de agressões sofridas por muitas mulheres que passam por situações de violência física pelos próprios companheiros. Nesse desenho, o aluno expressou de forma impactante um problema que atinge muitas mulheres, e que continua a acontecer de forma assustadora, como nos mostra o dado trazido na imagem. Ele atenta, também, que por meio da denúncia as mulheres podem conseguir responsabilizar os agressores e sair de círculos que põem em risco sua integridade e, muitas vezes, suas vidas.

Figura 34 – Desenho e pintura



Tinta guache sobre cartolina - Violência contra a mulher – Aluno: Cândido

A súplica desesperada para romper com um silêncio e o pedido por ajuda é o que está representado nesta pintura, um pedido de ajuda para se libertar da violência doméstica, que durante o “confinamento” da crise sanitária, devido a covid 19, muitas mulheres foram vítimas, o X vermelho marcado na mão foi uma saída encontrada para esse pedido de socorro, a mulher poderia chegar numa farmácia e mostrar esse “símbolo” e um atendente poderia denunciar, solicitar que a polícia fosse à casa da vítima para ajudá-la. Infelizmente, muitas mulheres ainda vivem nessa situação de “cárcere privado” e muitas não tem forças para enfrentar seu agressor/companheiro, se sentem ameaçadas e coagidas a não denunciar e, com medo, muitas se calam.

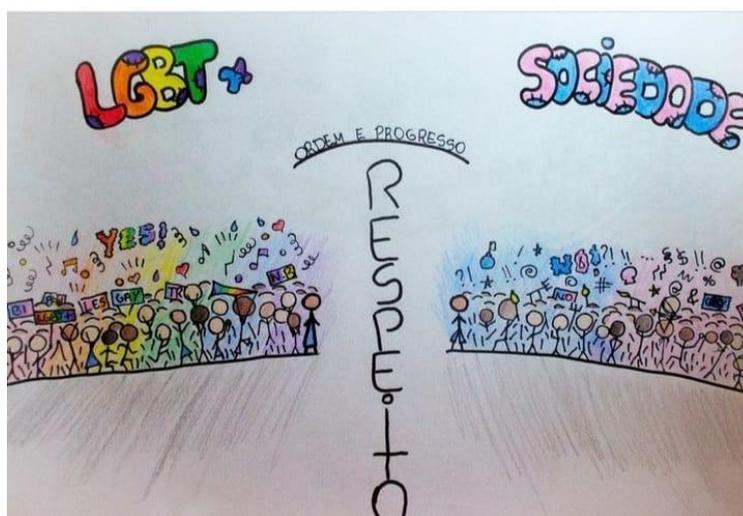
Figura 35 – Desenho e pintura



Lápis de cor sobre papel sulfite - Desigualdade de gênero, Aluna: Ana

Nesse desenho, a aluna demonstra o nível de inferioridade que a mulher é colocada, ao tratar do tema desigualdade entre homem e mulher. O homem da imagem está com uma pasta na mão, saindo para trabalhar, circulado pelos símbolos do dinheiro, mostrando que o homem é o provedor, e a mulher é representada cuidando do jardim, colocada em posição de inferioridade, de joelhos, para denotar um lugar abaixo do outro. Também observamos junto a ela símbolos de dinheiro, mas com pontos de interrogações, como se questionando o valor do seu trabalho. O mais sensível nesse desenho é a expressão no rosto da mulher, de tristeza e insatisfação por ter sido colocada, socialmente, nessa posição.

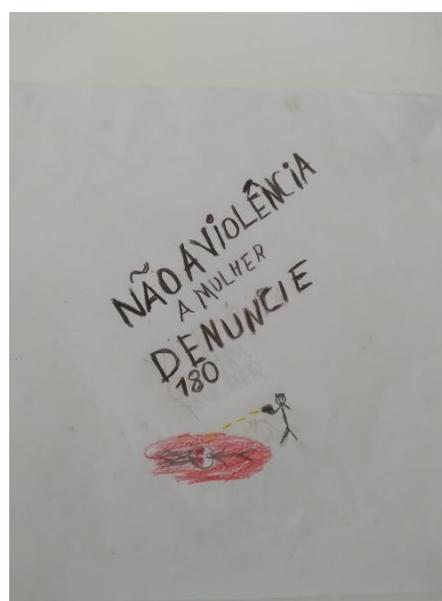
Figura 36 – Desenho e pintura



Lápis de cor sobre papel sulfite. LGBTfobia – Aluna: Judite

Nesse desenho a aluna fala da LGBTfobia, um tema que merece atenção. É demonstrado uma divisão no desenho, representando dois mundos; de um lado, a sociedade com símbolos de xingamentos, demonstrando o preconceito, do outro lado, as pessoas LGBTQIAPN+, em sua luta diária por direitos, igualdade e respeito. Também vemos essa dicotomia separada pelas palavras “ordem e progresso”, presentes na bandeira do Brasil. Abaixo, em letras maiores, vemos a palavra “RESPEITO”, propositalmente destacada para chamar atenção e, de certa forma, nos mostrando que a “ordem” não deve ser um controle discriminatório imposto por uma sociedade preconceituosa, mas o respeito às diversidades pode estabelecer de fato uma ordem que leve a sociedade a progredir com civilidade.

Figuras 37 a, 37 b – Desenho e pintura



Lápis de cor sobre papel ofício - Desigualdade de Gênero e Femicídio Aluno: Moisés

Com simplicidade no traço, esse aluno, que dizia não saber desenhar, conseguiu falar de dois temas tão relevantes de forma muito sensível, a desigualdade de gênero (Figura 37 a), e o feminicídio (Figura 37 b), que foram muito abordados nas nossas aulas. A desigualdade de gênero, expressa por meio do seu desenho com a “mulher não no poder” em contraste ao “homem no poder”, onde podemos ver as mulheres num nível bem abaixo e como se estivessem à serviço de um homem que se encontra no topo, em posição de superioridade, podendo se tratar tanto de uma posição política, de mercado, do social, do doméstico, onde em muitos casos a mulher tem que se desdobrar para se colocar em algum nível de igualdade que ainda está longe de conseguir. No outro desenho, ele fala da questão do feminicídio, situação que, infelizmente, ainda é tão recorrente. O interessante nesses desenhos é que ele fez as figuras bem pequenas e as palavras maiores, para chamar a atenção para a não violência contra a mulher, como um grito que ecoa.

Figura 38 – Desenho e pintura



Tinta guache sobre cartolina. Orgulho LGBTQIAPN+ - Aluno: Michel

O aluno acima representou na sua pintura a comunidade LGBTQIAPN+. Vemos uma pessoa de costas, sem mostrar o rosto, pois não importa quem seja ou de quem gosta, trata-se de uma pessoa representando a comunidade através de uma capa sobreposta com as cores da bandeira LGBTQIAPN+, a palavra orgulho, em destaque, escrita em inglês (“*pride*”). Pessoas que lutam por seus direitos e que merecem viver suas vidas, individualidades e sexualidades sem sofrer ataques por simplesmente existirem.

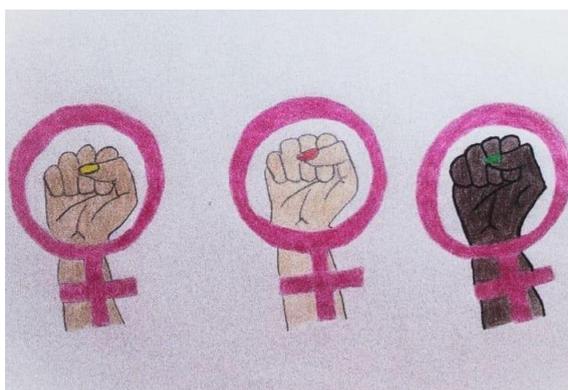
Figura 39 – Desenho e pintura



Desenho e pintura, técnica mista - Feminismo – Aluna: Maria

Nessa pintura, a aluna abordou o tema feminismo, mostrando em seu trabalho uma forma de melhorar a autoestima da mulher que por muito tempo ficou presa a uma submissão masculina, atendendo a imposição do pai, marido ou companheiro. Através das palavras, demonstra uma retomada de direção para que a mulher tome as “rédeas” da sua própria vida, com poder de decisão para fazer o que quiser.

Figura 40 – Desenho e pintura



Lápis de cor sobre papel sulfite - Feminismo – Aluna: Tássia

Nesse desenho, a aluna representou a força feminina e a diversidade que existe entre elas, simbolizada pelas diferenças das cores e raças. As mãos em punhos sob os símbolos feminino, representa a força das mulheres, unidas numa luta comum em busca dos seus direitos.

Figuras 41 a, 41 b – Desenho e pintura



Lápis de cor sobre papel sulfite – violência contra a mulher – Aluna: Anita

No desenho acima, Figura 41 a, a aluna representou, numa espécie de “história em quadrinhos”, cenas muito comuns de violência doméstica. Há um casal sentado à mesa, a mulher tentando agradar seu companheiro, demonstrado pela pergunta, “está gostando da comida?”, ele a desdenha e humilha, agredindo com palavras que diminuem o valor da mulher, chamando-a de “inútil”, no desenho abaixo, ele aparece machucando a mulher e falando para ela ficar “calada”. Essas são cenas que acontecem frequentemente, representadas com muita sensibilidade. Em muitos casos, a violência doméstica começa verbalmente, depois passa para agressão física e a situação só vai se agravando. Mais abaixo, o rosto de uma mulher falando para que ela denuncie, que não deve deixar o homem machucá-la, é um alerta para as mulheres não se calarem.

No desenho, Figura 41 b, está representado vários tipos de mulheres, pois dentro do universo feminino existe a diversidade, mulheres negras, brancas, trans, travestis, lésbicas, bissexuais, etc., e independente de como elas sejam, merecem ser respeitadas e, mesmo com diferenças e particularidades que apresentam suas próprias questões, estão unidas pelo ser-mulher.

Figura 42 – Releitura de obra de arte



Releitura da obra “Medo” - Intervenção na imagem usando aplicativo Picsart – disponível para Android e iOS. – Violência contra a mulher – Aluna: Ângela

Na releitura acima, feita por meio da intervenção na obra “Medo” de Mag Magrela, a aluna fala da violência doméstica, que isola a mulher do mundo externo, a mulher é colocada numa “ilha”, representada pela água, e uma mão emergindo dessa água com o número 180, que é o número do disque denúncia para esses casos, simbolizando a “salvação” para essa mulher que se encontra em estado de desespero. É um apelo para a libertação dessa mulher que representa muitas outras em igual situação. O interessante também é que ela fez o reflexo da mulher na água segurando um buquê de flores ao invés do revólver, talvez para simbolizar a transformação que uma mulher pode conseguir ao superar uma fase de opressão.

Figura 43 – Releitura de obra de arte



Releitura da obra “Medo” - Intervenção na imagem usando aplicativo Picsart – disponível para Android e iOS. – Violência contra a mulher – Aluna: Ana

Nessa outra releitura sobre a mesma obra, a mulher é colocada, novamente aprisionada, representada pela corrente que circula, também as mãos são acorrentadas, para demonstrar um estado de paralisação diante da situação.

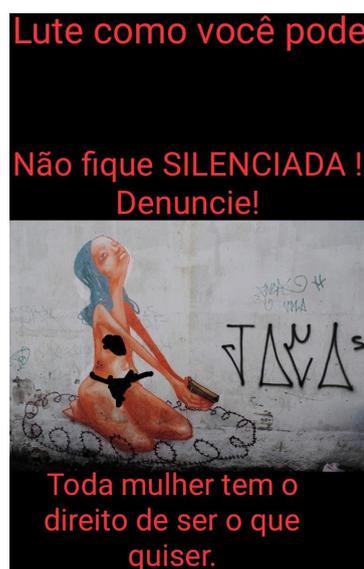
Figura 44 – Releitura de obra de arte



Releitura da obra “Medo” - Intervenção na imagem usando aplicativo Picsart – disponível para Android e iOS. – Violência contra a mulher – Aluna: Anita

Nessa releitura, a aluna interviu na obra com frases de combate à violência contra a mulher, alertando para o perigo da tentativa de suicídio, que em casos extremos pode acontecer, uma vez que os traumas às vezes podem consumir as mulheres que passam por experiências traumáticas, atingindo sua autoestima e as deixando tão fragilizadas ao ponto de perderem o interesse pela vida.

Figura 45 – Releitura de obra de arte



Releitura da obra “Medo” - Intervenção na imagem usando aplicativo Picsart – disponível para Android e iOS. – Violência contra a mulher – Aluna: Carolina

Aqui a aluna fala de silenciamento, que acontece comumente em decorrência de ameaças dos seus agressores, e faz um apelo para que “lutem como possam”, que não desistam. Em muitos casos, os agressores são os maridos/companheiros dessas mulheres, decorrência do machismo enraizado na nossa sociedade. Muitos homens não aceitam que as mulheres tenham direito de escolha, quando não aceitam mais os abusos do relacionamento, não se submetem às imposições dos seus companheiros ou simplesmente optam por outras coisas em suas vidas fora daquela relação, muitas mulheres são agredidas ou assassinadas, quadro recorrente no Brasil.

Figura 46 – Releitura de obra de arte



Releitura da obra “Medo” - Intervenção na imagem usando aplicativo Picsart – disponível para Android e iOS. – Violência contra a mulher – Aluna: Tássia

Palavras e frases que estimulam a mulher nessa luta contra a violência são apresentadas nessa releitura. Mesmo com todas as medidas sociais, leis de proteção às mulheres e conscientização, ainda é muito difícil denunciar as violências sofridas, muitas se sentem impotentes quando vivenciam tais situações. Apesar disso, houve um avanço e o importante é estimular, não desanimar, pois a luta é constante e incessante, até que se consiga um dia erradicar por completo a violência contra a mulher.

Figura 47 – Releitura da obra de arte



Releitura da obra “A Negra” - Intervenção na imagem usando aplicativo Picsart – disponível para Android e iOS. – LGBTfobia – Aluno: Michel

Nessa releitura, o aluno fez referência ao preconceito de homofobia existente em nossa sociedade, e como esse preconceito pode prejudicar a vida de uma pessoa homossexual. A repressão sofrida é demonstrada pelas correntes no pescoço, demonstrando um sentimento de sufocamento e aprisionamento angustiante que muitas pessoas passam diante de situações de vulnerabilidade em que o preconceito o coloca, é o reflexo de um sentimento de dor e angústia pelo fato da sociedade não entender, não aceitar e não respeitar a diversidade. É um apelo por liberdade de viver num mundo onde todas e todos usufruam dos mesmos direitos, com todas as diferenças.

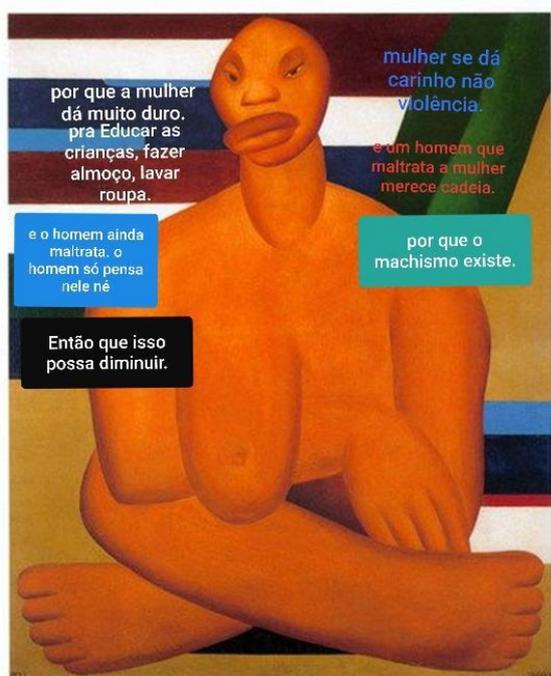
Figura 48 – Releitura de obra de arte



Releitura da obra “A Negra” - Intervenção na imagem usando aplicativo Picsart – disponível para Android e iOS. – Violência contra a mulher – Aluna: Maria

Na releitura acima, a aluna fez uma intervenção na imagem da obra “A Negra” de Tarsila do Amaral, colocando-a junto a uma manifestação por igualdade racial. A imagem é vista como que num “andor”, carregada pelas pessoas em procissão, pedindo respeito pelas mulheres, principalmente as mulheres negras que foram as mais massacradas pela crueldade da exploração da mão de obra escrava e também as tantas violências que passaram e ainda passam nessa sociedade racista. Também critica o pensamento machista, que é a grande causa das violências contra as mulheres.

Figura 49 – Releitura de obra de arte



Releitura da obra “A Negra” - Intervenção na imagem usando aplicativo Picsart – disponível para Android e iOS. – Violência contra a mulher – Aluna: Abigail

Nessa releitura a aluna fala da situação de muitas mulheres, que cuidam dos filhos, da casa e ainda sofrem violência dos seus companheiros. Ela critica o machismo e fala de justiça, quando ressalta que o homem que maltrata a mulher “merece cadeia”, para explicitar a seriedade do tema e a necessidade da luta por seu fim.

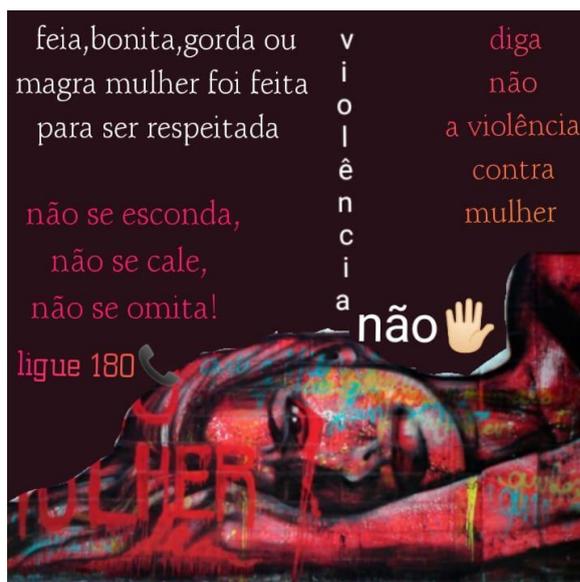
Figura 50 – Releitura de obra de arte



Releitura da obra “Bastidores” - Intervenção na imagem usando aplicativo Picsart – disponível para Android e iOS. – Violência contra a mulher – Aluna: Judite

Nesta fantástica obra de Rosana Paulino, a aluna fez a releitura intervindo na obra com a frase, ou pergunta, ou questionamento: “É minha culpa?”. Em muitas situações de violências que as mulheres passam, algumas ainda questionam se a culpa é dela pela forma como o homem agiu. Quantas mulheres se sobrecarregam de culpa, se sentem culpadas por deixarem suas filhas ou filhos com outras pessoas, babás, creches, ou parentes, para irem trabalhar ou estudar? Ou se não dão conta das tarefas domésticas, quando não tem tempo de organizar a casa como “deveriam”, ou se o marido chegar em casa e não tiver comida pronta? Ou de não poderem participar de uma reunião na escola das/os filhas/os? Ou o que é pior, quando sofrem uma agressão, ainda duvidam se o homem tinha razão, se questionando, “será que não fui uma esposa suficientemente atenciosa e dedicada?” Será que alguém teria a ousadia de questionar com um homem? De falar sobre criação de filhos e cuidados com a casa? Ou até com a esposa? Infelizmente a sociedade deu esse privilégio aos homens. Eles não se sentem obrigados e nem culpados, pois, para eles, isso é “dever” das mulheres, quando fazem algo relacionado aos cuidados das filhas ou filhos e da casa, ainda são elogiados e enaltecidos como “homem bom”, que ajuda a mulher, como se estivesse fazendo um favor. O corte na garganta e as lágrimas de sangue colocadas na obra simbolizam esse grito que está sufocando, que precisa transbordar.

Figura 51 – Releitura de obra de arte



Releitura da obra “Luto como Mulher” - Intervenção na imagem usando aplicativo Picsart – disponível para Android e iOS. – Violência contra a mulher – Aluna: Glória

Nessa intervenção, a aluna traz o discurso de que não importa como você seja, não existe um único padrão de mulher, que todas merecem ser respeitadas independentemente de como for, os direitos são iguais para todo tipo de mulher. Também faz um apelo para que as pessoas não se calem diante da violência, que denunciem e não admitam sofrer qualquer tipo de violência.

Figura 52 – Releitura da obra de arte



Releitura da obra “Luto como Mulher” - Intervenção na imagem usando aplicativo Picsart – disponível para Android e iOS. – Violência contra a mulher – Aluna: Ângela

Nessa obra, a intervenção foi feita com frases de incentivos para as mulheres lutarem contra qualquer tipo de violência, estimulando a mulher a não desistir dos seus ideais, também

pede para que as pessoas denunciem a qualquer sinal de violência, pois podemos e devemos “nos meter”.

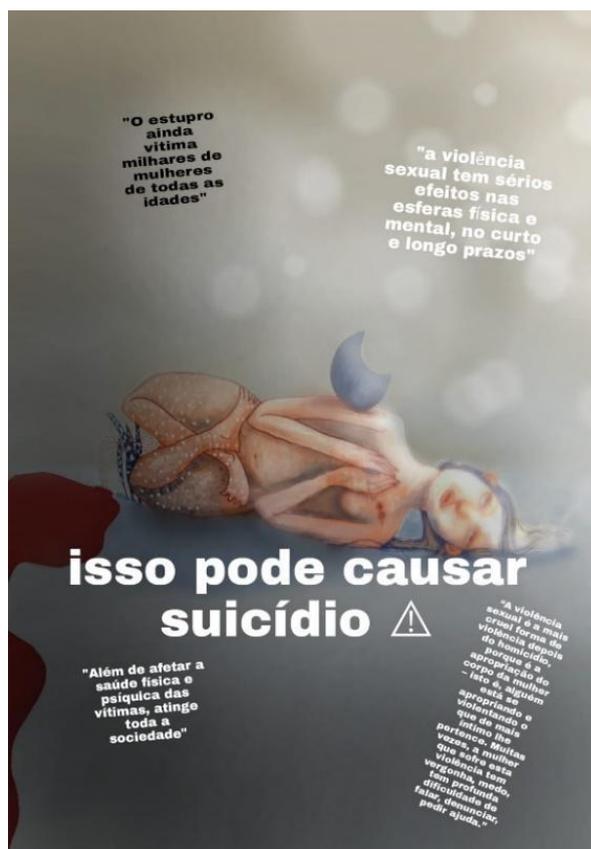
Figura 53 – Releitura de obra de arte



Releitura da obra “Luto como Mulher” - Intervenção na imagem usando aplicativo Picsart – disponível para Android e iOS. – Violência contra a mulher – Aluno: Abdias

Quantas vezes vemos noticiários de feminicídio? Notícias em jornais de assassinatos que ficaram impunes? Nessa releitura, o aluno coloca um homem falando, simbolicamente, palavras agressivas. É necessário ficar atenta, em muitos casos começa com agressão verbal, ameaças, a mulher deixa passar, vai perdoadando, e as agressões vão se repetindo com mais frequência, até chegar ao ponto irreversível do feminicídio.

Figura 54 – Releitura de obra de arte



Releitura da obra “A Morte da Dona da Lua” - Intervenção na imagem usando aplicativo Picsart – disponível para Android e iOS. – Violência contra a mulher – Aluna: Carolina

Quando a mulher chega ao ápice do desespero de tirar a própria vida? Inspirada na obra “A Morte da Dona da Lua” de Mag Magrela, essa aluna fala de temas delicados que infelizmente acontecem frequentemente, o abuso sexual, o estupro e as consequências que essas violências podem trazer, fazendo com que a mulher perca o amor próprio e a vontade de viver, levando-a a cometer suicídio. Essa situação se agrava quando se trata de abusos cometidos por pessoas da família, pais, padrastos, irmãos e tios. A obra de Magrela, tão tocante, que por si só, já demonstra o estado delicado em que a mulher é colocada, com os pés cruzados sobre o ventre e as mãos posicionadas sobre o peito, passa a ideia de como a mulher tem que se dobrar, mesmo em situação desconfortável, para caber em “caixas” delimitadas socialmente.

Figura 55 – Releitura de obra de arte



Releitura da obra “A Morte da Dona da Lua” - Intervenção na imagem usando aplicativo Picsart – disponível para Android e iOS. – Violência contra a mulher – Aluna: Cândido

A releitura feita por essa aluna fala de diversos temas discutidos nas aulas, numa junção de várias imagens, como uma “colcha de retalhos”, é construído um “mapa da violência”, mostrando violências que acontecem em vários lugares, aborda temas como o abuso sexual, a violência contra a mulher, o respeito que as mulheres merecem, fala também de amor, pois quem ama não maltrata, nem humilha, nem mata. Ainda traz um triste dado da nossa realidade, que a cada 4 minutos uma mulher é agredida no Brasil.

Figura 56 – Releitura de obra de arte



Releitura da obra “A Morte da Dona da Lua” - Intervenção na imagem usando aplicativo Picsart – disponível para Android e iOS. – Femicídio – Aluno: Moisés

Nessa releitura, o aluno fala sobre dois temas muito recorrentes, o abuso sexual e o feminicídio, coloca a figura masculina bebendo, referindo-se ao alcoolismo, que em muitos casos, é um fator que agrava muito para o aumento da violência.

Concluindo essa etapa da pesquisa, registro aqui meus comentários acerca dos trabalhos realizados. As reflexões e discussões que tivemos nas aulas sobre o tema Gênero, foram reverberadas nos trabalhos realizados. Podemos perceber o resultado em cada imagem dos desenhos e pinturas criadas e também pelas releituras, me sinto feliz ao perceber o empenho e envolvimento de todas e todos participantes no processo da pesquisa, sabendo, óbvio, que a caminhada é longa, mas que devemos insistir nesses temas tão importantes que devem ser trazidos para as nossas escolas, a fim de refletirmos sobre essas questões, e que possamos contribuir para um mundo melhor e mais justo para todas as pessoas, com todas as diversidades que existem. Talvez eu tenha sido repetitiva nas reflexões, porém, trata-se de uma reflexão de cada trabalho individualmente sobre um mesmo tema, então, corremos o risco da repetição, embora cada aluna e aluno tenha sua forma individual de entender e se expressar.

Acredito que no futuro o mundo será mais humanamente justo, pois, a esperança está nas crianças e adolescentes que estamos educando, e nós como educadores temos esse dever e responsabilidade. Para que no futuro todas essas violências possam ser combatidas e que o respeito entre as pessoas seja a base fundamental para um mundo de paz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte não é apenas fruição, o trabalho de uma artista está intrinsecamente ligado a tudo que a rodeia. Os problemas da violência contra a mulher, violência contra a população LGBTQIAPN+ e todo tipo de violência e discriminação social, são problemas que atingem a sociedade como um todo, e nós, como seres humanos, artistas, educadores, temos o dever de nos engajar na luta de combate a todas essas violências, principalmente a violência contra as pessoas mais vulneráveis.

Quando escolhi o tema Gênero para desenvolver a pesquisa, foi por incômodo. Presenciei situações de violências, preconceitos e discriminações, não apenas na escola onde trabalho, onde se constata que não há, ainda, uma preocupação da inserção desse tema nas aulas, mas também nas ruas, em lojas, nas páginas de jornais e reportagens na TV. Ouvi de tudo: que eu era corajosa por escolher um tema considerado “polêmico” e também críticas, como “por que esse tema tão batido?” Talvez, algumas das pessoas consideraram esse um tema “batido”, também consideraram que existe, como ouvi dizer, muito “mi, mi, mi” em torno do tema; outras, acharam que não seria fácil. Confesso que não foi fácil - e ainda não é. Senti-me, inicialmente, totalmente despreparada para essa incumbência. Percebi que o desafio seria grande, porém, a vontade de mergulhar nesse desafio foi maior, dada a notória necessidade de uma intervenção pedagógica que a escola-campo demandava.

Nesse sentido, busquei embasamento teórico para a pertinência e consistência na construção do meu argumento. Acredito que o curso das disciplinas e atividades do mestrado me proporcionaram, juntamente com as leituras, pesquisas e orientações que tive no decorrer desta pesquisa, importantes direcionamentos para meu aprofundamento nos campos de estudos de ensino de Arte e nos estudos em Gênero.

Como tema tão real e tão absolutamente humano, contextualizei histórico-socialmente a questão de Gênero, conectando a discussão, principalmente, às lutas feministas no Brasil e como elas influenciaram os estudos acadêmicos e, conseqüentemente, como esses estudos abordam a questão na escola.

Tratei, tanto na introdução quanto no Capítulo 1, sobre o silenciamento por parte das escolas na abordagem desse tema, dificuldade que noto pelo desconhecimento das/os professoras/es acerca das questões de gênero, o que se soma ao fato de que as escolas ainda seguem um padrão tradicional e arcaico de modelo de educação.

Busquei relacionar o tema com a arte a partir da leitura de obras de artes que estivessem engajadas nas questões de gêneros; utilizei como metodologia para desenvolvimento das aulas a leitura de obras de artes por meio da Abordagem Triangular, sistematizada pela pesquisadora Ana Mae Barbosa (1998) que, diante da minha experiência como professora de artes, constato que é um excelente direcionamento para leituras/interpretações e releituras de imagens.

No Capítulo 2. QUESTÕES DE GÊNERO NO BRASIL, UMA TRAJETÓRIA, IMPORTANTES CONQUISTAS, em um breve panorama histórico, dissertei sobre a luta das mulheres brasileiras para se libertarem da opressão do poder patriarcal que as consideravam “inaptas” para o exercício da ciência, razão pela qual foram privadas de muitos direitos, como de votar, trabalhar fora do ambiente doméstico, entre outras formas de privações. Busquei tratar da luta dessas mulheres por igualdade de direitos, as quais romperam barreiras e preconceitos para conseguirem um lugar de equidade. Iniciada por Nísia Floresta, no final do século XIX, que lutou contra toda forma de submissão, se destacando na luta por direito à educação para mulheres iguais aos homens, destacando-se também, como a precursora da luta pelo direito ao voto feminino. Trago à discussão o modo como Bertha Lutz lutou para que esse direito fosse, de fato, concedido às mulheres, e que, depois de uma longa luta e empenho, em 1932, no governo de Getúlio Vargas, esse direito foi concedido. Também indiquei a primeira conquista de uma mulher para um cargo político no Brasil, Alzira Soriano, que conseguiu, em 1929, eleger-se como prefeita da cidade de Lajes/RN.

Ressaltei a importância das Organizações Não Governamentais (ONG), em criar espaços de cuidados e apoios às pessoas que vivem em situações de vulnerabilidade social em algumas cidades do Brasil, inclusive, para a população LGBTQIAPN+. Apontei também como os cursos de extensão das universidades se organizam para dar aportes necessários a pesquisas relacionadas ao tema Gênero.

Ainda, desenvolvi como o tema gênero foi inicialmente tratado nas escolas brasileiras, nos PCN (BRASIL, 1998), a partir de estudo feito da pesquisa das professoras e pesquisadoras Cláudia Pereira Vianna e Sandra Unbehau, com a criação dos cinco temas transversais e, principalmente, com o tema “Orientação Sexual”. Apresento como o tema gênero atravessa as Artes Visuais e como há, ainda, muito a se desenvolver acerca da discussão para a mudança de valores e crenças a respeito dos estereótipos de gênero na sociedade – e como as Artes Visuais podem colaborar nesse sentido.

No Capítulo 2. subitem 2.1. A ABORDAGEM DE GÊNERO PELAS ARTES VISUAIS NA ESCOLA: UMA INTERVENÇÃO POLÍTICO-PEDAGÓGICA, fiz uma narrativa do procedimento de cada aula, destacando a importância de cada tema trabalhado, tanto nas aulas síncronas pelo *Google Meet*, quanto nas aulas assíncronas pelo *Google Forms*. No subitem 2.2. DISCURSOS DE GÊNERO NA ESCOLA-CAMPO, reflito como cada tema estudado e discutido nas aulas foram entendidos e expressos nos trabalhos realizados pelas alunas e alunos.

Ao trazer obras de artes para uma abordagem de gênero, termo que para muitos é estranho, reflito sobre a imagem, que é uma linguagem que nos interpela para um lugar de fala e que pode ser entendida como um texto que nos diz e mostra formas de perceber a realidade.

Fazendo uma associação do tema com a arte, percebi que, ao trazê-lo à discussão dentro das aulas de artes visuais, a partir de leituras de imagens e criação de desenhos e pinturas, gerou debates e discussões importantes: Verifiquei que cada trabalho expressa o entendimento da importância de tratar de temas tão relevantes, percebendo as injustiças e as possibilidades para mudanças significativas.

Indiquei o caminho trilhado por artistas que usam a sua arte para conscientizar pessoas de seus direitos, nos alertando para essas problemáticas, a exemplo da artista Panmela Castro, que usou o trabalho de grafite, para agregar mulheres da periferia do Rio de Janeiro, que muitas vezes não tem acesso a informações sobre seus direitos, alertando sobre as leis que existem em combate a violências, principalmente sobre a Lei Maria da Penha. Também trouxe às aulas a arte do cartum, lançada no livro: *Abram Espaço Para As Mulheres*, numa coletânea de vários cartuns, feito por artistas de diversos países, questionando as desigualdades de gêneros e o estado de vulnerabilidade que muitas mulheres se encontram, assim como a arte de Rosana Paulino na obra **Bastidores** (1997), que trata das questões da violência doméstica e do silenciamento que muitas mulheres são submetidas, principalmente, as mulheres negras que ainda enfrentam as questões do racismo, em comparação com a obra **A Negra** (1923) de Tarsila do Amaral que, de forma simbólica, mostra o silenciamento e a submissão que as mulheres negras enfrentaram no início do século XX. Reflito sobre o fato de que, mesmo a escravidão tendo sido abolida, essa obra, feita 74 anos antes da obra de Paulino, nos mostra que, mesmo com o passar do tempo, as mudanças em torno dessas questões são, ainda, pouco perceptíveis.

Fazendo outra comparação, da obra **O Torso** (1915/16) de Anita Malfatti com a obra **A Morte da Dona da Lua** (2015) de Mag Magrela, indiquei para as/os discentes perceberem o estado de contorção em que as imagens são apresentadas, numa alusão ao esforço que as mulheres fazem para se inserir numa sociedade machista. As obras de artes nos revelam que, mesmo com o passar dos anos, as questões relacionadas às violências contra as mulheres se perpetuam, e mesmo com todas as leis e medidas de proteção às mulheres, as situações de desigualdades e violências continuam a existir.

Considero que trabalhar com obras de artes e imagens é uma excelente maneira de trazer discussões diversas para as aulas, e essas questões não se esgotam. A imagem é uma forma de entendimento de mundo, talvez a primeira forma de comunicação.

Uma imagem pode nos dizer muito, pode contar uma história, expressar sentimentos pessoais, representar uma realidade vivenciada pelo artista, mostrar ou criticar o que está a nossa volta. A leitura de imagens é um meio potente que professoras e professores podem utilizar para conduzir e orientar suas alunas e alunos, contextualizando e alimentando com informações pertinentes para que se possa explorar ao máximo a linguagem de cada imagem, tanto no levantamento de discussões a partir da interpretação e contextualização como na criação de desenhos, pinturas e releituras, respeitando o potencial criativo de cada pessoa.

Também considero o resultado da pesquisa excelente. Mesmo notando que as questões de gênero são pouco abordadas nas escolas, acredito que pensar e tratar desse tema tão relevante é propor um engajamento numa luta que é de todas e todos. Penso que deve ser inserido nos currículos escolares para que seja trabalhado e discutido em todas as disciplinas. Não é um tema polêmico, nem “batido”: é um tema necessário e urgente de ser tratado, pois nossas alunas e alunos merecem estar conscientes dos problemas que abrangem a sociedade.

Embora essa pesquisa tenha acontecido num momento atípico, um momento de crise sanitária devido a Covid-19 – período ainda não encerrado -- tivemos que desenvolver as aulas, na maioria, de forma remota. Apesar disso, não foi empecilho para que a pesquisa se realizasse. Este foi mais um desafio que a Educação, no geral, teve que enfrentar, sobretudo as professoras e professores da educação pública, que vivem em constante luta no enfrentamento de obstáculos, tentando com os esforços possíveis trazerem para nossas crianças e adolescentes uma educação de qualidade tendo em vista a diminuição das desigualdades. O desafio maior foi encontrar alternativas viáveis para a realização das aulas e para que as/os

alunas/os desenvolvessem seus trabalhos sem prejuízos e que a reflexão sobre o tema Gênero fosse verificada.

A partir da realização da pesquisa, acredito que a resposta à questão norteadora é afirmativa. O desenvolvimento das atividades pedagógicas nas aulas de artes visuais com a abordagem do tema gênero – principalmente, no que tangencia as desigualdades e papéis de gênero – a partir da leitura/interpretação de imagens e criação de desenhos e pinturas desenvolvidos pelas/os alunas/os, puderam auxiliar no combate ao preconceito, uma vez que promoveram o conhecimento e a reflexão das/os discentes.

De maneira indireta, penso que a aplicação da intervenção político-pedagógica pode vir a ajudar na forma de lidar com conflitos na escola, uma vez que o trabalho realizado tanto instigou a reflexão de discentes sobre o assunto tanto de docentes e demais agentes escolares que testemunharam o processo e o resultado da atividade. Ainda, acredito também que o compartilhamento da pesquisa, através desta dissertação, pode inspirar o trabalho de outras/os professoras/es e colaborar, de maneira abrangente, no combate ao preconceito e às violências de gênero e sexualidades.

É nosso dever preparar essas crianças, adolescentes e jovens para uma sociedade mais justa, e é na escola que podemos dar esse encaminhamento. Parafraseando o cantor e compositor Milton Nascimento, na música Coração de Estudante, “... aqui se cuida do broto pra que a vida nos dê flor e frutos...”: esse cuidado com nossos estudantes deve ser feito com amor, dedicação e responsabilidade, preparando-as/os para enfrentar a vida adulta com consciência do seu papel social.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. 5ª edição - São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Arte-Educação: leitura no subsolo**. (Org.) – 6ª edição - São Paulo: Editora Cortez, 2005.

_____. **A Imagem no ensino da arte**, 7ª edição – São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. II. CUNHA, Fernanda Pereira da. (Org.). **A Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais** – São Paulo – Ed. Cortez, 2010

_____. **Um congresso participativo**. 141 Revista Gearte, Porto Alegre, v.6, n.2, p. 141 – 148, maio/ago. 2019. <http://dx.doi.org/10.22456/2357-9854.94273>, 18/06/2021 último acesso; 08/05/2022.

_____. **Mulheres: arte, artesanato, design. Trama interdisciplinar**. São Paulo, v. 7, n. 1, p. 233/248 jan/abr 2016.

_____. **Uma questão de política cultural: Mulheres artistas, artesãs, designers e Arte/Educadoras**. ANPAP 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas “Entre Territórios” – 20 a 25/09/2010 – Cachoeira – Bahia – Brasil. p.1979/1988.

BRASIL, Ministério da Educação Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental**, temas transversais. Brasília, 1998.

BRASIL, Congresso Nacional. **Constituição da República Federativa do Brasil**; 1988. Brasília-DF.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (n. 009394), Brasília/DF, 1996. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65>, acesso em 10/06/2022.

_____. **Plano Nacional de Educação** (n. 10.172/2001) e (n. 13.005/2014); Brasília – DF. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf> Acesso em 15/06/2022.

DEWEY, J. Teruma experiência. In: DEWEY, J. **Arte como experiência**. p.109-141. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DIAS, Taís Ritter; LOPONTE, Luciana Grupelli. **Gênero e ensino de artes visuais, desafios, armadilhas e resistência**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 27(3): e56280 DOI: 10.1590/1806-9584-2019v27n356280.

DONDIS, Dondis. **A síntese da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes 1991.

ESCOLA, Equipe Brasil. **"Pintura"; Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/artes/pintura.htm>. Acesso em 30 de março de 2022.

FERRARI, Juliana Spinelli. **“O que é homofobia?”; Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/psicologia/homofobia.htm>. Acesso em 16 de maio de 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 11. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

hooks, b. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF; Martins Fontes, 2017.

_____. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**; 16ª edição – Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 2021.

JANSON, W. W. **História geral da arte**. São Paulo. Martins Fontes, 1997.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola**. 1ª ed. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

LOPONTE, Luciana Grupelli, **Gênero, educação e docência nas artes visuais**. ER **Educação & Realidade** 30(2):243-259 jul/dez 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes 2014.

MACEDO, Márcia dos Santos. **Mulheres chefes de famílias e a perspectiva de gênero**. Caderno CRM. Salvador, v.21, n.53, p. 389-404, Maio/Ago. 2008.

MELUCCI, Alberto. **Um objetivo para os movimentos sociais**. Revista Lua Nova. São Paulo: CEDEC/SP, nº 17, jun.1989.

MEYER. Dagmar E; LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana V. **Gênero e educação: corpo, gênero e sexualidade, teoria e política** (org.). Petrópolis: Vozes, 2013, p.11-29.

PANMELA Castro. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa558382/panmela-castro>. Acesso: 08 de setembro de 2021.

PERCÍLIA, Eliene. **"Desenho"; Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/artes/desenho.htm>. Acesso em 06 de outubro de 2021

_____. **"Por uma educação não-sexista"; Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao/por-uma-educacao-naosexista.htm>. Acesso em 16 jul. 2022.

REZENDE, Milka de Oliveira. **"Movimentos sufragistas"; Brasil Escola**. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/movimento-sufragista.htm>. Acesso em 19 de junho de 2021.

ROSANA Paulino. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em:

<http://enciclopédia.itaucultural.org.br/pessoa216153/rosanapaulino>. Acesso em 27 de março de 2022. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

ROSSI, Maria Helena Wagner: **Imagens que falam: leitura da arte na escola** – 4ª edição, Porto Alegre: Mediação, 2009.

SOARES, Vera. **Movimento feminista paradigmas e desafios**. Revista de Estudos das Feministas. Rio de Janeiro: CIEC/ECO/UFRJ nº especial, 1994.

SOUZA-LOBO, Elizabeth. **A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SOUZA, Maria Izabel Siciliano; ABDALA-MENDES, Maria Ferreira. **A formação científica e profissional das mulheres no Brasil: a contribuição de Bertha Lutz: História da Ciência e Ensino**, v. 18 (especial), p. 22-46, abr. / jun. 2018.

SOUZA, Warley. “**Anita Malfatti**”, *Brasil Escola*. Disponível em:

<https://brasilecola.uol.com.br/artes/anita-malfatti.htm>. Acesso em 20 de fevereiro de 2022 - 20 de maio de 2022.

TANCREDI, Silvia. “**30 ditados populares e seus significados**”: Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/30-ditados-populares-seus-significados.htm>. Acesso em 10 de abril de 2022.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

VIANNA, Cláudia Pereira; UNBEHAUM, Sandra. **O gênero nas políticas públicas de educação no Brasil: 1988-2002**. Caderno de Pesquisa, v.34, n.121, p.77-104, jan. / abr. 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

AULA 02 – DESIGUALDADE DE GÊNERO

AULA SÍNCRONA GOOGLE MEET: APRESENTAÇÃO DO SLIDE, LEITURAS DAS IMAGENS MOSTRADAS NOS CARTUNS E COMENTÁRIOS SOBRE DESIGUALDADE DE GÊNERO.

Desigualdade de gênero

- Por meio de Cartum são divulgadas críticas sobre as desigualdades de gêneros.
- Artistas de vários países chamam a atenção para a situação de mulheres que são privadas de direitos em diferentes contextos.
- Os cartuns são do livro “Abram espaço para as mulheres!” (tradução livre de Make place for women!), lançado no ano de 2017. A verba das vendas é revertida em recursos para a fundação, que protege artistas ameaçadas por questionar o *status quo* onde vivem. A “Desenhando pela paz” é uma organização sem fins lucrativos, composta por uma rede de 162 cartunistas de 59 países.



- ANALISE A IMAGEM
charge de Angel Boligan – Cuba

Mulher em entrevista de emprego questiona o empregador: “Você está me contratando porque custo pouco, porque sou qualificada ou porque custou pouco e sou qualificada?”
Lisa Donnelly – Norte-americana



Adriana Mosquera Soto é colombiana e espanhola e já trabalhou para diferentes jornais do mundo hispânico, como El Tiempo, El Espectador, La Razón e El País. Ela contribui com a luta pela igualdade de gênero e batalha para dar visibilidade às cartunistas mulheres. Adriana já firmou uma parceria com a ONU, criando a personagem Magoia da Colômbia, usada como um símbolo de emancipação e igualitarismo em campanhas e livros didáticos.



Em reunião, um executivo diz: “E como dizia o poeta: ‘as mulheres são o futuro da humanidade’”. Anota isso aí, Brigitte”
Plantu – França



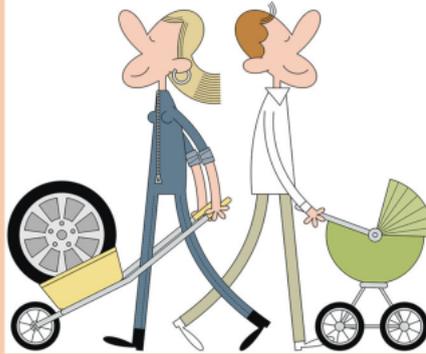
No cartum, lê-se ao alto: “O Dia das Mulheres é algo a se comemorar”. No diálogo, o homem afirma “Não sei nada sobre vinho”, ao que a mulher responde: “Eu sei”. O homem a ignora e decide: “Bom, vamos tomar um Bordeau 2007”. Imagem de Cecile Bertrand - Belga



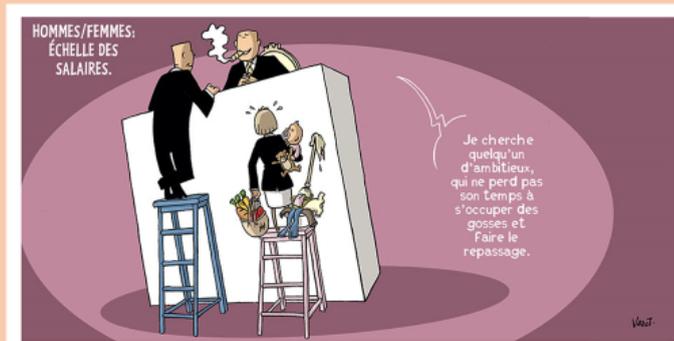
Em meio a uma guerra, duas meninas conversam. A da esquerda pergunta: “E você, o que gostaria de ser quando crescer?”. A da direita responde: “Estudante”. Patrick Chappatte – Paquistão.



A portuguesa **Cristina Sampaio** trabalha desde 1986 como ilustradora e cartunista para diversos jornais e revistas em Portugal e fora do país, como Expresso, Kleine Zeitung, Courrier International, Boston Globe, Wall Street Journal e The New York Times. A artista também já trabalhou com animação, multimídia e direção de arte, além de ter publicado livros infantis.



No canto superior esquerdo, lê-se: “Homens/mulheres: escala dos salários”. O executivo diz: “Procuro alguém ambicioso, que não perca tempo cuidando das crianças ou passando roupa”. Nicolas Vadot - França



Rayma Suprani - Venezuela



AULA ASSÍNCRONA GOOGLE FORMS: DESIGUALDADE DE GÊNERO

Texto e exercício:

Conceito de gênero:

Antes de conceituarmos desigualdade de gênero, devemos entender o conceito de gênero.

Gênero, dentro da humanidade e nas relações sociais, é descrito como uma **classificação de masculinidade e feminilidade**. Ao contrário do senso comum, gênero não tem, necessariamente, a ver com sexo biológico. O gênero diz respeito à forma como as relações sociais enquadram em padrões o comportamento esperado de cada sexo.

Desigualdade de Gênero:

Apesar da desigualdade de gênero ser um problema antigo, porém continua atual. Desde os primórdios da humanidade, a maioria dos povos caminhou para o desenvolvimento de **sociedades patriarcais**, em que o homem detinha o poder de mando e decisão sobre a família. Esse modelo foi transposto do âmbito familiar privado para o âmbito público, fazendo com que sistemas políticos desenvolvessem-se pelo comando masculino.

Durante muito tempo, **a mulher foi excluída da participação efetiva nos espaços públicos**, do trabalho fora do âmbito doméstico e da possibilidade de desenvolvimento científico e intelectual por meio da educação formal, além de estarem submetidas ao poder de homens de sua família, em geral seus pais e maridos. Isso acarretou num problema que urge por solução: a desigualdade fundamentada pelo gênero.

A mulher foi privada de ter acesso à educação formal, de trabalhar fora de casa e de ter autonomia sobre si e sobre o seu corpo. Isso ainda acontece em algumas sociedades, muitas vezes por imposições religiosas ou morais, ou até mesmo as duas coisas. Enquanto solteiras, as mulheres ficavam sob o domínio de seus pais ou tutores legais, e depois de casadas, eram subordinadas aos maridos.

As órfãs poderiam sofrer todo tipo de abuso por parte de homens, justamente por estarem em uma situação vulnerável, em que elas não tinham um homem para “protegê-las”. Sofrendo abusos, elas ficavam “mal faladas” na sociedade, o que as tirava da

lista de possíveis pretendentes para casamento. O destino dessas mulheres era a solidão, o abandono, os recorrentes abusos, a marginalidade social e a prostituição para garantir seu sustento.



1. O que você acha sobre a desigualdade de gênero, que infelizmente ainda existe?

2. Você acha que homens e mulheres são tratados de formas diferentes em relação ao esporte, a política e no ambiente familiar?

3. Descreva o que você observa na imagem acima:

APÊNDICE 2

AULA 03 - O FEMINISMO

SUAS LUTAS E CONQUISTAS

AULA SÍNCRONA GOOGLE MEET – APRESENTAÇÃO/SLIDE E COMENTÁRIOS

O feminismo

O feminismo é um movimento que começou a partir do século XIX e atualmente virou movimento social, político e filósofo, que tem por finalidade propor direitos iguais entre os gêneros, através do empoderamento feminino, sem a existência de padrões patriarcais ou impostos pela sociedade.

A luta das mulheres por equidade e respeito na sociedade data de séculos atrás. Desde as bruxas perseguidas na idade média, até as sufragistas que foram às ruas para conquistar o direito ao voto, é impossível separar os períodos importantes da humanidade das conquistas feministas que acompanharam o passar dos anos.

CONQUISTAS

- 1827 – Meninas são liberadas para frequentarem a escola
- 1832 – A obra "Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens" é publicado. A autora Nísia Floresta desafiou as tradições e costumes da sociedade ao publicar seu livro **Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens**. Ela foi a primeira mulher brasileira a denunciar em uma publicação o mito da superioridade do homem e de defender as mulheres como pessoas inteligentes e merecedoras de respeito igualitário.
- 1879 – Mulheres conquistam o direito ao acesso às faculdades
- 1910 – O primeiro partido político feminino é criado
- 1932 – Mulheres conquistam o direito ao voto
- 1962 – É criado o Estatuto da Mulher Casada
- 1974 – Mulheres conquistam o direito de portarem um cartão de crédito
- 1977 – A Lei do Divórcio é aprovada
- 1979 – Mulheres garantem o direito à prática do futebol
- 1985 – É criada a primeira Delegacia da Mulher
- 1988 – A Constituição Brasileira passa a reconhecer as mulheres como iguais aos homens

- 2002 – “Falta da virgindade” deixa de ser motivo para anular o casamento
- 2006 – É sancionada a Lei Maria da Penha
- 2015 – É aprovada a Lei do Femicídio
- 2018 – A importunação sexual feminina passou a ser considerada crime
- 2021 – É criada lei para prevenir, reprimir e combater a violência política contra a mulher
- Quais os próximos passos?
- Você pode até criticar o feminismo, mas não questione as suas conquistas.

- E agora perguntamos para você:

- Quais conquistas você ainda sente falta?
- Quais direitos você não vê em prática no dia a dia?
- Qual questão da pauta feminista mais te mobiliza?
- Graças às lutas feministas que hoje em dia todas as mulheres possuem direitos igualitários em nossa sociedade e podem expressar suas opiniões.

AULA ASSÍNCRONA GOOGLE FORMS – O FEMINISMO E SUAS LUTAS

Texto e exercício:

O feminismo é um movimento que busca construir um mundo onde haja a igualdade entre os gêneros. As estruturas da sociedade moderna foram construídas com base em uma ideia que colocou homens em papéis de dominação e poder, enquanto as mulheres estavam em papéis de submissão.

O feminismo é um movimento social por direitos civis, onde as mulheres que participam do movimento lutam por igualdades de direitos, na política e na sociedade. Desde que iniciaram nessa luta seu único objetivo é ter direitos iguais aos homens, não é uma luta pela superioridade, mas pela igualdade de direitos.

O movimento **feminista** luta contra a situação de inferioridade em que a mulher ainda vive na sociedade.

O movimento feminista no Brasil

Surgiu no século 19 com a luta pela educação feminina, direito de voto e abolição dos escravos.

Nísia Floresta Augusta é considerada precursora do feminismo brasileiro. Professora e educadora, fundou a primeira escola para meninas no Rio Grande do Sul e, posteriormente, no Rio de Janeiro.

Destacam-se personalidades como Chiquinha Gonzaga, pianista e compositora, que não aceitava usar um pseudônimo masculino para assinar suas obras.

O **voto feminino no Brasil** foi conquistado em 1932 e incorporado à Constituição de 1934 como facultativo. Somente o Código Eleitoral de 1965 equiparou o voto feminino ao dos homens.

Atualmente, existem várias organizações feministas no Brasil que defendem a equiparação do direito das mulheres ao dos homens. Igualmente, há organizações específicas de feministas negras, indígenas, homossexuais, trans, etc.

Na classe artística há várias mulheres que por meio da arte se expressam sobre questões feministas, Anita Malfatti (1889 – 1964), importante artista da arte modernista do Brasil, na década de 1920 trouxe temas como androginia, tema que causou polêmica na época em que expôs seus trabalhos.

Atualmente a artista grafiteira Panmela Castro enfrenta o desafio de se inserir num meio da arte do grafite, considerado uma arte pertencente ao mundo masculino e é lá que ela mostra seu trabalho como forma de incentivar outras mulheres a também pintar nesses lugares. Ela faz da arte do grafite um meio para uma mudança social positiva.

Observe as obras abaixo e responda as questões:



O Torso, 1915/16 – Anita Malfatti



Luto como Mulher, 2016 – Pannela Castro

1. O que busca o movimento feminista?

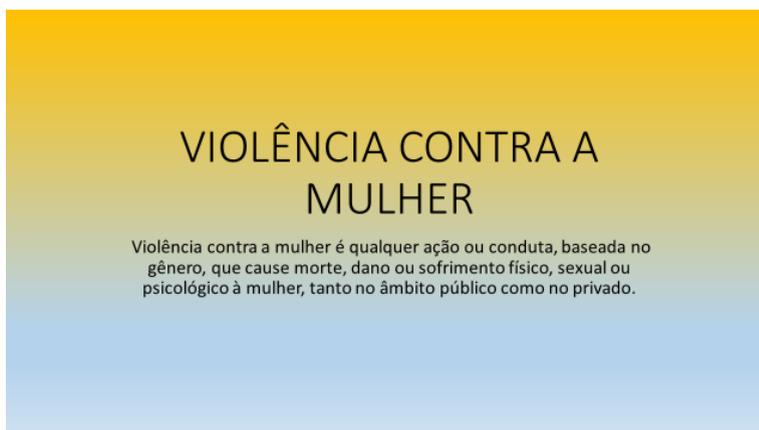
2. Quais foram as conquistas importantes das lutas feministas?

3. Como você interpreta cada uma das obras de artes acima? Que mensagem cada imagem passa?

APÊNDICE 3

AULA 04 – VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

AULA SÍNCRONA – GOOGLE MEET – APRESENTAÇÃO DE SLIDE, LEITURA DE IMAGENS E COMENTÁRIOS





Sinal vermelho contra violência doméstica

- [campanha “Sinal vermelho contra a violência doméstica”](#) criada pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) em parceria com a Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB) entre outras entidades.
- [:: Pedido do auxílio emergencial já pode ser feito nos Correios ::](#)
- Pela proposta, uma mulher que queira realizar uma denúncia poderá ir em qualquer farmácia e apresentar ao atendente a palma da sua mão com um "X" desenhado. O funcionário se encarregará de comunicar às autoridades e não precisará se envolver com caso, nem como testemunha.



Artistas divulgam violência contra a mulher

- A artista Regina Parra fala “A ideia de que a mulher não deve movimentar os quadris ou arquear os ombros de certa forma porque outras pessoas da nossa cultura podem ver isso como um convite, uma abertura para se aproximar ou até mesmo se apropriar” é algo que a preocupa. Sem perceber, a mulher evita certos movimentos, observa a artista. “O nosso corpo vai se disciplinando para nos encaixarmos a uma imposição da sociedade. O corpo vai virando uma carapaça que não deixa nada entrar ou sair”.
- . O corpo, especialmente da mulher, acaba guardando essas violências de maneira muito sutil. Quanto mais sutil, mais cruel e mais perigoso isso pode ser”, diz.

Regina Parra – Tenho medo que sim



Rosana Paulino – Bastidores - 1997



Panmela Castro – Memorial da democracia



Panmela Castro – Luto como mulher



Mag Magrela - A Morte da Dona da Lua



AULA ASSÍNCRONA GOOGLE FORMS – VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Texto e exercício:

De acordo com a Convenção de Belém do Pará (Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher, adotada em 1994) violência contra a mulher é qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado.

São vários os tipos de violência contra a mulher, o mais grave deles é o feminicídio.

Feminicídio, é o homicídio ocorrido contra uma mulher em decorrência de **discriminação de gênero**, ou seja, por sua condição social de mulher, podendo também ser motivado ou concomitante com **violência doméstica**.

Em 2015, foi sancionada, no Brasil, a **Lei do Feminicídio**. Trata-se da Lei nº 13.104/15, que altera o Código Penal brasileiro instituindo um novo agravante específico de homicídio.

A **violência contra a mulher**, que nos casos mais graves acarreta o feminicídio, é preocupante no Brasil. Dados levantados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) apontam que, a cada uma hora e meia, um feminicídio foi cometido em território brasileiro, entre os anos de 2007 e 2011, logo após a sanção da Lei 11.340/06, mais conhecida como **Lei Maria da Penha**, que visa a coibir a violência doméstica cometida contra mulheres. Por isso, a necessidade de tratar o feminicídio com maior rigidez ainda existe hoje em dia, justificando a implementação da lei.

A Lei Maria da Penha visa a coibir esse tipo de ação, mas existem muitos entraves, como a **cultura misógina e patriarcal**, que culpabiliza a vítima, e o medo das vítimas de denunciar.

A ideia misógina de que o homem é portador da liberdade social e sexual da mulher ou a prática explícita da misoginia (ódio e discriminação contra a mulher e ao que remete ao feminino), quando acompanhados de homicídio, podem ser enquadrados no agravante feminicídio.

Conceitos dos tipos de violência contra a mulher.

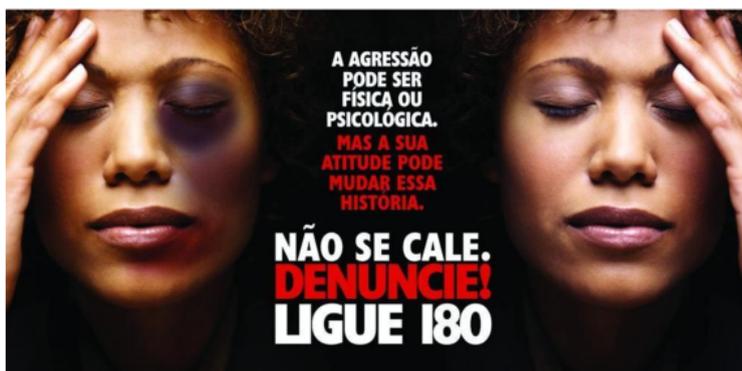
Violência física (visual): É aquela entendida como qualquer conduta que ofenda integridade ou saúde corporal da mulher. É praticada com uso de força física do agressor, que machuca a vítima de várias maneiras ou ainda com o uso de armas, exemplos: Bater, chutar, queimar, cortar e mutilar.

Violência psicológica (não-visual, mas muito extensa): Qualquer conduta que cause danos emocional e diminuição da autoestima da mulher, nesse tipo de violência é muito comum a mulher ser proibida de trabalhar, estudar, sair de casa, ou viajar, falar com amigos ou parentes.

Violência sexual (visual): A violência sexual está baseada fundamentalmente na desigualdade entre homens e mulheres. Logo, é caracterizada como qualquer conduta que constranja a mulher a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada; quando a mulher é obrigada a se prostituir, a fazer aborto, a usar anticoncepcionais contra a sua vontade ou quando a mesma sofre assédio sexual, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade.

Violência patrimonial (visual-material): importa em qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de objetos pertencentes à mulher, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades.

Violência moral (não-visual): Entende-se por violência moral qualquer conduta que importe em calúnia, quando o agressor ou agressora afirma falsamente que aquela praticou crime que ela não cometeu; difamação; quando o agressor atribui à mulher fatos que maculem a sua reputação, ou injúria, ofende a dignidade da mulher. (Exemplos: Dar opinião contra a reputação moral, críticas mentirosas e xingamentos). Obs: Esse tipo de violência pode ocorrer também pela internet.



Leia o texto com atenção observe as imagens e responda as questões:

1. Você já viu algum tipo de violência contra mulher? Qual?

2. Que tipo de violência contra a mulher pode acontecer por meio da internet?

3. O que é Misoginia?

4. Você acha importante que haja essas leis em proteção da mulher? Explique:

5. Faça uma pesquisa sobre a Lei Maria da Penha.

APÊNDICE 4

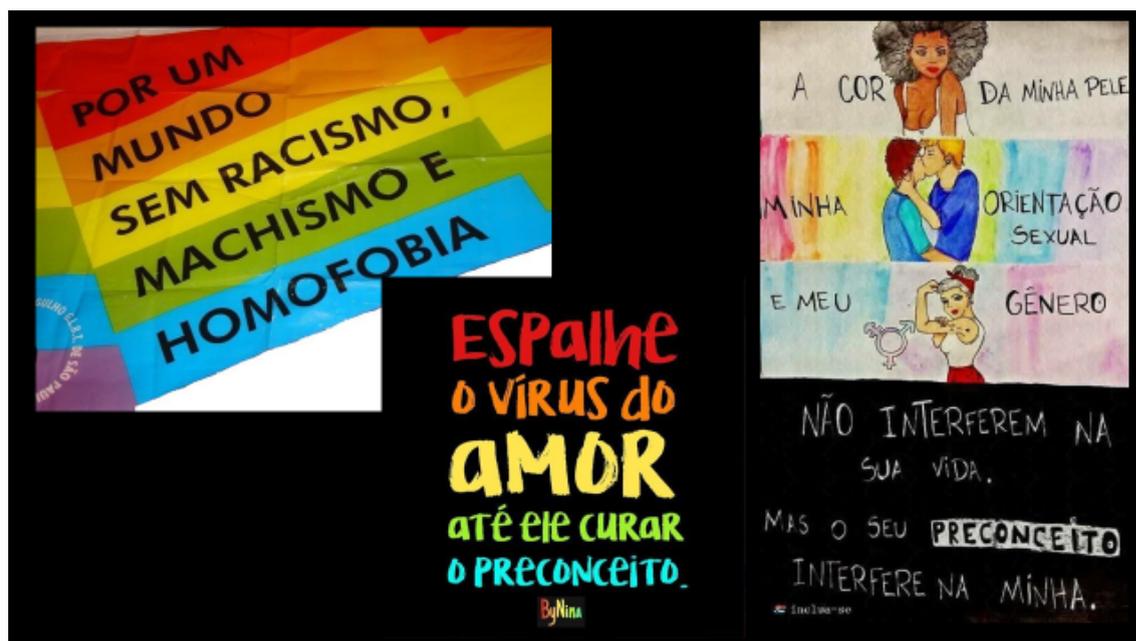
AULA 05

PRECONCEITOS DE GÊNERO

AULA SÍNCRONA GOOGLE MEET – Apresentação de slide, debates e comentários sobre preconceitos.

Manifestação na praia de Copacabana no Rio/RJ – em protesto a 144 mortes no Brasil vítimas de transfobia em 2016 – Tomaz Silva – agência Brasil





AULA ASSÍNCRONA GOOGLE FORMS

PRECONCEITOS DE GÊNERO

Vamos entender o que significa ter preconceitos sobre algo ou alguém, é você se basear numa opinião construída sem fundamento, sem conhecimento e não refletir sobre a questão. Fazer um julgamento de algo sem ter um conhecimento aprofundado.

Repudiar por meio de discriminação sobre pessoas que tenham pensamentos ou ideais diferentes do seu. Demonstrar intolerância sobre formas de ser da outra pessoa, julgando sem nenhuma razão.

Comportamento que demonstra aversão ao outro. Convicção fundamentada em crenças ou superstições; cisma. Forma de pensamento em que uma pessoa chega a conclusões que entram em conflito com os fatos por os ter prejudgado.

Preconceito é sinônimo de discriminação, intolerância, hostilidade, implicância, perseguição, desconfiança, rejeição, repúdio, aversão, exclusão, superstição, credence, credulidade.

TIPOS DE PRECONCEITOS:

SEXISMO

Sexismo é o ato de discriminação e objetificação sexual, é quando se reduz alguém ou um grupo apenas pelo gênero ou orientação sexual. Um dos casos mais comuns de sexismo é estipular que a cor rosa está relacionada ao gênero feminino, e o azul ao gênero masculino. ... Mulheres e homens podem ter atitudes sexistas.

MISOGINIA

É a repulsa, desprezo ou ódio contra as mulheres. ... O desprezo ou ódio dirigido às mulheres está diretamente relacionado com a violência que é praticada contra a mulher. E coloca a mulher em situação inferior à do homem.

HOMOFOBIA

Homofobia significa **aversão irreprimível, repugnância, medo, ódio ou preconceito** que algumas pessoas ou grupos nutrem contra os homossexuais, lésbicas, bissexuais e transexuais.

A homofobia pode ter causas culturais e religiosas e algumas etnias ou religiões assumem mais tendências homofóbicas. Apesar disso, mesmo entre estes grupos existem aqueles que defendem e apoiam os direitos dos homossexuais.

Ainda hoje, alguns países aplicam a **pena de morte** como condenação para quem é homossexual, como Irã, Afeganistão e Arábia Saudita.

Aqui no Brasil qualquer ato homofóbico é considerado crime.

TRANSFOBIA

É o preconceito contra as pessoas que se identificam como transgêneros. No sentido estrito da palavra, o termo *trans*. é utilizado para caracterizar indivíduos transexuais e transgêneros, enquanto “fobia” significa “aversão a algo ou a alguém. ”

Logo, a definição de transfobia envolve atos de preconceito contra esse grupo, assim como toda forma de discriminação e intolerância. Nesse conceito estão incluídos comportamentos que incitam práticas de violência física, verbal, psicológica ou moral contra essas pessoas. Tais atos são também veiculados virtualmente, gerando implicações que envolvem as redes sociais e a saúde mental.

No Brasil, 124 pessoas trans foram assassinadas em 2019. Esses dados demonstram a necessidade de implementar novas políticas públicas de combate à violência contra essas minorias. É preciso fomentar campanhas e movimentos que incentivam a conscientização e que acabem, de uma vez por todas, com a transfobia no país.

De acordo com dados divulgados por instituições que defendem a causa LGBTQIAPN+, o Brasil é um dos países com maior registro de casos de violência contra essa população. Até o mês de julho de 2020, houve um aumento de 39% no número de assassinatos de indivíduos transgêneros em relação ao ano anterior — 89 mortes foram confirmadas.



Manifestação na praia de Copacabana no Rio/RJ – em protesto a 144 mortes no Brasil vítimas de transfobia em 2016 – Tomaz Silva – agência Brasil

Leia o texto com atenção e responda as questões abaixo:

1. Você acha que a vida de uma pessoa que passou por algum desses preconceitos pode ser prejudicada? Explique:

2. Como você agiria ao presenciar uma situação de uma atitude preconceituosa? Você defenderia a pessoa que estivesse sofrendo preconceito ou não se envolveria?

3. Faça um comentário sobre a manifestação que houve em protesto às 144 pessoas trans que foram assassinadas no Brasil no ano de 2016, conforme imagem acima:

4. Você acha justo que pessoas sofram preconceitos por serem o que são? Justifique:

APÊNDICE 5

AULA 06

LEITURA E RELEITURA DE OBRAS DE ARTE

AULA SÍNCRONA GOOGLE MEET

Aula explicativa sobre leitura e releitura, apresentação de slides com diversos exemplos de releitura por meio da intervenção na imagem.

EXEMPLOS DE INTERVENÇÕES

#13 Mona Lisa By Leonardo
Da Vinci, 1503



Aluna – 9º A





AULA ASSÍNCRONA GOOGLE FORMS: LEITURA E RELEITURA DE IMAGENS

O mundo em que vivemos está cercado de imagens que faz parte do nosso dia a dia, na TV, no cinema, nas propagandas, na internet, etc.

As primeiras imagens criadas pelo ser humano foram feitas na Pré-História nas cavernas, em lugares de difícil acesso e muito escuros.

Hoje, ao contrário, elas são feitas para serem vistas, por isso são exibidas em lugares de maior visibilidade e que fazem delas grande divulgação. Logo, é preciso aprender a olhá-las melhor, porque elas sempre nos passam mensagens, informações, sugestões, influências etc.

É assim também com as imagens das Obras de Arte. Podemos simplesmente olhá-las, mas se aprendemos a olhar as enxergamos melhor e, conseqüentemente, mais tiramos proveito delas.

Devemos levar em conta que quanto mais cedo tivermos acesso a obras de arte, a percebê-las, a ver suas qualidades plásticas, ou seja, os elementos da sua linguagem, que no caso das artes visuais são as suas cores, suas formas, suas texturas, sua luminosidade, as relações entre elas, seu tema, etc., mais cedo saberemos lê-las, porque vamos sendo sensibilizados gradativamente e nosso olhar vai aprendendo a fazer isso.

Entender o significado de uma obra, a mensagem que ela quer passar, que não necessariamente está explícita, é aprender a interpretá-la, se tornando para nós uma fonte de conhecimento histórico, social, artístico e cultural. Portanto, fazer uma leitura de uma obra de arte, é também observar o que não aparece. É fundamental captarmos a essência e o que a/o artista quer expressar, depende de uma observação mais minuciosa,

considerando o contexto histórico e um conhecimento prévio sobre o gênero da imagem avaliada.

RELEITURA DE OBRA DE ARTE

A releitura de uma obra de arte é uma nova leitura, ou seja, uma nova criação de uma obra inspirada numa já existente.

É uma recriação de uma obra original com elementos novos, quando a releitura é contemplada é possível relacionar com a obra original na qual foi inspirada.

Não confundir releitura com cópia, a cópia pode servir para estudos, porém não é considerada uma criação artística. Já a releitura é uma criação onde se acrescenta sua interpretação e sua ideia a nova obra, podendo utilizar uma outra técnica, podendo ser feita por meio de fotografia, performance, escultura, desenho, intervenção, etc. o importante é manter o vínculo entre a obra original e o resultado final que é a releitura.

Observe abaixo exemplos de releituras e responda as questões:



Abaporu – Tarsila do Amaral



Releitura feita por um aluno.



autorretrato – Frida Kahlo / releitura fotografia

1. Como é feita uma releitura de uma obra de arte?

2. Podemos fazer releitura de obras de arte de várias maneiras, cite algumas formas de se fazer releitura:

3. O que é necessário para se fazer uma leitura de uma obra de arte?

4. Você acha que fazer uma releitura de uma obra ajuda a compreender melhor a obra original? Explique:

APÊNDICE 6

AULA 07

DITADOS POPULARES SOBRE A IMAGEM DA MULHER

AULA SÍNCRONA GOOGLE MEET; Apresentação de slide, comentários e reflexões sobre ditados populares referente a mulher.

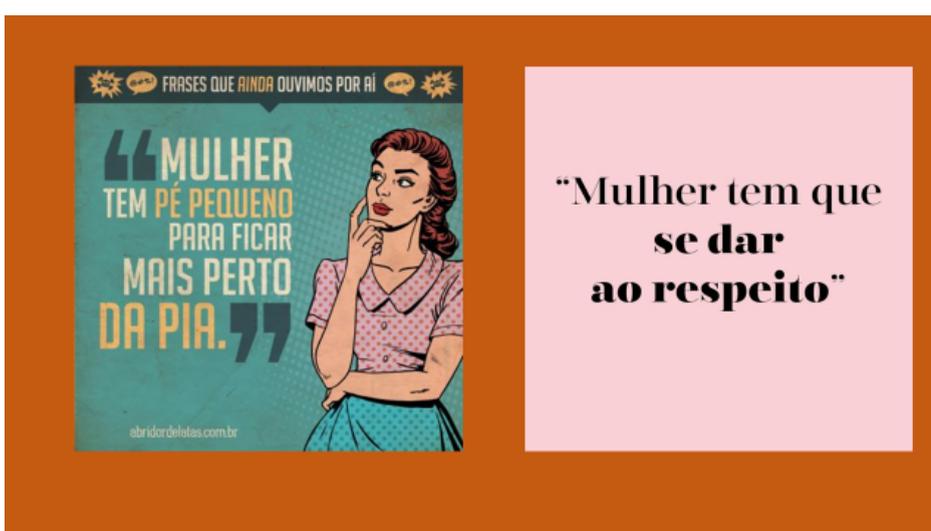
Frases machistas sobre a imagem da mulher

Alguns exemplos desses terríveis ditados:

- “Mulher no volante é um perigo constante”
- “Mulher só serve para dirigir fogão”
- “Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”
- “Guarde sua cabra porque meu bode está solto”

A nossa sociedade está em constante transformação e não se deve mais admitir esse tipo de “preconceito” sobre as mulheres.

- Outras frases machistas que depreciam as mulheres e enaltece os homens:
- - “Legal que você conseguiu se estabelecer, mesmo sendo mulher”
- “Ela foi muito macho”
- “Seu marido não liga se você trabalhar fora?”
- - “Só podia ser mulher”, quando acontece algo errado.
- “Se está vestida assim, tá pedindo pra ser assediada”







AULA ASSÍNCRONA GOOGLE FORMS

Texto e exercício:

Ditados populares sobre as mulheres:

Apesar de haver muitas discussões sobre as pautas femininas, as frases machistas e ditados populares que prejudicam as mulheres estão longe de acabar.

Todos os dias vemos gestos que caracterizam a desigualdade de gênero e a discriminação que foi enraizada nas pessoas, devido a naturalização desses gestos que foram introduzidos desde a infância, muitas situações podem passar despercebidas.

É comum ouvirmos frases depreciativas para as mulheres e frases que exaltam a masculinidade.

Nas tarefas domésticas, no relacionamento, no trânsito, na vida escolar, e também no ambiente profissional, as atitudes e frases machistas são ditas sem nenhum respeito às mulheres que em muitas situações ficam caladas por medo de não serem levadas a sério ou até mesmo de se exporem.

Exemplos de frases machistas que as mulheres estão cansadas de ouvir:

- “Legal que você conseguiu se estabelecer, mesmo sendo mulher” como se houvesse um tipo de profissão que a mulher não seja capaz de desenvolver.

- “Ela foi muito macho” como se os homens fossem melhores para resolverem certas situações e que as mulheres não são capazes pelo fato de ser mulher.

- “Só podia ser mulher”, quando acontece algo errado, levando a uma crença de que as mulheres erram mais que os homens.

- “Seu marido não liga se você trabalhar fora?” Ninguém pergunta aos homens se as mulheres se importam se eles trabalham fora, até porque poucos homens aceitam opiniões das mulheres.

- “Vai dar conta de cuidar dos filhos, casa e vida profissional”, como se as tarefas de cuidar da casa e filhos fossem apenas da responsabilidade da mulher.

No campo da sexualidade, os ditos populares reforçam o machismo e a violência que foram se perpetuando ao longo do tempo e que foi naturalizado devido a visão machista ainda existente.

Alguns exemplos desses terríveis ditados:

- “Mulher no volante é um perigo constante”

- “Mulher só serve para dirigir fogão”

- “Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”

- “Guarda sua cabra porque meu bode está solto”

Existe muitos outros ditos desse nível, porém a proposta coerente é que fiquemos alertas para o uso desse tipo de linguagem, o mais sensato é compreendermos que esses tipos de frases e ditados machistas, ainda que tradicionais, não devem ser aceitos na sociedade atual, sejam, pois, a cultura está em constante transformação e cabe a nós sermos agentes dessa transformação.

Observe as imagens abaixo e responda as questões:

“Trabalho doméstico é aquilo que a mulher faz mas ninguém percebe, a menos que ela não faça.”

- Evan Esar



Loving Life **at** Home

FRASES QUE AINDA OUVIMOS POR AÍ

EM BRIGA DE MARIDO E MULHER, NINGUÉM METE A COLHER.



alriadordeletas.com.br



1. O que você acha dessas frases machistas?

1. Será que esses ditados podem prejudicar a autoestima de algumas mulheres? Explique:

2. Observe as imagens acima, mesmo que esses ditados populares sejam uma tradição cultural, você concorda que não cabem mais na nossa sociedade atual? Justifique:

3. Você discorda do ditado “Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”? Comente:

APÊNDICE 7

AULA 08

AULA PRESENCIAL

Desenvolvimento de desenhos e pinturas, desenho livre dirigido, revisão dos elementos da linguagem visual estudados nas aulas durante toda formação do ensino fundamental I e II.

AULA ASSÍNCRONA GOOGLE FORMS

O desenho, técnicas e estilos

Texto e exercício:

O desenho é a representação de seres, paisagens, objetos etc. feita sobre uma superfície, por meios gráficos, com instrumentos apropriados.

É uma forma de manifestação da arte, o artista transfere para o papel ou outros suportes, imagens e criações da sua imaginação. É basicamente uma composição bidimensional (algo que tem duas dimensões) constituída por linhas, pontos e forma. É diferente da pintura e da gravura em relação à técnica e o objetivo para o qual é criado.

O desenho é utilizado nos mais diversos segmentos profissionais, tornando a arte diversificada a diferentes contextos.

Há desenhos simples onde é empregada pouca técnica e outros onde a sofisticação se faz presente. Atualmente, existem cursos técnicos e superiores direcionados ao desenho, quando são trabalhados todos os seus aspectos, criando assim profissionais capacitados na arte de desenhar.

É a partir dessa representação que o desenho pode apresentar uma forma figurativa de ser, ou seja, a reprodução da “aparência da realidade”. E, é nesse ponto que o desenho pode se classificar das seguintes formas: de memorização, de observação, criativo ou individual.

Desenho de memorização

Como o próprio nome já faz supor é um desenho feito com base em sua memória, em suas lembranças. Esse tipo de desenho consultamos apenas nossa memória para realiza-lo.



Exemplo de desenho de memória

Desenho de Observação

Trata-se de um desenho feito mediante a nossa observação direta de algum objeto ou modelo (objetos, animais, pessoas, plantas, lugares), todos desenhos reais e tridimensionais, ou seja, que dá a sensação de relevo, de algo palpável.

Desenho Criativo

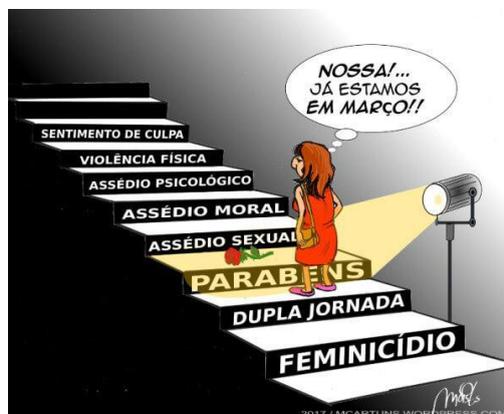
Aqui, o desenhista vai buscar elementos da realidade para “formar uma nova realidade”. Normalmente, é o tipo de desenho mais difícil, porém, o mais prazeroso. Também pode ser chamado de desenho abstrato, pois representa uma figuração, uma representação da realidade, e não da realidade em si.

Neste caso, o desenho pode ser classificado de duas formas bem distintas: dirigido ou livre.

Um **desenho dirigido** quando o seu tema for oferecido por outra pessoa, mesmo que o desenho, em si, seja livre. A forma como você vai desenhar será de sua total escolha, mas, precisa se ater ao tema que foi proposto.

Já um **desenho criativo** será livre quando depender, única e exclusivamente, da imaginação e criatividade, não precisando de meios de representação específicos para ser feito. Uma das principais características desse tipo de desenho é a espontaneidade.

Lembrando que, ainda podem existir outras subcategorias dentro do tema “tipos de desenho”, como a caricatura (um estilo de desenho que privilegia o exagero) e o cartoon (um desenho voltado mais para o humor e para a crítica). Veja exemplos:



Caricatura

Cartum

Responda as questões:

1. Quais as técnicas mais empregadas nos desenhos? _____

2. Se a professora passar para você fazer um desenho, dizendo que o tema é violência contra a mulher, esse desenho será:

- a. () desenho livre dirigido
- b. () desenho de observação
- c. () desenho de memória

3. Observe o Cartum acima e descreva o que ele está representando:

4. Qual a diferença entre o desenho criativo e o desenho dirigido?

APÊNDICE 8

AULA 09

AULA PRESENCIAL:

Aula sobre teoria e prática de pintura, desenvolvimento de pinturas, criação de cores por meio da mistura de tintas, relação e harmonia entre as cores.

AULA ASSÍNCRONA GOOGLE FORMS

Pintura, técnicas e estilos – texto e exercício

A pintura é um dos tipos de arte mais tradicionais e valorizados no mundo. Por meio dela grandes artistas expressaram ideias e sentimentos, deixando assim um legado inestimável.

É uma técnica que utiliza pigmentos em forma líquida para colorir uma superfície, atribuindo tons e texturas, esta superfície pode ser tela, papel, madeira, pedra, e até o corpo. A pintura é diferente do desenho por usar pigmentos líquidos.

A cor é o elemento essencial da pintura. A estrutura fundamental de uma obra é composta pela relação entre as massas coloridas.

A pintura faz parte da vida do ser humano desde a pré-história, está presente nos dias atuais e acompanhou o desenvolvimento das sociedades, no entanto, a partir do século XIX, com a criação da fotografia, ela sofreu um declínio. Atualmente, com a evolução da tecnologia a pintura adquire diversas técnicas, modelos e tendências.

A pintura se expressa através da superfície onde será produzida, e dos materiais, como pincéis e tintas, que lidam com os pigmentos.

PRINCIPAIS TÉCNICAS DE PINTURAS:

- **Pintura** têmpera/guache.
- Pintura a óleo
- **Pintura** de tinta acrílica.

- **Pintura** mural.
- Aquarela
- Afresco

PRINCIPAIS ESTILOS DE PINTURAS:

- Abstrata
- Realista
- Impressionista
- Rupestre
- Pintura corporal
- Grafite
- Pintura chinesa
- Pintura africana

ALGUNS EXEMPLOS DE PINTURAS:



Pintura corporal

É um tipo de expressão artística onde a “tela” utilizada pelo artista é o corpo. Esse tipo de pintura é muito antigo, visto ser utilizada por diversos povos da antiguidade.



Pintura figurativa (ou figurativismo)

É aquela em que notamos a presença de formas da natureza, seja pessoas, objetos, vegetação. As pinturas figurativas já eram produzidas pelas pessoas na pré-história, os quais representavam cenas de luta, caça e rituais.



Pintura abstrata

Na pintura abstrata, a arte pictórica é determinada pela ausência de formas da natureza. Ao contrário da pintura figurativa, em que encontramos as formas conhecidas, no abstracionismo a pintura é não-representacional de uma figura identificável, sendo formada basicamente por linhas e cores.

Leia o texto, observe as imagens e responda:

1. Quais as técnicas e materiais mais usados nas pinturas que você conhece?

2. Dos estilos de artes que você observou, qual você mais se identifica?

3. Quais os tipos de pinturas corporais você conhece?

4. Você acha que dá para expressar emoções por meio da pintura abstrata? Explique:

APÊNDICE 9

AULA 10

AULA PRESENCIAL

Escolha do material para exposição e criação do Instagram.

Fotografar os trabalhos para exposição.

Reflexão sobre o processo da pesquisa.

Debate sobre o processo das aulas síncronas e assíncronas.

Diálogo sobre as aulas da pesquisa.

Algumas falas das alunas e alunos:

“Gostei muito de participar da pesquisa, aprendi muito sobre gênero”

“Teria sido melhor se todas as aulas tivessem sido presenciais, mas foi bom assim também”

“Gostei muito de ter participado dessa pesquisa, aprendi muitas coisas”

“Gostei das aulas assim de forma remota, me deixou livre para fazer as atividades em casa com mais tempo”

ANEXOS

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Você está sendo convidado a participar da pesquisa sobre “EDUCAÇÃO, ARTE E GÊNERO: UMA ABORDAGEM POR MEIO DA LEITURA DE OBRAS DE ARTE”, desenvolvida por Maria do Carmo Barros Araújo, contato: (83)993522591, mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Artes em rede nacional – Prof-Artes/PB, da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Professor Dr. Arthur Marques de Almeida Neto. Seus pais permitiram que você participasse.

A pesquisa tem como objetivo geral analisar discursos de gênero, com foco nos estudos feministas, a partir da criação e exposição de trabalhos de artes visuais desenvolvidos pelas/os alunas/os na escola e como objetivos específicos listar os discursos de gêneros intrínseco ou explícito em obras de artes visuais, elaborar desenhos e pinturas a partir dos estudos sobre desigualdades de gênero e leitura de imagens, apontar os discursos sobre as questões de gênero derivadas de comentários sobre os trabalhos desenvolvidos pelas/os alunas/os na escola.

Pretendemos realizar oficinas de desenho e pintura, por meio da leitura de obras de arte de artistas mulheres que tratem nas suas obras o tema gênero, buscando investigar e analisar as contribuições e desafios dessa prática no ambiente escolar.

Você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. As crianças que irão participar desta pesquisa têm entre 13 a 15 anos de idade.

A pesquisa será feita na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Hugo Moura, com educandas e educandos dos 8ºs e 9ºs anos, utilizando o método da leitura de imagens, a partir de obras de artes visuais. Para isso, serão utilizados apresentação de slides com imagens de obras de artes, textos de apoio e questionários, para que possa ter um maior entendimento do tema estudado, diálogos sobre as questões sociais que envolva o tema gênero e suas violências, fotos, vídeos, e realização de desenhos e pinturas.

A pesquisa é considerada segura, mas é possível ocorrer riscos. Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelo nosso contato que tem no começo do texto. Mas há coisas boas que podem acontecer como a ampliação das possibilidades de expressão por meio do

desenho e pintura, estímulo à curiosidade crítica, fortalecimento das relações e interação social, entre tantos outros benefícios.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados em eventos da área de educação, artes e cultura, publicação em revistas científicas nacional e/ou estrangeira e meios acadêmicos, mas sem identificar as crianças que participaram.



CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa sobre “EDUCAÇÃO ARTE E GÊNERO: UMA ABORDAGEM POR MEIO DA LEITURA DE OBRAS DE ARTE”.

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar com raiva de mim.

Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

João Pessoa, 13 de dezembro de 2021.

Assinatura do (a) menor (a)

Assinatura da pesquisadora responsável

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba-UEPB, Campus I- Cidade Universitária – 1º andar – CEP. 58051-900 – João Pessoa/PB. (83) 3216-7791 – E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com